# OBRAS

## de Christovão Falcão

OBRAS DE CHRISTÓVÃO FALCÃO

# OBRAS

DE

# CHRISTÓVÃO FALCÃO

EDIÇÃO CRÍTICA

ANNOTADA

POR

AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS

BIBLIOTECA
PROF. DR. CARLOS DE ASSIS PEREIRA
I. L. H. P. - ASSIS

PORTO
Magalhães & Moniz — Editores
12, Largo dos Loyos, 12
1893

49135

UNESP - BIBLIOTECA
DATA 10.02.89
BCAP 8691
TOM: 49.195
F178o

BCAP
8691
F178o

AO HUMANISTA E ROMANISTA CONSUMMADO,

ORNAMENTO DA UNIVERSIDADE DE NAPOLES,

# AO SR. FRANCESCO D'OVIDIO

*O. D. C.*

EM TESTEMUNHO DE CONSIDERAÇÃO, AMIZADE E RECONHECIMENTO

*Augusto Epiphanio da Silva Dias.*

«Christovam Falcão... é o ultimo echo do alaúde provençal, modificado pelo gôsto hespanhol de Padron e de Stuniga.»

Dr. Theophilo Braga, *Obras de Christovam Falcão*, pag. 4.

# INTRODUCÇÃO

## I

Christóvão de Sousa Falcão pertencia a uma familia nobre do Alemtejo, de que fôra tronco João Falcão, uma das pessoas gradas que em 1386 vierão de Inglaterra para Portugal na comitiva da filha do duque de Lencastre, D. Filippa (1), e que neste pais desposou uma filha de Gonçalo Eannes de Abreu, senhor de Castello de Vide e Monforte. Foi filho primogenito de João Vaz de Almada Falcão, funccionario integro, que tendo servido o cargo de capitão da Mina morreu pobre como vivêra (2), e de D. Brites (ou Beatriz) Pereira, filha de Ruy Fernandes Pereira (3). Segundo o autor da *Bibliotheca Lusitana,* viu a luz em Portalegre. Se houvermos de dar crédito a Christóvão Alão de Moraes, acabou os seus

(1) Co duque muy afamado,
d'Aalemerasto nomeado,
rreynando el-rrey dom João,
veyo Mosem João Falcão,
hum cavaleiro estremado.

João Rodriguez de Sá no *Cancioneiro* de Rèsende, II 370, 4—9.

(2) «...foi capitam da mina he por bem seruir não troixo dinheiro he por isso viueo he morreu pobre». Ms. C. 1. 8 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

(3) Veja-se no fim do volume o quadro genealogico.

dias na India (1). Ignora-se-lhe a data do nascimento e do fallecimento, mas a sua vida coincidiu, com pouca differença, com o reinado de D. João III (1521—1557) (2).

De tenros annos ainda, Christóvão Falcão enamorou-se de uma menina formosissima (3), D. Maria Brandão, filha mais nova do opulento João Brandão, contador do Porto, e de D. Brites Pereira (4). No ardor da

---

(1) «não casou porque não foi com sua dama que segundo dizem foi D. Maria Brandão, filha de João Brandão de Coimbra e foi-se para a India onde morreo.» *Pedatura Lusitana Hispanica*, Ms. da Bibliotheca Municipal do Porto, tomo I.

(2) Se tres poesias quo no *Cancioneiro* de Rèsende (acabado do imprimir em 1516) são attribuidas a Bernardim Ribeiro, pertencessem a Christóvão Falcão, segundo affirma o Dr. Theophilo Braga (*Curso de Litteratura portuguesa*, pag. 212), havia Christóvão Falcão de ter nascido ainda no seculo XV; mas tal supposição é, conforme veremos adiante, inteiramente illegitima. No *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva lê-se que no Livro dos assentos da Casa da Misericordia de Evora, achou o Sr. Telles de Mattos a nota de quo a 24 de Maio de 1550 falleceu Christévão Falcão; mas pode muito bem ser que esto Christóvão Falcão fosso o filho primogenito de um irmão mais velho (por nome Gonçalo Falcão) de João do Sousa Falcão, e primo carnal do João Vaz de Almada Falcão.

Dados positivos para se determinar o tompo om quo viveu Christóvão de Sousa Falcão, são os seguintes:

a) Por patente de 20 de Abril de 1600 foi Christóvão Falcão de Sousa nomeado para o governo do Archipelago da Madeira, cargo que exercitou até 1603 (Ms. F. 2. 21 da Bibliotheca Nacional de Lisboa). Este Christóvão Falcão de Sousa era filho natural do Christóvão de Sousa Falcão (Ms. C. 1. 8 da mesma Bibliothoca). Foi posteriormente general de uma armada. (Por confundir o pae com o filho foi que Diogo Barbosa Machado suppôs o nosso poeta governador da Ilha da Madeira e general de uma armada).

b) Em 1571 era capitão do Salsete o segundo filho de João Vaz de Almada Falcão. No capitulo 34 da 8.ª década, fallando dos successos do anno de 1571 escreve Diogo do Couto «parte fo recolherão a Salsete, onde eftaua por Capitão Damião de Souza Falcão, irmão de Christouam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas, e nomeadas trouas de Criffal».

c) A primeira edição, com data, de obras de Christóvão Falcão é a feita por Birckman em 1559.

(3) «Quando vos dei a vontade
inda vós ereis menina
e eu do pouca idade.» Ecloga, est. 84.

(4) A filiação de D. Maria Brandão é dada pelo genealogista Alão de Moraes a folhas 90 e seu verso da obra já citada. Barbosa Machado só diz que era D. Maria Brandão «tão illustre por nascimento como celebre pela fermosura».

paixão os dois namorados contrahírão um casamento clandestino, sem duvida alguma dos que se chamavão «casamentos por palavras de presente» (1). Christóvão Falcão estava longe de ser morgado rico. Os parentes, pois, de D. Maria, escutando antes a voz do interesse, não tiverão a bem taes relações e tratárão de impedir que viesse aquelle consorcio a tornar-se valioso. A este fim puserão D. Maria longe da vista de Christóvão Falcão encerrando-a em um convento da Beira maritima (2), e, ahi, trabalhárão por alhear de Christóvão Falção o coração da criança calumniando de interesseiro o amor do

---

(1) Na edição de Birckman a carta de Christóvão Falcão traz a rubríca seguinte «Carta do meſmo oſtando preſo que mandou a hũa ſenhora com que era caſado a furto contra vontade de ſeus parontes della, os quaes a queriam caſar com outrem, ſobre que foz (ſegundo pareíçe) a paſſada Egloga». «Casar a furto» é oxpressão perfeitamente juridica. Uma lei de D. Affonso III diz: «Os cassamentos todos se podem fazer per aquelas parauoas que a santa eygreia manda atanto que seiam taaes que possan casar sen peccado. E todo cassamento que possa seer prouado quer seia a furto quer conhoçudamente vallrá se os que assy cassarem forem didade compryda como he de de costume» (*Portugalliae Monumenta, Leges et cons.* pag. 262). Sobre os casamentos clandestinos «por palavras do presente» e sobre a idade requerida para poderem contrahir-se dizom as Constituições do arcebispado de Lisboa promulgadas pelo cardeal infanto D. Affonso, filho de el-rei D. Manoel: «Iſſo meſmo per eſta preſente conſtituiçam declaramos aquelles terem idade perfeita: pera poderem caſar per palauras de preſente que forem. ſ. ho homem de quatorze annos e ha molher de doze; e de menos idade nam. E palauras de preſente ſe chamam aſſi como ſe diſeſſem. Eu te recebo por marido: ou molher: aſſi como manda a ſancta igreja de Roma: ou eu te hei por minha molher: ou outras ſemelhantes ou oquipolentes. Porem ſe ho homem for de quatorze annos e ha molher menos de doze: ou ha molher de doze e ho homem menos de quatorze: aquello que he em idade perfeita: nam se deue arrepender: o deue eſperar ate que venha o outro a ſua idade perfeita: e ſe ho contradiſſer podera cada huũ fazer de ſi ho quo lhe bem vier. E ſe ho nom contradiſſer e conſtar que perseuera na mesma vontade: entam fica ho matrimonio valioso de hũa parte e da outra: saluo ſe ha malicia ſupre a idade» (tit. VIII, const. I, fol. 16 v. da edição de 1537). Acerca d'este assumpto veja-se a luminosa exposição de A. Herculano nos *Estudos sobre o casamento civil.*

(2) «Enquerírão o que teria
e do amor não cuidarão.» Ecloga, est. 6.

«Então deſcontentes d'iſto
levárão-na a longes terras,
eſcondêrão-na antre ſerras
onde o ſol não era viſto» Ecloga, est. 7.

poeta (1) e promettendo buscar-lhe um grande casamento que haveria de contentá-la plenamente (2). O plano diabolico teve, como era natural, o exito desejado e D. Maria Brandão sahiu em fim do convento Laurbanense para dar em Elvas a mão de esposa a Luis da Silva, aquelle que foi capitão de Tanger (3). O que foi feito de Christóvão Falcão depois de ver assim cortadas de vez as suas esperanças, é incerto. Segundo Barbosa Machado foi viver para Evora, segundo Alão de Moraes embarcou para a India.

Conforme já dissemos, deixou um filho natural, de nome Christóvão Falcão de Sousa, que foi casado com sua prima D. Maria de Castro, filha de Damião de Sousa Falcão, da qual houve dois filhos varões e uma filha. D'este Christóvão Falcão de Sousa foi bisneto Antonio de Sousa Falcão, que era vivo em 1705 (4) e foi marido de uma filha de D. Antonio Carcomo.

## II

De Christóvão Falcão existem duas composições impressas, ambas relativas á historia dolorosa dos seus amores, uma e outra anonymas: uma ecloga e uma carta. A ecloga, o monumento que lhe dá lugar prominente na nossa historia litteraria, foi-lhe constantemente at-

---

(1) «porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que moſtras ter-mo
ſer ſó por minha riqueza.» Ecloga, est. 80.

(2) «e que então me buſcarão
hum mui grande caſamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão.» Ecloga, est. 90.

(3) «D. Maria Brandão..., a qual havendo estado recolhida no Convento Cisterciense de Lorvão se despozou na cidade de Elvas» (Barbosa Machado). «D. Maria Brandão, mulher de Luis da Silva, capitão que foi de Tangor,...» (Alão de Moraes, ms. já citado, f. 90 e seu verso).

(4) Mss. B. 6. 24 da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

tribuida; a paternidade da carta tambem não lhe foi jamais contestada (1).

Na sua edição das *Obras de Christovam Falcão* o dr. Theophilo Braga attribue a este poeta mais quarenta e nove composições miudas, a saber: as poesias (excepto duas) que no volume impresso por Birckman vem estampadas em seguida á carta de Christóvão Falcão (da folha 153 em diante), e mais duas (as duas ultimas da edição do dr. Th. Braga), que no mesmo volume estão depois da 5.ª ecloga de Bernardim Ribeiro. Mas o editor allemão, alêm de fechar o indice (que vem no verso do frontispicio) com estas palavras: «Hũa carta do dito. Hos preſos contam os dias. Mil annos por cada dia. E outras couſas que entre lendo se poderam ver», no corpo do livro de modo nenhum nem directa nem indirectamente attribue a Christóvão Falcão ou a outro autor as poesias que vão da f. 153 (em que termina a carta de Christóvão Falcão) á f. 171, a ultima do volume; somente uma cantiga, a que principia por «Olhos que vam» (na edição do dr. Th. Braga, a pag. 26) tem no alto estas iniciaes «A. L»; a immediata tem por titulo «Outra do dito», e a seguinte a esta «Outra do mesmo». D'aqui se vê que o editor allemão estava longe de haver

---

(1) 1) No indice do volume português impresso por Birckman em 1559 lê-so «... Hũa muy nomeada e agradavel Egloga chamada Crisfal, que diz. Entre ſintra a mui prezada. Que dizem ſer de Christovam falcam, ho quo pareco alludir ho nome da meſma Egloga.

Hũa carta do dito, Hos preſos contam os dias. Mil annos por cada dia».

2) Diogo do Couto (1542—1576) na docada VIII fallando de Damião do Sousa Falcão oscreve: «... irmão de Chriſtouam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas, e nomeadas trouas de Crisfal» (pag. 164 da edição de 1673).

3) Manoel de Faria o Sousa (1590—1649) no commentario á 4.ª ecloga de Camões (pag. 256, col. 2.ª) diz «assi como Christoval Falcam, Autor de las buenas coplas de Chrisfal, fabricò este nombre, de su nombre, y apellido; tomando deste el *fal*, y de aquel el *Chris*...».

4) Antonio dos Reis (1690—1738), memorando no *Enthusiasmus poeticus* o nosso poeta, põe em nota (ao numero 140): «*Christophorus Falco edidit: Chrisfal, Ulyssipone apud Antonium Alvares* anno 1639».

5) Diogo Barbosa Machado (1682—1772) dá a Christovão Falcão por autor da Ecloga e de uma obra cynegetica manuscrita.

6) Demais varios mss. genealogicos, v. g. o C. 1. 18 da Bibliotheca Nacional do Lisboa, dão a Christóvão Falcão por cognomo «o Crisfal».

estas poesias por sahidas de uma mesma penna. Não é pois licito invocar a autoridade de Birckman para attribuir a Christóvão Falcão aquellas composições. Mas d'estas poesias anonymas havera algumas que pertenção a Christóvão Falcão? E' meramente possivel que sim; todavia nenhuma d'ellas presenta caracteres, quanto aos pensamentos ou quanto á fórma, pelos quaes haja de attribuir-se ao nosso poeta. De cinco sabemos com certeza que não lhe pertencem, por isso que no *Cancioneiro* de Rèsende, onde tambem se encóntrão, são attribuidas positivamente tres (a cantiga «Senhora neſſe amarelo», a «Antre tamanhas mudanças», e a «Antre mi meſmo e mim») a Bernardim Ribeiro, duas (a cantiga «Coitado quem me daraa», e a «Comiguo me deſauim») ao dr. Francisco de Sá (1).

---

(1) A primeira das cantigas de Bernardim Ribeiro incluidas no *Cancioneiro* de Rèsende (III 539) e que traz a rubríca «De Bernardim Rribeiro a hũa ſenhora que ſo viſtio d'amarello», é na lição da edição de Birckman, que differe da lição do *Cancioneiro* de Rèsende:

Senhora nesse amarelo
que trazeis mo çertefica
que he voſſo ſoo ho trazello
e meu ho que senefica:
Que a door do deſeſperar
he tanto mal do sofrer
que nam he para paſſar
quanto mais para trazer

Mas yſto vai daquella arte
quando ſe entre montes brada
ho toom he em hũa parte
o em outra he a pancada
aſsi foy que a minha door
moſtrou em vos ho ſinal
porque ao menos na cor
vos lembraſſeis do meu mal.

A paginas 11 da sua edição das *Obras de Christovam Falcão*, o dr. Th. Braga diz o seguinte a respeito d'esta composição: «Ora o *amarello* só podia ser côr do pezar no caso de representar a cugula cisterciense; e em vista dos factos sabidos, só estava no caso de escrever esta cantiga Christovam Falcão, e não Bernardim Ribeiro pelo que se sabo da sua vida». Não chegamos a atinar como foi possivel ao dr. Th. Braga escrever estas linhas. Ponhamos de parte a consideração de que de uma pessoa que tomou habitos monasticos amarellos, ninguem dirá em português que «se vestiu de amarello». O sentido da poesia é perfeitamente claro. No symbolismo das cores, assim como o verde é a côr da esperança, é o amarello

E' facil de explicar o acharem-se as cantigas de que fallamos, incluidas no volume de Birckman. E' que o original era uma collecção de obras amatorias. A *Menina e Moça,* por que abre o volume, é uma novella de amores; amores são o assumpto das eclogas de Bernardim Ribeiro; a ecloga e a carta de Christóvão Falcão são paginas da historia dos seus amores; todas as demais cantigas pertencem ao genero amatorio.

A sextina «Hontem poſ-ſe o ſol» e a cantiga «Para mim naſceo cuidado», as duas ultimas das composições attribuidas a Christóvão Falcão pelo dr. Th. Braga, segundo o exemplar da edição de Birckman existente no Museo Britannico não pertencem a este poeta. A folhas 130 d'este exemplar, em seguida á quinta ecloga de Bernardim Ribeiro vem aquella sextina com o titulo de «Sextina de Bernaldim Ribeiro»; depois da sextina, separada pela palavra *Finis,* lê-se «Cantiguas com ſuas voltas que dizem ſer do meſmo Autor»; após esta rubrica vem em primeiro lugar a cantiga «Nam ſam caſado ſenhora», em segundo lugar, tendo por titulo «Outra», a cantiga «Para mim naſceo cuidado». (Em seguida, no verso da folha 132 começa a ecloga de Christóvão Falcão).

A chamada *Segunda parte de Crisfal* é uma producção de fr. Bernardo de Brito publicada pela primeira vez em 1597 na *Sylvia de Lysardo* com o titulo de «Sonho de Lysardo, que he quasi como a segunda parte de Crisfal».

---

a do desespero. Ora, servindo-so de um simile engenhoso diz o poeta que so dá entre elle e a dama o que acontece no echo: é o poeta quem tem na alma o desespero; é a dama quem traz no vestido o sinal do desespero.

Sobre as duas poesias pertencentes ao dr. Francisco de Sá veja-se o que diz a snr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos a pag. 742 da sua edição das obras poeticas de Sá de Miranda.

## III

As impressões dos trabalhos poeticos de Christóvão Falcão, de que ha memoria, são:

a) uma edição, em folheto de 16 paginas, da ecloga com o titulo de «Trouas de Chrisfal». Não traz declarado o lugar nem a data da impressão, mas deve pertencer aos meados do seculo XVI. Existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

b) a impressão da ecloga e da carta no volume publicado por Birckman em 1559, de que já temos fallado. Além do exemplar que pertenceu ao agora fallecido José Gomes Monteiro, e que serviu ao dr. Th. Braga para fazer a sua edição das *Obras de Christovam Falcão,* ha um no Museo Britannico, do qual tirámos, (estando em Londres em 1890) uma copia da ecloga e da carta.

c) uma edição da ecloga, feita em Lisboa em 1571, de que temos conhecimento unicamente pela memoria que d'ella faz o Diccionario Bibliographico de Innocencio Francisco da Silva.

d) um folheto de 24 paginas impresso por Antonio Alvares em Lisboa em 1619 com o titulo de «Primeira e segunda parte de Crisfal». Contêm primeiramente a ecloga, depois a «Segunda parte das trouas do sonho de Crisfal», em terceiro lugar a carta, e por ultimo, com o titulo de «Cantiga», os quatro primeiros versos da cantiga «Vi ho cabo no começo». (E' a primeira que vem no volume de Birckman depois da carta de Christóvão Falcão).

e) uma edição de 1639, feita em casa do mesmo Antonio Alvares. E' conhecida apenas pelo que diz Antonio dos Reis na nota do *Enthusiasmus Poeticus* por nós acima transcrita. E' porêm muito possivel que se imprimisse erradamente 1639 por 1619.

f) uma edição feita em Lisboa em 1721 na officina de Bernardo da Costa Carvalho com o titulo de «Primeira e segunda parte de Crisfal». Contêm justamente e pela mesma ordem o que se encerra na edição de 1619. Além do exemplar existente na Bibliotheca Muni-

cipal do Porto, de que se utilizou o dr. Th. Braga, ha outro no Archivo da Torre do Tombo, cujo conhecimento devemos á obsequiosa informação do snr. Pedro Augusto de São Bartholomeo Azevedo.

g) a edição do dr. Th. Braga publicada no Porto em 1871 «edição crítica, reproduzida da edição de Colonia de 1559, com a segunda parte apocrypha de 1721».

Vejamos o valor crítico das edições de que existem exemplares conhecidos.

As duas impressões mais antigas que se conhecem da ecloga, derivão ou directamente ou (por intermedio de edições desconhecidas) indirectamente de duas cópias manuscritas independentes uma da outra. Erão ambas estas cópias, bem que em gráo diverso, muito incorrectas, sendo que não forão tiradas do archétypo, aquella em que assenta a edição sem data, fóra de toda a dúvida, e a que serviu de base á edição de Birckman, com grande probabilidade.

Tambem a cópia manuscrita de que a edição de 1619 deriva ou immediatamente, ou, o que será mais provavel, por intermedio de alguma edição anterior, é independente das duas cópias de que fallámos, e ainda mais imperfeita. A isto accresce que a revisão das provas typographicas foi certamente descuradissima a julgarmos pelo texto que esta edição offerece da chamada segunda parte de Chrisfal, comparado com o da edição authentica de 1597.

A edição de 1721 não foi feita «sobre manuscriptos antigos mas completamente deturpados» como diz o dr. Th. Braga (a pag. 22 do *Estudo* por que abre a sua edição das obras de Christóvão Falcão), mas é sim uma pouco esmerada reproducção, com leves modificações, da edição de 1619.

Da sua edição das obras de Christóvão Falcão diz o dr. Th. Braga ser reproducção da edição de Birckman. De feito, á primeira vista parece quasi uma edição diplomatica (1). Depois de mais demorado exame, porêm, reconhece-se que a reproducção está mui longe de ser exacta, sendo que, alêm de nem sempre seguir, por ve-

(1) Assim conserva escrupulosamente graphias como *çegou*, *çerto*, *ysso*, *ydade*, *daar*, *cõ*, *Mõdego*, *años*, *honde*, *lançase* (carta, verso 49) etc.

zes desarrazoadamente, a lição da edição de Birckman sem todavia fazer a devida advertencia (1), por um lado não escasseião omissões de palavras ou de letras (2), e até de um verso inteiro na estancia 60 da ecloga, trocas de letras ou de palavras (3) e accrescentamento de palavras (4), e por outro não foi bastas vezes respeitada a orthographia da edição de Birckman até em casos em que á differença de graphia correspondia differença de pronunciação (5). Demais em dois lugares o dr. Th. Braga errou estranhamente a leitura (6).

A carta encontra-se, como já vae dito, na edição de Birckman e na de 1619, de que é reproducção a de 1721.

Se, conforme nos parece, não admitte duvida a existencia de uma lacuna no texto d'esta carta, assim na edição de 1559 como na de 1619, deve concluir-se que as cópias, ambas imperfeitas, em que directa ou indirectamente as taes edições assentão, provêm, em todo o caso independentemente uma da outra, de uma mesma cópia em que já existia esta lacuna.

Com respeito ao valor crítico, em geral, das diversas cópias antigas de uma mesma composição occorre ainda fazer um reparo. As estancias 51 e 52 da ecloga offerecem nas duas mais antigas edições não só meras variantes senão até versos inteiramente differentes. Tambem na esparça de Bernardim Ribeiro a uma senhora que se vestiu de amarello, a segunda metade da

---

(1) Veja-se o nosso commentario ás estancias 4/ verso 8, 6/6, 9, 7/8, 16/9, 10; 19/1, 2, 22/7, 23/2, 34/9, 42/3, 53/8, 55/9, 59/5, 62/3, 67/4, 5, 10, 69/4, 6, 8, 78/2, 98/5 da ecloga, e aos versos 14, 23, 27, 42, 71, 101 da carta.

(2) Veja-se o nosso commentario ás estancias 12/10, 13/7, 14/10, 48/10, 49/10, 50/3, 60/2, 76/6, 93/9, 99/10, 103/3 da ecloga.

(3) Veja-se o nosso commentario ás estancias 2/3, 3/5, 4/4, 6/3, 9/4, 15/8, 49/8, 50/1, 52/5, 54/10, 56/5, 61/3, 76/10, 79/8, 80/3, 81/4, 87/8, 96/1 da ecloga.

(4) Veja-se o nosso commentario ás estancias 2/8, 9, 51/4, 64/2, 73/6, 82/3, 95/10, 98/9 da ecloga.

(5) Veja-se o nosso commentario ás estancias 3/1, 7, 8, 7/8, 10, 20/2, 22/5, 25/5, 28/9, 30/10, 34/1, 6, 35/3, 38/8, 40/6, 47/4, 48/7, 49/3, 4, 51/2, 9, 54/4, 9, 56/6, 57/3, 59/2, 60/3, 73/2, 9, 76/9, 81/9, 84/6, 85/7, 97/9, 100/5, 9 da ecloga, e aos versos 27, 52, 62, 63, 66, 90, 96, 98, 112 da carta.

(6) Veja-se o nosso commentario ás estancias 32/9, 101/8 da ecloga.

primeira estancia tem uma redacção no *Cancioneiro* de Rèsende, outra no volume de Birckman. Por outro lado a ecloga de Christóvão Falcão não tem, na edição de Birckman a estancia 102 nem a 91 *a*. (Tambem lhe falta a estancia 88; mas este facto deve indubitavelmente ser lançado á conta de descuido ou de quem tirou a cópia, ou, menos provavelmente, do compositor typographico.) Qual será a origem de semelhantes diversidades de texto (e ainda de outras variantes que não pertencem ás categorias resenhadas no terceiro dos excursos que vão no fim d'este volume) em obras que não forão dadas á estampa pelos proprios autores e que andárão por muitas mãos em numerosas cópias manuscritas? O que mais de pronto lembra é, que taes differenças de texto provirão de emendas feitas pelos mesmos autores; mas tambem é possivel, pelo menos algumas vezes, que o possuidor de uma cópia, para, a seu juizo, melhorar o texto, substituisse um ou mais versos do original por outros seus ou até inserisse estancias da propria lavra, e que depois estas modificações, feitas á margem ou em entrelinhas, viessem em novas cópias tomar o lugar do texto primitivo. A esta ultima origem é que nos parece dever attribuir-se a estancia 92 *a* da ecloga de Christóvão Falcão.

## IV

Ordenando, pois, uma edição, verdadeiramente critica, das obras de Christóvão Falcão, seguimos em regra a edição de 1559 como aquella que menos eivada está de erros; deixámo-la, porêm, onde a edição sem data e a propria edição de 1619 (reproduzida, como dissemos, pela de 1721) nos parecem corresponder ao texto original, apresentando sempre em commentario especial as lições diversas, quando existem, de todas as quatro edições, e tambem as divergencias que ha entre o texto dado pelo dr. Th. Braga e o da edição de Birckman.

No que toca a orthographia seguimos, como era dever, a das duas edições do seculo XVI, notando no commentario as graphias—até aquellas que são meros erros typographicos—assim da edição de Birckman como da edição sem data, quando são differentes das que vão no nosso texto. Só deixámos de notar taes differenças quando consistem em terem aquellas edições til por *m* ou *n* (v. g. *cõ=com)* ou as conhecidas abreviaturas de *que, -pre, nenhum, nenhũa* (tanto mais que, em geral, as abreviaturas nas obras impressas tinhão por fim tornar possivel o caber o verso ou uma palavra inteira na mesma linha), em representarem por *am* o ditongo *ão,* por *y* o *i* final tonico (v. g. *ahy)* e o dos ditongos *ai, ei, oi, ui,* em cedilharem o *c* antes de *e* e *i,* e em representarem, como é uso constante nos tempos antigos, o som do *v* no interior das palavras por *u*. As differenças orthographicas das edições de Antonio Alvares e de Costa Carvalho não as notámos.

As duas mais antigas edições põem na ecloga dois pontos no fim da primeira metade de cada estancia, e inicial maiuscula no principio das estancias e da segunda metade de cada estancia. Fóra d'ahi só casualmente empregão pontuação ou letras maiusculas. Na carta a edição de Birckman começa com letra maiuscula a primeira palavra somente, e, no que toca a pontuação emprega duas vezes a virgula e uma vez os dois pontos. Nenhuma das duas edições fazem uso do apostropho nem dos accentos nem ligão as encliticas por meio do hyphen. Nós, a exemplo do que fez Kausler na edição do *Cancioneiro* de Rèsende, empregámos com regularidade as letras maiusculas e fizemos uso do apostropho, da risca de união e dos accentos. Para facilitar as referencias numerámos as estancias da ecloga e os versos da carta.

## V

Fecharemos esta introducção aventando uma conjectura acerca das datas relativas das duas composições que nos restão de Christóvão Falcão. A carta apresenta varios pensamentos que se encôntrão na Ecloga e expressos de modo semelhante. Assim que parecenos licito ver na carta um como que preludio da ecloga, tendo o poeta desenvolvido na ecloga as ideias que constituem o argumento da carta.

## SIGLAS

*A*=edição de Antonio Alvares de 1619.
*B*= » » Birckman de 1559.
*C*= » » Costa Carvalho de 1721.
*D*=*A* e *C*
*E*=lição nossa.
*F*=*B* e *S*
*S*=edição sem declaração de lugar nem data.
*T*=lição do dr. Theophilo Braga, differente da lição de *B*.

# EGLOGA

AUTOR

1. Antre Sintra, a mui prezada,
e ſerra de Riba-Tejo
que Arrábida he chamada,
perto d'onde o rio Tejo
ſe mette nagoa ſalgada,
ouve hum paſtor e paſtora,
que com tanto amor ſe amárão,

---

A ecloga tem por titulo em *B* «Egloga de Cristouam Falcam chamada Crisfal»; em *S* «Trouas de hum paſtor per nomo Chrisfal». *A* o *C* não trazem a rubríca «Autor».

Estancia I verso 1 *D* Entre Sintra mui. 3 *BA* que Arrabeda. *S* Carrabida. 4 *S* ho. Assim é que *S* escreve quasi sempre o artigo e pronome demonstrativo masculino *o*. Por isso notaremos só os lugares onde *S* deixa de por *h*. 5 *B* maguoa (erro typ.) ſalguada. *T* n'agoa salgada. 6 *T* Houve. 6 *S* huũ. *T* um. 7 *B* amaram. Em *B*

A rubríca «Autor» e as demais rubrícas da ecloga parece-nos pertencerem ao manuscrito original. Rubricas semelhantes occorrem v. g. nas eclogas do Bernardim Ribeiro, no *Cancioneiro* de Rèsende I 80 sgg.

I 1. *antre*, fórma corrente na litteratura antiga, ouve-se ainda na boca do povo em algumas partes do país. Factos phoneticos analogos são, por exemplo, *Anriquc*, *ansinho* ao lado do *Henrique*, *ensinho*. Esta modificação dá-se unicamente em syllabas iniciaes átonas ou em palavras procliticas como é a preposição *entre*.

1-5. Revelar-nos-hão estes versos, segundo crê o dr. Th. Braga (obra citada, pag. 7), o sitio que viu os primeiros amores do poeta, ou, tendo na mente a lenda do pastor Endymião e de Diana, a deosa do promontorio da lua (lenda quo era assumpto de um antigo soláo ao qual se refere Sá de Miranda na ecloga o *Encantamento*), descreverá Christóvão Falcão um theatro convencional de scenas amorosas?

6. *hum paſtor e paſtora*, com o artigo subentendido do primeiro substantivo para o segundo como neste lugar de Bernardim Ribeiro: Mas ſe ha (=a) alma e entendimento | nam morrem com ho corpo (ecl. II).

como males lhe cauſárão
d'eſte bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cuidárão.

2. A ella chamavão Maria,
e ao paſtor Chriſfal,

---

o ditongo *ão* vem sempre escrito *am*, quer quando átono (v. g. *amaram*, preterito), quer quando tonico (v. g. nos futuros, *velaram*, est. 64), e isto tanto nos verbos como nos nomes (v. g. *cham*, est. 69) e nas particulas (v. g. *nam*). *ão* occorre unicamente em *mão* na est. 41, v. 10. *S* emprega as duas graphias arbitrariamente; oscrovo, por exemplo, *amaram* no verso 7.º d'esta estancia, o *cauſarão* no 8.º. *T* nas fórmas verbaes tónicas escreve *ão*. 8 *S* malles. 8 *B* cauſſaram. 9 *F* eſte. *D* deſte. 10 *S* cudaram.

II 1 *B* A ella. *S* Ella. 2 *F* e ao. *D* a elle. 2 *BD* Crisfal (sem·

8. *lhe* como plural, a não ser quando seguido do pronome enclitico *o* (v. g. *lh'o*) deixou de todo do ser corrente na litteratura, mas só no seculo actual.

8-9. A lição de *F* não dá evidentemente sentido que quadre a este lugar.

9. *fôra* equivale a *existira*. E' tomado em sentido optativo, cf. «Tempo foy que nunca fora» (cantiga anonyma do volume de Birckman); «tempo quo foi e que nunca fora» *(Menina e Moça*, f. 8 v. da edição de Evora); «gloria | Que me fora melhor que nunca fora» (Sá de Miranda pag. 597 da ed. de D. Carolina Michaelis, á qual sempre me refiro); «hiſtoria d'eſte paſſado bem que nunca fora» (Camões, Son. 8).

10. *foi*=sahiu, veiu no fim a ser. E' mui frequente nos escritores antigos o trocadilho que consiste em entrar na mesma frase uma palavra com sentidos differentes. Assim tem o verbo *ser* neste verso a accepção que notámos e no verso antecedente a de «existir». De igual modo está em accepções differentes *mal* na est. 2 v. 4-5, *guardar* na 3 v. 8-10 e na 46 v. 7-8, *bem* na 4 v. 8-9, *chorar* na 8 v.4-5, *dó* na 33 v. 4, *dar* na 58 v. 1-2, *defender* na 78 v. 9-10, *vontade* na 80 v. 2 e 4, *comprir* na 91 v. 9-10, *passar* na 93 v. 6-7, *acordar* na 99 v. 9-10, *dobrar* na 100 v. 3 e 5. Tambem é analogo o trocadilho entre *grado* e *agradar* na 37 v. 9-10.

10. A fórma *cudaram* que vem com *S* representa uma pronuncia popular em que o *ui* so condensou com *u* como com *cutello* de *cuitello* (=lat. *cultellus*), e que não é rara de encontrar nos autores antigos v. g. no dr. João de Barros *(Espelho de casados* f. 1 v.) *cudo*, em Leitão de Andrade *cudo* (pag. 60 e 98 da 1.ª ed. da *Miscellanea*), *cudei* (pag. 75), *cudando* (pag. 84).

II 1. Ainda no seculo XVI os pronomes femininos *esta*, *essa*, *ella* erão pronunciados com o *e* fechado. Quando se lhes antepunha a preposição *a*, esta particula contrahia-se frequentemento com o *e* inicial do pronome dando um *e* aberto (v. g. *ésta=a ésta*, *éste=a êste*). Os passos do *Cancioneiro* de Rèsende em que se dá esta contracção forão colligidos por Cornu no tomo XII da *Romania*. E portanto possivel que a lição de *S (élla* do *a êlla)* seja a original.

ao qual de dia em dia
o bem ſe tornou em mal,
que elle tão mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não ſe ver tanto ſentião,
que o dia, que não ſe vião,
ſe via na saudade
o que ambos ſe querião.

3. Algũas horas falavão
andando o gado pacendo,
e então apacentavão
os olhos, que, em ſe vendo,
mais famintos lhe ficavão.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidado
de guardar milhor, que o gado,

---

pro assim). *S* Chriſſal (sempre assim). 3 *BD*ao, *S* ho. *T* o ó. 4 *D* ſe lho tornou mal. 5 *S* elle mal. *D* elle bem mal. 6 *F* ydade. 7 *B* veer. 8 *SD* o dia que ſe nam viam. *T* o dia em que nam se viam. 9 *S* viam. 9 *T* na sua saudade. 10 *B* ambos ſe. *SD* ſe ambos.

III 1 *T* Algumas (*T* escreve sempre *huma, alguma, nenhuma*). 1 *S* oras. 2 *B* paſçendo. *S* paſſendo. 3 *B* ſe apaſçontauam. 5 *FC* lhe. *A* lhes. *T* se. 6 *F* com quanto. *D* em quanto. 7 *SAT* pequena. 8 *B*

3. A contracção de *ao* em *o* quo ainda actualmente não é raro ouvir-so na prática familiar, não se estranhava, no português archaico, nas proprias obras litterarias. Occorre, por exemplo, no *Cancioneiro* de Rèsendo (na fórma *ho*) III 175, 11; 616, 19; 624, 2; (na fórma *oo*) II 523, 2; III 144, 25; 176, 19; 659, 24; (na fórma *o*) III 560, 16, etc.; em Bernardim Ribeiro nas eclogas *(dar ho mar)*, em Sá de Miranda *(ó longe e ó perto*, pag. 71). Assim quo podo ser que Christóvão Falcão tivesse escrito *ho qual*.

8. Em *o dia que* ha a mesma construcção que em *aquelle dia que* na est. 5 v. 2-3, e neste lugar do *Cancioneiro* de Rèsendo «Os dias quo nam vos vejo | moyro triſte deſojando (II 138, 7-8).

10. No português antigo a intercalação de palavras entre as fórmas átonas dos pronomes *(me, te, nos, vos, se, lhe, lhes)* o os verbos tinha muito maior liberdade do que actualmente. Não se pode, pois, determinar se é a lição de *B* ou a de *S* a original.

III 1. Durante todo o seculo XVI a pronuncia das fórmas femininas de *um* o seus compostos *algum, nenhum*, foi como até então, *ũa, algũa, nenhũa*.

3-5. Parece haver aqui uma reminiscencia do passo do Lucrecio (I 35-36): *(Mavors) suspiciens tereti cervice reposta | Pascit amore avidos inhians in te, dea, visus*, imitado tambem por Tasso: *E i famelici sguardi avidamente | In lei pascendo (G. L.* XVI 19, 1-2).

7. *piquena* é a graphia antiga

o que lhe Chrisfal dezia;
mas em fim foi mal guardado.

4. Que depois de aſſi viver
neſta vida e neſte amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
em fim ſe ouve de ſaber
por Joana, outra paſtora,
que a Chrisfal queria bem.
—Mas o bem, que a tal vem,
não ſer bem maior bem fôra,
por não ſer mal a ninguem.—

5. A qual logo aquelle dia
que ſoube de ſeus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e ſabedores
de tudo quanto ſabia.
Chrisfal não era então
dos bẽes do mundo abaſtado
tanto como do cuidado,
que por curar da paixão
não curava do ſeu gado.

---

milhor que ho guado. *T* melhor que o gado. *SD* milhor (*D* melhor) ſeu gado. 9 *A* do que. *C* de que.

IV 1 *B* Que depois. *S* Deſpois. *D*. Depois. 1 *CT* aſſim. 3 *S* dalcançado. 3 *B* teer. *T* ter. 4 *DT* para (*C* sempre assim). 4 *FD* mor. *T* maior. 5 *SD* ſe ouue em fim. 8 *B* que de tal. *S* quo do tal. *D* que a mal. *T* que de mal. 10 *F* ſer. *D* vir.

V 1 *B* loguo. *T* logo. 1 *F* aquelle. *D* em o. 4-5. *S* traz invertida a ordem d'estes versos. 7 *SDT* bons. 8 *SD* de. 9 *S* de. 9 *A* que procuraua da paixão. *C* quom procura da Payxão. 10 *C* nunca curava. 10 *DT* de. 10 *B* guado. *T* gado.

mais vulgar, correspondente á pronuncia que é ainda corrente não só no povo, senão ainda em pessoas cultas. O mesmo acontece com *milhor* (em que a passagem do *e* latino de *melior* para *i* é devida á influencia da consoante palatal *lh*).

IV 1. *Que* é particula causal, correspondente, no emprego, ao latim *nam* ou *enim*. Do igual modo na est. 5 v. 9, na 11 v. 6, 12 v. 4, 13 v. 7, 15 v. 9. Ambas as fórmas, *depois* e *despois* se encôntrão no português antigo.

8-9. *bem* nos dois primeiros lugares é synonymo de «bem-querer»; no terceiro, de «felicidade».

8. *a tal vem*=vem a dar um tal resultado.

V 1. *A qual*. Nos escritores antigos é corrente o emprego do pronome relativo em vez do demonstrativo á maneira do latim.

7. Este verso acha-se tambem na ecloga segunda do Bernardim Ribeiro.

6. E como em a baixeza
do ſangue e penſamento
he certa eſta certeza
cuidar que o merecimento
eſtá ſó em ter riqueza,
enquerírão que teria
e do amor não curárão,
em que bem ſe deſcontárão
riquezas que falecião
por males que ſobejárão.

---

VI 2 *SD* de. 3 *S* era corto. *D* eſtá certa. *T* ha certa. 4 *B* mericimento. *T'* merecimonto. 5 *B* eſtaa ſoo em teer. (*B* escreve sempre *ſoo*). *T* estaa só em teer. 6 *B* Emqueriram que. *T'* Emqueriram o que. *SD* preguntaram ho que. 7 *T* o [erro typ.] do amor nam curaram. *S* que d amor nunca cudaram. *D* que de amor [*C* d amor] nunca cuidárão. 9-10 *B* riquezas ſe faleciam | por males que ſobejauam. *S* riquezas que falecia | por males que ſobejaram. *T* riqueza so falecia | por males que sobejaram. *D* (ſe riqueza falecia) | mil males quo ſobejárão.

VI 3. Cf. na est. 80 v. 6 «Que mo dão certa certeza (=certoza absoluta). Tambem Chiado na *Pratica de oito feguras* diz: «Senhor, he certa certeza | viver homem deſcontente | naqueſta vida preſente».

6. No português antigo, em orações interrogativas indirectas tanto so diz *que* como *o que*. Olhando a que em Christóvão Falcão as synereses violontas são pouco vulgares, temos por preferivel a lição de *B*.

8-10. Evidentemente nem *B* nem *S* apresentão a lição original d'estes tres versos. Em *D* ha sem duvida uma tentativa do correcção, a nosso juizo, pouco feliz. A lição que damos no texto é a quo nos parece provavel, sendo que só com ella conserva a construcção da frase antithetica («riquezas que falecião», «males quo sobejárão») o parallolismo que o poeta certamente queria que houvesse. Não deve escandalizar muito a falsa rima de *teria*, com *falecião*. Não só na antiga litteratura e na poesia popular, senão até em poetas contemporaneos apparecem rimas falsas analogas. Do autor do *Ramo de flores* e das *Flores do campo* cita o snr. Leite de Vasconcellos (na *Poesia amorosa do povo português*, pag. 41) as rimas *foi — suppõe, justiça — pinça, confesso — immenso, outro — encontro*. Sá do Miranda rima *ũa* com *sua* (pag. 241) e *poo* (=pó) com *voo* (pag. 159).

7-10. *em que* é conjuncção concessiva; occorre ainda na est. 9 v. 2, 44 v. 4, 101 v. 6. *deſcontárão* é condicional (=*descontarião*). No português antigo dizia-se *descontar uma cousa por outra* ou *em outra* fallando-se de um bom ou um mal que é contrabalançado por outro mal ou outro bem, v. g. «Com pouco trabalho fizemos duas jangadas, mas bem se descontou isto no muito que

7. Então deſcontentes d'iſto
levárão-na a longes terras,
eſcondêrão-na antre ſerras
onde o ſol não era viſto,
e a Chriſfal deixárão guerras.
Alêm da dor principal,
pera mor pena lhe dar
puſerão-no em lugar
mao pera dizer ſeu mal,
mas bõo pera o chorar.

---

VII 1-2 *SD* tem invertida a ordem d'ostos versos. 1 *D* deſcontente. 1 *SD* diſſo. 2 *F* leuaramna. *A* Leuarão. *C* Lovárão-no. 2 *SD* longuas. 3 *C* eſconderão-no. 3 *B* entro hũas ſerras. *S* antres ſerras. *D* entre ſerras. 4 *B* honde. 4 *S* ho ſol nunca era viſto. *D* ſol nunca foy viſto. 5 *BD* e a. *S* a. 7 *D* para. 7 *T* moor. 7 *B* daar. *T* dar. 8 *FA* puſeramna. *CT* puzeram-no. 8 *B* luguar. *SDT* lugar. 9 *F* mao pera. *DT* máo (*T* mau) para. 10 *B* mas. *SD* o. 10 *B* boom. *SDT* bom. 10 *D* para.

depois tivemos» (*Historia Tragico-Maritima* I pag. 84) «e ſſe por conſſentidor | pena algũua merecy, | deſconte-ſſe pola dor | que de ver-uos rreçeby» (*Cancioneiro* de Rèsende I 378, 13-16); «E [o tempo] deſconta [impresso erradamento *deſcanta*] em mil annos de desgoſto | Hũ'hora em quo amoſtrou alegro o roſto» (F. Alvares, *Lusitania transformada* f. 75 v.); outro exemplo ainda nesta ecloga na est. 44 v. 44-45.

VII 2. E' possivel que *longas* seja a lição original. Orta no cap. 17 dos *Colloquios* diz: «de longas terras», e Manoel Machado de Azevedo: «Os santos de longas terras | Sempre forão mais buscados (na edição de Sá de Miranda já citada, pag. 673). Tambem *longus* tem ás vezos em latim a significação de «alongado, longinquo», v. g. *longas terras et ignotas regiones peragravi* (Pseudo-Quintiliano no *Diccionario latino* de Freund); *aquationc enim longa ulebalur* (o autor do *Bellum Africanum* 51).

3-4. Do mosteiro de Lorvão escrovo A. Herculano: «mosteiro melancholico o mal assombrado como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados (*Opusculos* I 195). No 4.º verso e nos versos 1-5 da est. 77 haverá uma reminiscencia dos versos 375-378 (da ed. de Boissonade) da *Electra* de Sophocles, assim traduzidos por Belloti: «In punto stan, se il lamentar non cessi, | Di relegarti ove del Sol la luce | Non vedrai più: da queste mura lungi, | Viva rinchiusa in sotterranoo speco, | Te ne dorrai»?

5. *guerra* por «inquietação atormentadora», é frequente no português antigo, v. est. 50 v. 2, 92 v. 4, e «nam queiras por outrem dar | a ty mesmo tanta guerra» *Cancioneiro* de Rèsende I 127, 19-20; «saudade me daa guerra» ibd. II 491, 19.

8. Alli os dias paſſava
em magoas da alma faídas
dizer a quem longe eſtava,
e chorava por perdidas
as horas que não chorava,
em valle mui ſolitario,
ſombrio e ſaudoso
ſendo monte temeroso,
pera o choro neceſſario
pera a vida mui danoſo.

9. Dizer o que elle ſentia,
em que queira, não me atrevo,
nem o chorar que fazia,
mas as palavras que eſcrevo
são as que elle dezia.
Alli sobre hũa ribeira
de mui alta penedia,
d'onde a agoa d'alto caía,
dizendo d'eſta maneira
eſtava a noite e o dia.

---

VIII *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *B* maguoas. *T* magoas. *S* magaos. 2 *S* d alma. 2 *B* saidas. *S* saydas. 6 *B* vale. 6 *S* muy salutario. 7 *S* e muy ſaudoſo. 9 *S* pera chorar.

IX 1 *FA* elle. *C* amor. 2 *BC* em que. *SA* que. 4 *FD* mas. *T* nom. 7 *F* de. *D* da. 8 *B* a aguoa. *ST* a agoa. *D* agoa. 8 *D* de alto. 8 *B* caya. *SD* corria. 10 *B* a noito o o dia. *S* noyte he dia. *D* do noite e dia.

VIII A segunda metade d'esta estancia que não vem em *D* não se liga bem, grammaticalmente, á primeira parte, nem apresenta sentido claro. Duvidamos pois bastante da sua authonticidade.

2-3. Cf. *Lusiadas* IX 82, 4 «as namoradas magoas que dizia».

4-5. Cf. «A ora oy por pordida | que passo sem na oulhar (*Cancioneiro* de Rèsende III 56, 15-16).

IX 1-2. Ligar immediatamente o infinito ao verbo *atrever-se*, (como «*Dizer—não me atrevo*) e aos demais verbos que actualmente se construem com a preposição *a* ó vulgar no português antigo.

2. Christóvão Falcão emprega em outros lugares (est. 12 v. 8, 22 v. 1) *que* na accepção concessiva de *em que*. Não é portanto impossivel ser a lição de *S* a originaria.

8. Cf. «agua quo cai de alto» Sá de Miranda, pag. 81.

FALLA CHRISFAL

10. Os tempos mudão ventura,
—bem o ſei pelo paſſar,—
mas por minha grão triſtura
nenhuns poderão mudar
a minha deſaventura.
Não mudão dias nem annos
ao triſte a triſteza,
antes tenho por certeza,
que o longo uso dos danos
ſe converte em natureza.

11. Coitado de mim, coitado,
pois meu mal não ſe amanſa
com choro nem com cuidado.
Quem diz que o chorar descanſa,
he de ter pouco chorado;

---

X *B* não tem a rubrica «Falla Chrisfal». 2 *S* e eu ſy pellos paſſar. *D* e em tudo o vejo paſſar. 3 *D* mas he por minha triſtura. 4 *B* puderam. *SD* poderam. 6 *B* tempos nem annos. 9 *B* longuo. *T* longo. 9 *B* vſo. *T* uso. *S* huſo. 9 *SD* dos annos. 10 *B* couerte. *T* convorte.

XI 1 *S* mi. 1 *B* (no fim do verso) cuitado. *T* coitado. 2 *F* pois. *D* que. 2 *F* amança. 4 *BD* o chorar. *S* chorar. 4 *B* deſcança.

X A falla de Chrisfal vao até a estancia 103 exclusive.

1. Este proverbio encontra-se tambem, por exemplo, na trova n.º 28 (anonyma) do Cancioneiro de Evora publicado por Hardung.

2. *pelo paſſar*=por havê-lo já experimentado. E' o que Cicero exprimo dizendo: *qui quam crebro accidat, experti scire debemus* (*pro Milone* § 63).

4. Creio que não padece duvida que o verbo *poder* se ha-de considerar no futuro o não no preterito, e que portanto o *puderam* de *B* é erro de copia ou typographico.

9-10. Cf. «calejados jà, e afeitos, não tinhão em conta nada, ventos, nem agoas, frios e neves, quer de dia, quer de noite, todas as horas e momentos, tudo o que do antes os atemorizava, lhe ficava já em natureza», Henrique Dias na *Historia Tragico-Maritima* I pag. 391.

XI 4-5. Na frase ha uma anacoluthia propria da lingoagem familiar. Está *he de* (=provôm de), como se antes, em vez de *quem diz* estivesse *dizer alguem*. Do igual modo lê-se nos *Dictos da freyra:* «Quem he solto do lingoa ho de o ser da consciencia» (pag. 33 da ed. do sr. Tito de Noronha).

que quando as lagrimas ſão
por igual da cauſa d'ellas,
virá descanso por ellas;
mas como deſcanſarão
quando ſão mais as querelas?

12. Com tudo olhos de quem
não vive fazendo al,
chorai mais que os de ninguem,
que o que he pera mor mal
tenho já pera mor bem;
lagrimas manſo e manſo
proſígão em ſeu officio;
que não façáo beneficio,
não ſervindo de descanſo
ſervirão de sacreficio.

13. Minhas lagrimas canſadas,
ſem deſcanſo nem folgança,
a minha triſte lembrança
vos tem tão aviventadas
como morta a eſperança;
correi de toda vontade,

---

6 *B* Que quando. *SD* Quando. 7 *S* ygual. 8 *B* viraa. 8 *BC* deſcanço. 8 *F* por. *D* com. 9 *F* deſcanſaram. *T* doscançarão. 10 *B* pois que. *SD* quando. 10 *FD* querellas.

XII *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *S* vivẽ. 4 *B* para maior. *S* pera mor. 5 *B* jaa (sempre assim, menos na est. 83 v. 4) para maior. *S* eu pera mor. 6 *S* e manço. 7 *B* profiguam. *T* prosigam. 7 *B* ofício. 9 *B* deſcanço. 10 *T* serviam. 10 *F* saeroficio (*B* com o segundo *c* cedilhado como de costume). *T* sacrificio.

XIII 1 *B* eançadas. 2 *B* deſcanço. 4 *F* tam auiuentadas. *D* já tam aumentadas. 5 *B* morta a. *S* mortas da. *D* mortais de. 6 *F*

8. *virá* é futuro potencial (=é possivel que venha).

10. Evidentemonto ha-de haver no fim do verso ponto de interrogação o não eomo está na edição do dr. Th. Braga, ponto final.

10. *querela*=motivo de queixa, dissabor, dor; cf. «os rremedeos que nos dauam, | muyto mays nos rrenouauam | as querelas» *Cancioneiro* de Rèsende II 213, 10-12.

XII 7. Cf. «em cujas coneavidades o mar fazia seo officio eom sons e bramidos eontinuamente», *Historia Tr. Maritima* I 427.

XIII 5. Cf. «sendo morta a esperança» *Cancioneiro* de Rèsende I 291, 9.; «vos fez morta a esperança» ibd. 318, 13.

que eſta vos não faltará;
mas iſto como ſerá?
pedi-la-ei á ſaudade,
a ſaudade m'a dará.

14. Todos os contentamentos
da minha vida paſſárão,
e em fim não me ficárão
ſenão deſcontentamentos,
que de mim ſe contentárão.
D'eſtes polo meu pecado
—inda que nunca pequei
a quem amo e amarei—,
nunca deſacompanhado
me vejo nem me verei.

15. Faz-me eſta deſconfiança
ver meu remedio tardar,
e já agora eſperar
não ouſa minha eſperança
por me mais não magoar.
Se por iſto deſmereço
dê-ſe-me a culpa aſſim,

---

Correi de toda. *A* Soccorrer m ey á. *C* Soccorroy me á. 7 *B* vos nam faltara. *ST* nam faltará (*S* sem accento). *D* nunca faltará. 8 *F* yſto. 8 *B* ſeraa. 9 *F* pedila ei. *T* pedil-a-hei. 10 *B* e a ſaudade. *S* ſaudado. *D* a ſaudade. 10 *B* daraa.

XIV *A* e *C* não tem esta estancia. 2 *S* do. 5 *B* que de mim. *S* e do mi. 6 *B* Deſtes polo meu pecado. *T* D'estes pelo meu peccado. *S* Eſtes pello meu pecado. 7 *F* ynda. 10 *T* nem verei.

XV 1 *B* me eſta. *S* meſta. 2 *F* remedio. *D* temido. 3 *B* aguora. *T* agora. 3 *F* eſperar. *D* o eſperar. 5 *B* por me mais nam. *S* por ſe mais nam. *D* pera [*C* para] me mais. 5 *B* maguoar. *T* magoar. 6 *B* yſto. *T* isto. *SD* iſſo. 7 *B* deſeme a culpa aſsim. *S* de ſer

XIV 5=que gostárão de estar comigo.

6. *pecado* está em sentido collectivo.

7-8. *pequei a* — é syntaxe da Vulgata: *tibi soli peccavi*; cf. «nem to erraſſe», *Lusiadas* II 39, 6.

XV 1. *eſta deſconfiança* é complemento de *faz*; o sujeito é *ver meu remedio tardar*.

6. *por iſto* quer dizer: por já renunciar a toda a esperança a fim de não mo magoar mais.

e seja já com a fim,
que ha muito que me conheço
aborrecido de mim.

16. Meu coração, vós abriſtes
caminho a meus cuidados
pera virem ſer banhados
na agoa de meus olhos triſtes,
triſtes, mal galardoados.
Neceſſario he que vamos
algum remedio buſcar
pera ſe a vida acabar;
eſt' o bem que deſſejamos,
eſt' o noſſo deſſejar.

17. Iremos pella eſtrada
per onde os triſtes vão,
porque nella por rezão
deve ſer de nós achada,
achada conſolação.
Sobir-me-ei ao penſamento,
que, alto, de alli verei,

---

minha a culpa aſim. *D* ſeja minha pena aſſim. 8 *F* e ſeja ja [*B* jaa] com. *D* ou ſoja ja como. 8 *FD* a fim. *T* o fim. 9 *B* que ha. *S* qua.

XVI 3 *BD* virem a ſer. 4 *D* nagoa. 4 *BD* de. *S* dos. 8 *B* para. 9-10 *B* eſte bem que deſſejamos | eſte noſo deſſejar. *S* eſte bem que deſejamos | eſto voſſo deſejar [*S* sempre «deſejar», «deſejo»]. *D* Eſte he o bom que deſejamos | eſte he o noſſo deſejar. *T* este o bem que desejamos | este o nosso desejar.

XVII 1 *B* Hiremos. *ST* Iremos. 1 *F* pella. *DT* pela. 2 *BD* por. *S* per. 3 *B* nella por. *S* neſta de. *D* em eſtes de. 5 *B* achada. *SD* algũa. 6 *S* Sobirmey. *D* Subirmey. *T* Sobir-me-hei. 7 *S* que he

8. *fim* (aqui=morte) no português antigo tambem é fominino, v. g. no *Cancioneiro* do Rèsende I 401, 16; 484, 24; III 422, 19. Ainda hoje, segundo me informa o snr. Leito de Vasconcellos, em algumas partes se diz «a fim do mundo».

XVI 9-10. A graphia *deſſejar* (constantemente empregada em *B*) é usual no português archaico (é assim que a palavra vem sempro escrita, por exemplo, na edição Eborense de Bernardim Ribeiro); representa, em nosso entender, a pronuncia originaria conforme á etymologia (do latim popular *dissidium* por *desiderium*).

XVII 4-5. Preferimos a lição de *B* (*achada*) á de *S* e *D* (*algũa*), porque semelhantes repetições estão no gosto de Christóvão Falcão e da escola a que elle pertence; cf. est. 16 v. 4-5; 17 v. 7-8; 18 v. 5-6; 19 v. 2-3, 7-8.

verei eu ſe poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos ei.

18. Mas o que poderá ver
quem já da viſta cegou?
porque, quem me a mim levou
meu alongado prazer,
nenhum bem ver me deixou;
Deixou-me em eſcuridade,
hum mal ſobre outro ſobejo;
pello que triſte me vejo
tão longe da liberdade
como do bem que deſſejo.

19. Verei a vida que em vida
ſem viſta tanto aborrece,
aborrece a quem padece
triſteza mal merecida
que minha fé mal merece.
Levárão-me toda a gloria
com qanto bem deſſejei,
deſſejei e alcancei;
ficou-me só a memoria
por dor de quanto paſſei.

20. Lembrança do bem paſſado,

---

alto da hy. *D* que d alto delle. 8 *B* ou. *T* eu. 10 *SD* quanto perdido.

XVIII 1 *B* poderaa. 3 *BC* me a mim. *S* m a mim. *A* me a mi. 4 *B* meu alongado. *S* meu aleyxado. *D* o mou paſſado. 5 *F* bem ver. *D* prazer. 5 *S* leyxon. 8 *F* pello [*ST* pelo] que triſte. *D* polo qual niſto. 10 *T* desejo.

XIX 1-2 *B* a vida que vida | bem viſta. *S* a vida que em vida

XVIII 2. O dr. Th. Braga põe virgula no fim d'esto verso.

4. *alongado*=posto longe.

XIX 1-2. De commentario ás palavras *vida ſem viſta* serve o verso 2.° e 6.° da estancia precedente.

5. *fé*=lealdade (em particular no amor).

6. *gloria* no português antigo significa frequentemente: grande prazer, contentamento, júbilo; cf. «nã pode auer Gloria perfeyta ſem o Caſamento», *Eſpelho de caſados* f. 24 v. da 1.ª edição.

9-10. E' o pensamento do conhecido passo do canto V do *Inferno* de Dante «nessun maggior dolore | Che ricordarsi del tempo felice | Nella miseria».

XX 1. Este verso acha-se tambem em uma das cantigas anonymas do volumo de Birckman; em Sá de Miranda: «me-

que não divêra paſſar,
eſta me ha-de matar.
Dá-me tal dor o cuidado,
qual ſe não pode cuidar.
Nada, ſe não for a morte,
me dará contentamento,
ſegundo ſei do que ſento;
não ſento prazer tão forte
que conforte meu tormento.

21. Não devo eu mal querer
a quem me aqui deixou;
que ouvido não poſſa ſer,
já me algum bem ficou,
que he meu mal poder dizer.
Mas, triſte, não ſei que digo,
iſto he falar a eſmo,
que aſſaz me foi enemigo
quem ſe vingou de mi meſmo
com me ſó deixar comigo.

---

| bem viſta. *DT* a vida que em vida | ſem viſta. 3 *B* aborece. *T* aborrece. 3 *B* a quem. *S* ho que. *D* que. 5 *BD* que minha fee. *S* a minha fe. 10 *F* por. *D* pera [*C* para]. 10 *B* door. 10 *F* de quanto. *D* do que.

XX 2 *T* devera. 3 *F* matar. *D* acabar. 4 *B* tal door o cuidado. *S* tam duro cuydado. *D* tam grande cuidado. 5 *F* qual. *D* que. 6 *F A* for. *C* fora. 7 *B* daraa. 7 *C* contamento. 8. *S* ſei. *D* ſer. (Em *A* não ostá clara a ultima letra; em *B* está apagada esta palavra, como tambem a palavra *ſento*). 9 *BD* nam. *S* nem 9. *D* ſinto. 10 Da palavra *tormento* estão apagadas em *B* as letras menos a primeira e a ultima.

XXI *A* e *C* não trazem esta estancia. 2 *S* leixou. 3 *B* non. *ST* não. 3 *B* ſeer. 5 *B* que he (*T* que é). *S* ſem. 7 *F* yſto. 7 *F* falar. *T* fallar. 8 *B* enemiguo. *T* enemigo. *S* de enemigo. 10 *B* com me ſoo. *S* começo. 10 *B* comiguo. *T* commigo.

moria | D'aquelo bem passado» (pag. 597); em o numero 67 do *Romancero general* da *Biblioteca de autores españoles:* «Memoria del bien pasado».

2. A fórma *divera* occorre tambem na Carta (verso 112).

8. A forma *ſento* é vulgar ainda no seculo XVI; assim encontra-se tambem rimando com *tormento* nos *Dilos da Freyra* (pag. 80 da odição do sr. T. de Noronha).

XXI 8. A lição de *S* «*aſſaz — de enemigo*», é possivel que seja a verdadeira, por isso que tal construcção era vulgar no portuguès antigo.

22. Que me queira conſolar,
o meu mal não tem conforto,
nem eu lh'o poſſo buſcar;
pera o prazer ſou morto
e vivo pera o peſar.
Quanto mal tão deſvairado,
e todos pera dar fim!
Tudo me he contrairo aſſim:
deſcuido matou meu gado,
cuidado matou a mim.

23. Vida de tão longos males,
como não canſas de ſer!
que eu canſo já de viver,
e o eco d'eſtes valles
canſa de me reſponder.
As ribeiras em eu vê-las

---

XXII 1 *FD* queira. *T* quiera. 2 *B* o meu. *SD* ja meu. 4 *B* para o prazer ſou. *S* eu pera viver ſam. *D* pois para viver ſou. 5 *B* para o pezar. *SD* pera ho [*D* para o] paſſar. 7 *DT* todo. 7 *BC* para. 7 *DT* contrario. 7 *BA* aſſi. *S* aſim. *CT* assim. 9 *B* guado. 10 *S* my.

XXIII 1-2 *S* e *D* tem invertida a ordem d'estes versos. 1 *B* longuos. *T* longos. 1 *S* malles. 2 *B* cança. *T* canças. *S* cançaes. *D* canſas. 3 *F* que eu canço ja [*B* jaa]. *D* pois que canſo. 4 *F* Eco. *T* Ecco. 4 *B* vales. 5 *F* cança. 6 *F* em eu. *D* ſò em. 6 *FA* velas. *C*

XXII 4-5. A antithese entre «pesar» e «prazer» encontra-se frequentemente na nossa antiga litteratura: «Quanto mays vejo prazer | tanto mays sento o pesar», *Cancioneiro* de Rèsende I 329, 20-21; «meu prazer sera pesar», ibd. II 54, 2; «em pesar he convertido o prazer» Joanna da Gama, *Trovas* pag. 83 da edição do sr. T. de Noronha.

7. *todos*=todos elles. O singular é, em frases como esta, inadmissivel em português. O emprego do plural é uma synese devida ao sentido collectivo de «quanto mal», que equivale a «quantos males». (De modo semelhante, Demosthenes na terceira Philippica ligou ao pronome τὶς empregado em sentido collectivo [«alguem» = algumas pessoas] o participio do plural μεμνημένοι). *pera dar fim*=capaz do dar morte; «dar fim» por «matar» tambem occorre, por exemplo, no *Cancioneiro* de Rèsende II 18, 36. (O dr. Th. Braga não põe nenhuma pontuação depois de *fim*).

XXIII 2. *ser*=existir. (O dr. Th. Braga põe virgula no fim d'este verso).

6-8. Cf. «das lagrimas desmedidas, | verdadeyras, | vam as

correm mais do que he ſeu foro
entrando meu chorar nellas,
e, pois ajudão meu chôro,
quero ſó falar com ellas.

24. Companheiras do meu mal,
agoas que d'alto correis,
onde cais deſigual,
parece que me dizeis:
Porque não choras, Chriſfal?
Contàr-vos quero, amigas,
o que eſta noute ſonhei,
com o qual tal dor tomei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

25. Deſpois de ontem deixar
de vos contar os meus males
fui-me cá baixo deitar

---

valles. 7 *FA* foro. *C* fora. 8 *B* chorar. *SD* choro. 9 *B* ajudam meu. *S* ainda que. *D* ainda não. 10 *S* foo. 10 *ST* fallar.

XXIV 1 *S* de. 2 *D* de alto. 3 *D* donde. 5 *S* chorrais. 5 *S* crisfal. 6 *B* amiguas. *T* amigas. 7 *B* noute. *SDT* noite. 7 *B* ſonhei. *SD* paſſey. 8 *B* ho. *T* o. 8 *B* mo dei. *SD* tomey. 9 *B* minhas. *SD* as minhas. 9 *FT* muitas fadigas (*B* fadiguas). *D* penas antigas. 10 *B* fadiguas. *T* fadigas. *S* fadigas as. *D* fadiga.

XXV 1 *FA* deſpois. *CT* depois. *F* ontem. *T* hontem. 2 *B* malles. *SDT* males. 3 *B* caa baixo. *S* abayxo. *D* debaixo. 3 *B* gei-

agoas das rybeyras | muy creçydas» Diogo Brandão no *Cancioneiro* de Rèsende II 202, 3-6; *Inachus unus abest imoque reconditus antro | Fletibus auget aquas*, Ovidio, *Metamorph.* 583, 584.

XXIV 3. *deſigual* parece estar tomado adverbialmente na accopção de «com grande força». O adjectivo *desigual* por «descommunal, immenso» é muito froquente no português antigo, v. g. «a deſigual triſteza e continoa paixaam» Pina, *Chronica de D. Duarte*, pag. 187; «guerra deſigual» Sá de Miranda, pag. 68.

8 «o qual»=o que, referido a um sentido, é corrento no português antigo. Nesta ecloga occorre ainda na est. 49 v. 2; em Garcia d Orta, no Colloquio XXI. A frase «tomar dor, prazer, etc.», correspondente ao latim *dolorem* etc. *ex aliqua re capere* é vulgar nos nossos escritores antigos, v. g. «Quanto cuydado tomey | por nam ter este cuydado!» *Cancioneiro* de Rèsende I 402, 12-14; «nam tomey nenhum prazer» ibd. 461, 30; «dar-so dor» é que não nos pareco que facilmente se encontre.

XXV 3. O verbo *geitar* parece-nos que já era antiquado no tempo de Christóvão Falcão; por isso preferimos a lição de *S*.

*

no mais baixo d'eſtes valles
antre peſar e peſar.
Onde deſpois que aos ventos
deſcobri minhas paixões,
gaſtadas muitas rezões,
mudei os meus penſamentos
em minhas contemplações.

26. Contente de deſcontente,
a noute ſendo calada,
como he certo em quem ſente,
não ficou cousa paſſada
que me não foſſe preſente.
Vindo-me á memoria dar,
quando andava com o gado
ter com Maria ſonhado,
fez-me o dormir deſſejar
de mim pouco deſſejado.

---

tar. *SD* deitar. 4 *F* baixo deſtes. *D* fundo deſſes. 4 *T* vales. 5 *T* entre pezar e pezar. *S* valles bem de meu penar. *D* valles bem do meu peſar. 6 *FA* deſpois. *CT* depois. 6 *BD* aos. *S* os. 8 *FA* rezões. *CT* razões. 9 *B* hos. *SDT* os. 10 *B* em. *S* a. *D* as.

XXVI 1 *C* descontento. 2 *SD* noite. 3 *BD* ho certo [*C* certa] em. *S* nam he a. 5 *B* prezente. *T* presento. 6 *D* E vindomo á momoria [E' o verso todo]. 7 *B* em quãdo. 9 *S* fez mo dormir deſejar. *D* fezme deſejar por gloria. 10 *S* de mi. *D* ſonho.

5. Cf. «entre cuidado i cuidado», Sá de Miranda, pag. 99 (composição castelhana).

8. rezões=palavras juntas em frase, discurso.

9-10. Parece-nos que o sentido é: passei de fallar a meditar em silencio.

XXVI 1. Quanto á antithese cf. «d'esperar descsperado» *Cancioneiro* de Rèsende I 322, 2.

2. Nas construcções correspondentes aos ablativos absolutos latinos o português antigo punha freqüentemente o participio depois do seu sujeito. No artigo sobre a edição dos *Versos de Bernardim Ribeiro* (*Revista Lusitana* II pag. 281) apontámos alguns exemplos.

3. *he certo*=costuma acontecer.

6-10. *Vindo-me á memoria dar* (=lembrando-me) faz as funcções de sujeito do verbo *fez*. E' uma oração de participio empregada em vez de uma oração infinitiva (*o vir-me á memoria dar*). A mesma construcção occorre na estancia 36 v. 3-4. A oração temporal *quando andava com o gado* pertence não para *Vindo-me á memoria dar* (como pensa o dr. Th. Braga que não põo virgula no fim do 5.° verso, mas no fim do 6.°), senão para *ter com Maria*

27. E crendo que aproveitaſſe
pera meu contentamento
ſe eu com ella ſonhaſſe,
deu-me lugar meu tromento
que algum pouco repouſaſſe.
E como canſado eſtava
do que no dia paſſei,
a dormir pouco tardei,
e adormecido ſonhava
o que vos ora direi.

SONHO

28. Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo eſtava
alli velando eſtar,
quando da parte do mar

---

XXVII 1 *B* E crendo. *SD* crendo. 2 *FA* pera. *CT* para. 3 *B* ſe. *SD* que. 4 *T* deu-mo logar meu tormento. *S* e de lugar a meu tormento. *A* dei lugar a meu tormento. *C* deu lugar a meu tormento. 5 *BD* que algum. *S* alguũ. 6 *B* E como cançado. *S* Porem canſado. *D* Com quanto canſado. 8 *B* a. *SD* em. 9 *B* e adormecido. *S* adormecido. *D* e adormecendo. 10 *B* vos hora [*T* ora] direi. *S* vos agora direi. *D* agora vos direi.

XXVIII. *B* não traz a rubríca «Sonho». 2 *S* honde. *D* quan-

*ſonhado*. *o dormir* é complemento de *deſſejar*. A frase é um tanto confusa, o quo explica a varianto do *D*, que, em nosso entender, representa uma substituição do texto originario quo não foi bem comprehendido. Tambem a preposição *em* que *B* traz antes de *quando* e que deveria pertencer para *ter com Maria ſonhado*, parece-nos ter a mesma origem, se é que o poeta não escreveu *em quanto*.

XXVII 4. A metatheso do *r* om *tormento* não é rara na propria lingoa litteraria antiga, v. g. em Bernardim Ribeiro.

8. Tão correcto é *tardar a* como *tardar em*, *fazer uma cousa*.

XXVIII. A narração do sonho vae até a estancia 99 exclusive. Os artificios poeticos de sonhos e viagens extaticas são frequentes na poesia d'aquolles tempos; vejão-se exomplos no *Cancioneiro* de Rèsendo I 286-313 (do Duarte de Brito), ibd. 406-408 (de D. João Manoel).

2-3. A oração relativa *onde—está* anteposta á demonstrativa *alli*—(como em latim se diria *ubi—ibi*, v. g. em Cicero *de re publica* 3, 31: *ubi tyrannus est, ibi—dicendum est plane nullam esse rem publicam*). Não devia pois o dr. Th. Braga deixar de pôr virgula depois de *sonhar* e pô-la depois de *estava*. A variante do *D quando* por *onde* é emenda de um texto que se imaginava errado.

grão vento ſe alevantava;
o qual com tal ſobreſalto
chegava onde eu jazia,
que da terra me erguia
em tanto eſtremo alto,
que a viſta me fallecia.

29. Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos á terra;
vi craro dia, não al,
e os valles e a ſerra
tudo julguei por igual;
mas, como aborrecido
tanto da vida andaſſe,
que meu mal já deſſejaſſe,
temor tão pouco temido
não creio eu que ſe achaſſe.

---

do. 5 *D* grão vento ſe leuantaua. 6 *B* Ho. *SD* O. 6 *S* con. 8 *B* o que da terra me erguia [*T* m'erguia]. 9 *FD* eſtremo. *T* extremo. 10 *A* m ̃falecia.

XXIX *A* e *C* não tem esta estancia. 1 *T* logar. 3 *S* onde eſtaua o meu mal. 4 *B* e. *S* que. 5 *B* julgei. *T* julguei. *S* yulguoy. 5 *B* ſer. *S* por. 6 *S* auorrecido. 8 *T* desejasse. 10 *B* nam creo eu. *S* eu nam creo.

1-5. Em *Sonhava — velando eſtar, quando — se alevantava* ha a mesma ligação de orações que se vê no lugar de Cicero: *Piso ultimas Hadriani maris oras petivit, cum interim Dyrrachii milites domum — obsidere coeperunt;* v. a *Grammatica* de Madvig § 358 *obs. 1;* cf. «Não acabava, quando hũa figura | Se nos moſtra no ar, robuſta e válida» *Lusiadas* V 39. *alevantava* é um imperfeito inchoativo,=entrou a alevantar-se.

9. Em um pequeno numero de palavras já no proprio português litterario antigo se pronunciava (como é corrente na pronuncia familiar descuidada) *es* em vez de *ex* (=eis). Taes são: *estremo* (Lusiadas VI 66, 1), *estranho* (ibd. VI 104, 8), *esperimentar* (ibd. X 152, 5).

XXIX 3. *craro* é fórma antiga,=claro.

5. O emprego da proposição *por* depois des verbes de julgar, em vez do simples nome predicativo é oxtremamente vulgar nos escritores antigos. Nesta ocloga occorre ainda na estancia 37 v. 8 e na 40 v. 7-8. Cf. tambem, quanto a syntaxo e ás ideias: «á viſta de longe pode tudo julgarſe por hũa ſo pouoação (*Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*, cap. 46, f. 217 da 1.ª edição).

6. *Avorrecido* existo no português antigo a par de *aborrecido*.

8. O conjunctivo *deſſejaſſe* em vez do indicativo *deſſejava* é dovido a attracção oxercida pelo verbo subordinante «andaſſe».

9. temor=cousa para temer,

30. Depois de me ſer moſtrado
eſte perigo de morte,
á terra mais abaixado
contra a parte do norte
ſonhava que era levado.
Antre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
donde poderei contar,
ſe o que notei nom me engana,
couſas bem pera notar.

31. Porque vi muitos paſtores
andar guardando seus gados,
veſtidos d'alegres cores,
bem fóra dos meus cuidados,
mas não dos de ſeus amores,
não querendo mais averes,
nem querendo mais riqueza,
por que amor tudo despreza;
mas todos os ſeus prazeres
forão pera mim triſteza.

---

XXX 1 *S* Deſpois de ſer ja paſſado. *D* Depois de ſer ſegurado. 1 *B* ſeer. *T* ser. 2 *F* eſte. *D* deſte. 2 *B* periguo. *T* perigo. 3 *BD* a. *S* da. 5 *S* ſonhoy. 5 *B* lauado. *T* levado. 6 *BD* Entre. 6 *F* Odiana. *D* Guadiana. 9 *F* o que notey nõ [*S* nã]. *A* a mente não. *C* amante não. 10 *D* couſa. 10 *F* pera. *DT* para.

XXXI 3 *D* do alegres. 4 *F* dos. *DT* de. 5 *F* dos de. *D* das dos. 6 *T* haveres. 8 *BD* porque. *S* que. 10 *F* foram. *D* erão. 10 *S* pera my. *D* para mim.

perigo, como em latim *timor* neste lugar de Ovidio: *loca plena timoris* (*Metam.* X 29).

XXX 1. *ſer moſtrado*=offerecer-se á vista, apparecer; cf. estancia 54, v. 6.

2. Cf. «quando mo vy | fóra d'aquoste periguo | de morte» *Cancioneiro* de Rèsende I 305, 23-25.

3. *contra* (e *escontra*)=na direcção de, é vulgar no português antigo.

9. A fórma archaica *nom* occorre ainda, como dicção proclitica, na segunda metade do seculo XVI, mas só, parece-nos, antes de palavras (pronomes e adverbios) que principião por *m*, e o mais frequente é neste caso desnasalar-se a vogal e dizer-se v. g. «nô-mais» (Chiado, *Auto das regateiras*, etc.).

XXXI 8. D'este verso pareco que é reminiscencia o verso de Camões: «que tudo em fim tu, puro amor, deſprezas» (*Lusiadas* III 122).

32. Em hum valle deſcontente
eſtar Natonio vi,
d'eſtes aſſaz diferente,
que caſi o não conheci
ſendo bem meu conhecente,
—aqueſte he o paſtor
que já veio aqui buſcar-me
nom mais que por consolar-me—,
e vi-o com tanta dor,
que dor me dá o lembrar-me.

---

XXXII 2 *B* eſtaar. 2 *S* antonio. *D* Naconio. 3 *S* eſte aſaz deferente. 3 *T* differente. 4 *B* caſi nam. *S* caſi nam no. *D* quaſi o não. 6 *D* Aquelle. 7 *E* que já veio aqui buſcar-me. *B* que laa vejo aqui buſcar-me. *S* que aqui veo buſcarme. *D* que aquy veyo buſcarme. 8 *B* nam mais que por. *S* nomais ſe nam. *D* nam mais quo a. 9 *B* vio. *T* viu. *S* veo. *D* veyo. 9 *B* door. 10 *B* door me daa o lembrarme. *T* door mo dá o lembrar-me. *S* mo da dor alembrarme. *D* que fez da dor alembrarme.

XXXII-XXXV. El-rei D. Manoel havia ajustado com o 4.º conde de Marialva, D. Francisco Coutinho, pae de D. Guiomar Coutinho, dar-lhe para genro o infante D. Fernando, seu filho, havendo o matrimonio de realizar-se em o infante chegando á idade devida. Quando, depois do fallecimento d'aquelle monarca (em Dezembro do 1521), D. João III tratava de cumprir a vontade do seu predecessor, D. João de Lencastre, 1.º marquês de Torres Novas e depois duque de Aveiro, entrou a publicar, que muito antes já dos contratos feitos por D. Manoel tinha celebrado um casamento clandestino com D. Guiomar, e que havia de revindicar nos tribunaes os seus direitos. A causa escandalosa, tratada no juizo ecclesiastico, durou até 1529 «e em fim reduzindo-se todo o peso d'ella á declaração e depoimento de D. Guiomar, foy dada sentença contra o marques». (Fr. Luis de Sousa, *Annaes de D. João III* cap. 8.º). Faria e Sousa, no commentario á 8.ª ecloga de Camões (pag. 336), vê nestas ostancias uma allusão á historia das relações do marquês de Torres Novas (Natonio) com D. Guiomar Coutinho.

XXXII 3. *diferente*, porquo os outros pastores estavão contentes e vestídos de côres alegres (est. 31), o Natonio profundamente triste e vestido de luto (est. 33).

4. Cf. «tam triste, tam demudada, | que casy a nam conheci», *Cancioneiro* de Rèsonde I 310, 33-34.

7-8. A lição de *B* não dá sentido; emendámos, pois, *laa* (=lá) em *ja* (=jaa, graphia constante de *B*) e *vejo* em *veio;* alguem preferirá ler simplosmente com *S* «que aqui vejo buscar-me». O adverbio «aqui» entendemos quo se refere á provincia do Alemtejo (est. 30), patria de Chriffal, onde elle ainda se acha, por isso que só depois (est. 36) é que passa o Tejo entrando na Beira.

33. Chorando lagrimas mil
eſtava comſigo só,
ao modo paſtoril
de dó bem pera aver dó
tinto o ábito vil.
Em hũa frauta tangendo
ao pé de hũ'arvore eſtava;
deſque da boca a tirava,
de dentro d'alma gemendo
em vez de cantar chorava.

34. Quiſera-o eu conſolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar
que ouvir-lhe que dezia
«O' Guiomar, Guiomar,
em vós pus minha eſperança;
e quanto ella encobre
agora em dor ſe deſcobre;
perigos de confiança
fizerão do rico pobre».

---

XXXIII 2 *B* conſiguo. *T* comsigo. 2 *F* ſoo. 3 *BD* ao modo. *S* de modo de. 4 *F* de doo bem pera. *A* dado bem pera. *C* dando bem para. 4 *F* auer. *T* haver. 4 *F* doo. 5 *F* o [*S* ho]. *D* ſeu. 5 *B* habito. 5 *S* vill. 6 *B* Em. *S* Com. 7 *B* ao pee de hum. *S* ao pe de hũa. *A* junto de hũa. *C* junto de huma. 8 *F* boca. *T* bocca. 9 *F* dalma. *D* da alma.

XXXIV 1 *F* Quiſera ho (*S* o). *T* Quizera-o. 1 *BD* eu conſolar. *S* conſolar. 2 *B* hia. *S* hya. 3 *FD* nam. *T* nom. 5 *B* O. *S* ho. 6 *B* vos. *SD* ti. 6 *F* pus. *T* puz. 6 *S* eſperaça. 7 *S* em quanto ella ſem cobre. *D* e quando ella ſe encobre [*A* encubre]. 8 *B* aguora em door. *T* agora em dor. 9 *F* perigos. *D* perigo. 9 *B* de confiança. *SDT* deſconfiança.

XXXIII 4-5. *de dó* (=luto)—*tinto o ábito vil*. Sem duvida está aqui «vil» no sentido do latim *vilis* (do mui baixo valor). (A paginas 13 da sua edição das *Obras* do nosso poeta escreve o dr. Th. Braga: «O *habito vil* refere-se á condemnação dos tribunaes canonicos o civis que sobre elle caíra por declarar o seu casamento clandestino com D. Guiomar Coutinho, promettida ao principe D. Fernando, irmão de D. João III»).

XXXIV 2. *em cujo poder ia* é expressão elliptica, por «aquelles em cujo poder eu ia».

9-10. Parece-nos que a lição de *B* é a exacta, referindo-se «perigos de confiança» a Natonio ter-se aventurado a acreditar no amor de Guiomar, vendo-se de-

35. Aſſi, por elle paſſando,
«Natonio tenhas prazer»
lhe dixe grão brado dando,
té o da viſta perder
os olhos nelle deixando.
Deos lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na triſtura;
em que ſeu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

36. D'aqui fomos deſcorrendo
até o Tejo paſſar,
a agoa de quem eu vendo
me foi dor ſobre dor dar
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança d'ella
virada foi minha face
pera onde o gado pace
da grande ſerra da Eſtrella
da qual o Zezare nace.

---

XXXV 2 *S* Antonio. *A* Notonio. *D* Naconio. 3 *F* dixe. *DT* disse. 4 *B* teo o da viſta. *SD* ato da viſta ho. 5 *S* leyxando. 7 *F* pois que. *D* porque. 9 *B* em. *S* e.

XXXVI 1 *SD* diſcorrendo. 2 *B* atee. 3 *B* a aguoa. *ST* a agoa. *D* as agoas. 3 *F* de quem. *D* do qual. 4 *C* me fuy dar ſobre dor, dor. 4 *B* door. *T* dor. 5 *B* yndo. 5 *B* door padeſçendo. *T* dor padoçendo. 6 *B* a lembrança della. *S* lenbrança della. *D* lembranças diſto. 8 *FA* pera. *CT* para. 8 *B* guado paſço. *SD* gado paco. 10 *BD* da qual. *S* donde. 10 *B* o Zezare. *T* o Zézere. *S* ho zazare. *D* o Zezere. 10 *BD* naſçe.

pois forçado a reconhecer, por infelicidade sua, que tal confiança fôra vã.

XXXV 2. No português antigo é frequente o emprego da 2.ª pessoa do presento conjunctivo em sentido optativo.

3. A fórma archaica *dixe* conservou-se no seculo XVI a par de *disse*.

9-10. A particula concessiva *em que* (como em latim *quamquam*, *etsi*, *tametsi;* v. Madvig, *Grammatica* § 443) apresenta esta oração como rectificação da oração *Deos lhe dê contentamento*.

XXXVI 1. *fomos*, a saber: eu e «em cujo poder ia».

3. No português antigo *quem* empregava-se indifferentemente tanto fallando-se do pessoas como de cousas.

3-5. Sobre a construcção: *eu vendo* (por «eu ver»)—*foi dar*, v. a nota á est. 26 v. 6-9. A agoa do Tejo deu-lhe dor sobre dor, porque fôra cerca da foz do Tejo a scena dos seus amores (est. 1).

37. Poſto no ſeu alto cume
deixarom-me alli eſtar,
e meu coração preſume
que foi por me magoar,
como tinhão por cuſtume.
D'alli os pães ſemeados
ver a meus olhos deixarom,
que por não grados julgarom,
mas, poſto que forão grados,
eu ſei que não me agradarom

38. Já o ſol ſe encobria
a eſte tempo e mais
ficando a terra ſombria,
e o gado aos currais
já então ſe recolhia.
Ouvi cães longe ladrar
e os chocalhos do gado
com hum tõo tão concertado,
que me fizerom lembrar
de quanto tinha paſſado.

39. † Por mais minhas queixas vãas

---

XXXVII 1 *F* no ſeu. *D* em o. 2 *S* ali. 2 *SD* deixaram. 4 *FA* foi. *C* ſe foi. 4 *B* maguoar. *T* magoar. 5 *SD* tinha. 5 *F* por. *D* de. 5 *DT* coſtume. 6 *B* pãis. *T* pães. 7 *F* ver. *D* vir. 7 *B* deixarom. *SD* leixaram. 8 *B* por nam grados julgarom. *S* pam nam grados julgaram. *D* vãos não grado julgarão. 10 *S* magradaram. *D* mo agradarão.

XXXVIII 1. *B* Jaa. *T* Já. 4 *BD* e o. *S* ho. 6 *D* ouuia. 7 *B* guado. 8 *B* toom. *SDT* tom. 8 *B* conſertado *T* concertado. 9 *SD* fizeram.

XXXIX 1. *S* Por ſerem as queixas vãas. *A* Por mais minhas

XXXVII Ainda na primeira motade do seculo XVI occorre nos verbos ao lado da fórma—*rão* a fórma—*rom*, v. g. em Bernardim Ribeiro *acabarom, andarom, derom, deſempararom, determinarom, ficarom, fizerom, moverom, naſcerom, paſſarom, poſerom*. Em Christóvão Falcão só so encontra nesta estancia o na seguinte, o ainda assim unicamente na edição de Birckman.

9-10=ainda que fossem grados, não me agradarião.

XXXVIII 2. *mais* parece-nos estar aqui por «cada vez mais».

8. Da fórma *tõo* é que veiu, por apocope, *tom*.

XXXIX 1. O texto do *S* não dá sentido que se ligue com o dos versos subsequentes. O de *B* está ovidentemente corrompido. Não podemos alcançar por

vi berrar o gado moucho
cuberto de finas lãas
e aſſoviar o moucho
com o triſte cantar das rãas.
Já as ſerranas ao abrigo
ſe ião, os prados deixando,
as mais d'ellas ſoſpirando;
hũa dezia «Ai, Rodrigo!»,
outra dezia «Ai, Fernando!»

40. Hũa ciumes temia
outra de ſi tem receo;
hũa ouvi que dezia
«Quão aſinha a noute veo!»
outra «Já tarda o dia».
E por eſte eſperimento
foi amor de mim julgado
por nom menos occupado

---

queixas vãs. *D* Por mais minha queixa vãa. 2 *B* guado moucho. *SA* gado mocho *D* gado macho. 3 *BD* do. *ST* das. 4 *B* aſouiar o Moucho. *DT* aſſoviar o mocho. *S* aſſuruiaua ho moucho. 5 *BD* com o. *S* o ho. 5 *BD* das raãs [*A* rãs]. *S* darraãs. 6 *BD* as ſerranas. *S* ſerranas. 6 *B* briguo. *SDT* abrigo. 7 *F* hiam 7 *BD* os prados deixando. *S* prados leyxando. 8 *FD* ſoſpirando. *T* suspirando. 9-10 *DT* dizia.

XL 1 *S* ceumos. 2 *C* tam receyo. 3 *D* dizia. 4 *B* quanazinha. *ST* Quam azinha. *D* Quam aſinha. 4 *SD* noyte. 4 *FA* veo. *C* veyo. 6 *F* esperimento. *DT* experimento. 7 *S* my. 8 *SC* nam. *A* não. 8 *S*

conjectura qual seria o texto original.

2-4. *moucho* é fórma parallela de *mocho*, como *oulhar* (est. 42) de *olhar*. Ambas as fórmas occorrem tambem, por exemplo, em Bernardim Ribeiro.

4-5. Cf. «As roucas rãas ſoauão | Num charco de agoa negra e ajudauão | Do paſſaro nocturno o triſte canto», Camões, ecloga 2.ª

5. Na fórma *darraãs* (em *S*) por *das raãs*, o *s* final do artigo é absorvido pelo *r* inicial seguinte. Cf. a fórma popular antiga *João darregas* por *João das Regras*.

6. A lição *brigo* de *B* talvez represente uma pronuncia popular.

XL 4. O sr. Leite de Vasconcellos mostrou (*Revista Lusitana* II 284) que de *tã d'aſinha* provêm *tam naſinha* fórma que se encontra na edição Eborense de Bernardim Ribeiro, e *tanajinha* que, segundo o mesmo douto romanista, se ouve, ou se ouvia ainda ha pouco, na Beira Alta. E' conseguintemente possivel que oxistisse a fórma *quanaſinha* (resultante de *quã d'aſinha*) correspondente a *tanaſinha*, o que seja assim, exacta a lição do *B*.

do que he o penſamento,
que nunca eſtá deſcanſado.

41. Antre eſtas, ſó, ſaudoſa
vi antre duas ribeiras
hũa ſerrana queixoſa
cercando hũas cordeiras,
—ſendo cordeira fermosa—
como alli tem por uſo
em hũa roca fiando;
mas, como que ia cuidando,
cahia-ſe-lhe o fuſo
da mão de quando em quando.

42. Tendo parecer devino,
pera que milhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino:

---

ocupado. 9 *B* o. *SD* he ho [*D* o]. 10 *B* eſtaa. *T* está. 10 *BC* deſcançado.

XLI 1 *BD* Antro eſtas. *S* Alli triſte. 1 *F* ſoo. 2 *F* antre. *D* ante. 4 *B* çercando. *S* carreando. *D* cercada de. 6 *BD* Como. *S* E como. 6 *FD* tem. *T* teem. 6 *B* vſo. *T* uso. *S* huſo. 8 *B* como quo hia. *S* com ho que hya. *D* como quem vay. 8 *F* cuidando. *D* cudando.

XLII 1 *F* parecer. *D* por parecer. 1 *F* deuino. *T* divino. *D* benigno. 2 *FA* pera. *CT* para. 2 *F* milhor. *T* melhor. 3 *B* cantar

9-10. Cf. *agitatio mentis, quae numquam acquiescit,* (Cicero, *Off* I § 19); *hominis autem mens—semper aliquid aut anquirit aut agit* (id. ibd. § 105).

XLI 1. A ser a lição do *B* a verdadeira, *antre* quer dizer «no numero do» e não «no meio de».

4. O verbo *cercar* tem aqui uma significação de que ainda não encontrámos outro exemplo. Porventura a lição de *D* é a certa, cf. «la borrega major—ſe vino al paſtor, y todas las otras guiadas por ella, o por el conoſcimiento de Sireno, le cercaron al derredor» Jorge do Montemor, *Diana*, pag. 184 da edição do 1565.

7-10. Cf. *Pavet illa metuque | Et colus et fusi digitis ceciderc remissis*, Ovidio, *Metam.* IV 229, 230; «Quantas vezes do fuſo ſe eſquècia | Daliana», Camões, Soneto 41.

8. Nos escritores antigos apparece ás vezes *como que fazia uma cousa* por: *como se fizessc uma cousa*, v. g. «Bati co punho èm meu peito | Como que me confessava», Sá de Miranda, pag. 384; veja-se tambem adiante na estancia 62 o verso 4.º

XLII 1. *parecer*=semblanto.

3. *elle* refere-se a *parecer*. «um cantar dino (ou, como hoje se diz, digno) do parecer» quer dizer: um cantar correspondente ao parecer, bello como era o parecer. E' o pensamento que *La*

42] Veja como fica elucidado por Dona Carolina Michaelis de Vasconcellos, vol III da Revista Lusitana, pag. 347.

«Yo me yua, la mi madre,
a ſancta Maria del pino»
O veſtido lhe oulhei,
e vi que era hum brial
de ſeda e não de ſaial,
a qual eu afigurei
a Menga, la del boſcal.

---

canto de ledino. *T* cantou canto de ledino. *S* cantar cantou om ſi dino. *D* cantou cantar delle digno. 4 *DT* yva. 5 *F* ſancta. *DT* Santa. 6 *B* Ho. *S* O. 6 *B* oulhei. *SD* olhei. 7 *SD* breal. 8 *B* e nam. *SD* nam. 9 *B* a. *S* o. 9 *F* afigurei. *A* affegurei. *C* aflegurei. 10 *B* a Mengua: la del boſcal. *T* a Mengua la del buſcal. *SD* manga larga no bocal.

*Fontaine* exprime dizendo: *si votre ramage se rapporte à votre plumage*. Sobre a lição errada de *B* fallaremos no 3.º Excurso no fim do volume. Nas dicções de origem erudita ou semi-erudita o *gn* latino era no português antigo reduzido a *n*, por exemplo, *dino* (rima com *fino* nos *Lusiadas* II 95, e no plural, escrito *dignos*, com *meninos* em B. Estaço f. 179 verso), *indino* (*indina* rima com *determina* nos *Lusiadas* III 123), *benino* (rima com *destino* nos *Lusiadas* III 130), *malino*, *sino* (fallando-se de signo do Zodiaco, no *Memorial das provas*, cap. 22). *manifico* (Fernão d'Oliveira, *Grammatica*, pag. 3 da 2.ª edição), *inorante* (*Cancioneiro* do Rèsende I 287, 4), *inoto* (ibd. 306, 10), *Ignacio* que ainda se pronuncía «Inacio», etc. (No *Cancioneiro* de Rèsende até se encontra *anus Dei*).

4. *la mi madre* é vocativo; cf. «Madre, la mi madre, | El amor esquivo | Me ofende y agrada» *Romancero general* já citado, n.º 1809.

8. O saial era uma especie de «burel muito grosseiro» (Bluteau, *Vocabulario*).

9-10. O entendimento geral d'estes dois versos, tanto na lição de *B* como na de *S* não apresenta porventura difficuldade. No texto de *B* parece dizer-se que a serrana se afigurou a Chrisfal ser certa personagem, sem duvida conhecida na litteratura. Effectivamente o nome feminino de *Menga* e do seu deminutivo *Menguilla* occorre, por exemplo, nos romances n.º 1582, 1597, 1626, 1627, do *Romancero General*. Mas por um lado não sabemos o que querem dizer as palavras *la del boſcal* (ou *la del Boſcal?*); por outro lado o emprego do rolativo *a qual* naquelle lugar é violentissimo. No texto de *S* os versos *o qual* [*sc.* brial] *eu afigurei* | *manga larga no bocal* ligão-se perfeitamente aos tres precedentes continuando a descripção do vestuario da serrana. O singular «manga» está em sentido collectivo, equivalendo a «mangas» exactamente como acontece neste lugar do romance n.º 1719 do *Romancero General* «De tafetan cuello y vueltas, | Ancha manga y corto cuello»; a respeito do termo «bocal» cf. «e havia muitos que não trazião mais que o manto da camiza, e os bocaes por mostra» (*Historia Tragico-Maritima* I 338). Mas, ainda quando, em vez de *o qual*, lessemos (com *D*) *no qual*, a construcção «alguem afigurar uma cousa» por

43. Depois d'acabar ſeu canto
dezia: «Ninguem me crea
por me ver alegre tanto;
viſto-me á vontade alhea,
e o meu cantar he pranto;
anda a dor deſſimulada,
mas ella dará ſeu fruito;
a minha alma traz o luito;
de pouco ſão eſpoſada,
mas deſcontente de muito.

44. Troquei amor por riqueza
porque m'o trocar fizerom;
mas bem pago eſta crueza,
que, em que cem contos me derom,
deſcontárão-ſe em triſteza:
meu eſpoſo aborreço,
quando me a lembrança vem
do primeiro querer bem:
ninguem venda amor por preço,
pois elle preço não tem.

---

XLIII 1 *SDT* de acabar. 3 *B* veer. *SD* ver. 6 *B* door. 7 *F* ella. *D* cedo. 7 *B* daraa. 7 *SD* fruto. 8 *SD* luto. 9 *D* deſpoſada. 10 *B* deſcoutente. *T* descontente.

XLIV 2 *F* mo. *D* me. 2 *S* troquar. 2 *SD* fizeram. 3 *FT* pago [*B* paguo]. *D* paga. 4 *SD* deram. *B* derom (mas o *m* está inteiramente apagado). 5 *B* deſcontaranſe. *T* descontaram-so. 6 *S* aboreço. 6 *B* me a lembrança. *DT* me á lembrança. *S* lembrança me. 9 *F* venda. *D* troquo.

«uma cousa afigurar-se a alguem» continuaria a ser muito estranha. Se não fosso tal estranheza do syntaxe, a lição que teriamos por mais provavel, sería: *a qual eu afigurei, | manga larga no bocal*, estando *a qual* com o valor do particula comparativa do mesmo modo que *a segundo* em «A segundo a policia Melindana» nos *Lusiadas* VI 2, o *a como* em «a como cahyr em soorte» no *Cancioneiro* de Rôsende I 271, 6.

XLIII 5. Cf. «Porque ese cantar fué llanto», Sá de Miranda, pag. 118.

9. A fórma *são* como primeira pessoa é corrente ainda durante o seculo XVI.

XLIV 4-5. *derom* = dessem; *deſcontárão-ſe* = descontar-se-hião.

7-8. O dr. Th. Braga escreve: *quando me á lembrança vem | do primeiro querer bem*. Esta construcção, embora tenha correspondente no latim *mihi venit in mentem alicujus rei* (Madvig, *Grammatica*, § 291, *obs.* 3.ª), não me pareco quo fosse a quo o poeta quis empregar.

9. Cf. «O chiunque tu fosti, che insegnasti | Primo a vender

45. Não tenho que lhe falar,
ſe não ſão couſas paſſadas;
ſe lhe eſtas quero contar,
vão ſer todas namoradas
pera o pouco namorar.
Fôra elle o meu amor,
e vivêra eu pobremente!
Que grande engano de gente!
Que pobreza ha i maior
que a vida deſconténte!

46. Quando com elle me aſſento
mil vezes cáio em mingoa,
porque, por eſquècimento,
falando deſcobre a lingoa
o que eſtá no penſamento.
Faz-nos iſto então ficar,
eu muda, elle mudado;
ama-me como he amado;
pera me d'iſto guardar,
por bem ei o guardar gado.

---

XLV 1 *F* falar. *T* fallar. 2 *F* ſam. *D* em. 3 *FD* contar. *T* cantar. 5 *F* pera o pouco. *D* para pouco. 6 *FA* o meu. *C* meu. 7 *BD* eu pobremente. *S* prouemente. 8 *F* do. *D* da. 9 *B* ha hi. *S* a hy. *T* he hi. *D* ay.

XLVI 1 *S* maſento. 2 *BD* mil vezes. *S* a falar. 4 *B* lingua. *T* lingoa. 5 *BD* eſtaa [*D* eſta]. *S* jaz. 6 *F* Faznos iſto [*B* yſto]. *D* Fazlho iſto. 7 *F* eu muda elle. *D* eu mudo, e ello. 9 *D* para. 10 *B* por bom aj. *T* por bom ey. *S* por bem ey. *D* hey [*A* ey] por bem. 10 *BD* guardar o gado (*B* guado, *T* gado). *S* ho guardar gado.

l'amor, sia maledetto | Il tuo cenor sepolto» Tasso, *Aminta*, II 1.

XLV 1-2. No português antigo, quando, com «se não», se restringe a generalidade do un assêrto, empregava-se frequentemente uma oração condicional com o verbo «ser» (v. g. «se não são cousas passadas») em vez de so contrahirem em uma só oração os dois membros da fraso («se não cousas passadas»).

4. (cousas) *namoradas* = de amores, relativas a amores, cf. «eſtas namoradas · eſtranhezas» *Lusiadas* III 122.

5. *namorar*=dar contentamento; contrapõo-so-lhe *desnamorar* (cf. «polla mays desnamorar» *Cancioneiro* de Rèsende I 251, 10).

9. *ha i* corresponde ao francês *il y a;* encontra-so a cada passo no português antigo.

47. Maria perdi, meſquinha;
logo, em ſermos apartadas,
do meu mal fui adevinha.
Milhor ſejão ſuas fadas
do que foi a fada minha.
Deos a dê ao ſeu Chriſfal
por ambos contentes ſer;
e mais não lhe quero ver,
mas já ſei pello meu mal
o bem d'outrem eſcolher.»

48. Quando a eu aſſi ouvi
doer-ſe de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Elena,
minha amiga, conheci.
Eſta paſtora e dama
certo que milhor lhe ia,
quando a cantar ouvia
dando fé que em ſua cama
o velho não dormiria.

49. Pena me deu de não crer
vel-la em tal triſteza poſta;

---

XLVII 2 *BD* em ſermos. *S* fomos. 3 *B* do. *SD* de. 4 *F* milhor. *T* melhor. 4 *BD* ſejam. *S* ſeram. 6 *B* Deus a dee. *ST* Deos a dô [*S* de]. *A* Deos de. *C* Deos lhe dé. 7 *B* ſeer. 8 *B* veer. 9 *B* jaa ſei. *S* caſey. *A* ja ſer. *C* jà soy. 9 *B* pelo. *S* pello. 10 *S* o.

XLVIII 1. *F* a eu aſſi [*S* aſi] ouui. *D* eu aſſi ouuir. 2 *FD* de. *T* da. 5 *B* amigua. *T* amiga. 6 *BD* e. *S* he. 7 *F* milhor. *DT* molhor. 7 *F* hia. 8 *F* a. *D* a eu. 9. *B* fee. 9 *F* em. *D* na. 10 *BD* dormiria. *T* dormia. *S* dormeria.

XLIX 1 *BD* de nam [*T* não] crer. *S* nam querer. 2 *F* vella.

XLVII Segundo cremos, *logo em sermos apartadas* equivale a «logo ao sermos apartadas».

8. Parece-nos que o sentido é: e não lhes desejo mais bem (do que serem contentes; pois que é o contentamento a maior felicidade; cf. est. 45. v. 9-10; 86, v. 4-5).

9-10. Por ser a lição do todas as odições foi que deixámos ir no texto *mas;* não padece porêm duvida, a nosso ver, que tal conjuncção não tem aqui lugar, mas sim uma particula causal, naturalmente «pois».

9. *pelo meu mal*=por minha infolicidade.

XLIX 1. *Pena—de não crer*= pena incrivel; cf. Carta, v. 9.

2. «pôr em tal ou tal estado de animo» é frase vulgarissima no português antigo; cf. est. 58, v. 5; 76, v. 4 e 9; 81, v. 6; «poſta em ſoſſego» *Lusiadas* III 120.

quiſera-lhe eu reſponder,
mas treſpôs hũa treſpoſta,
pelo qual não pode ſer.
Depois de ver-me ſem vel-la
os meus olhos me chorárão;
quantas couſas lhe lembrárão
que antre mim, Maria, e ella
em outros tempos paſſárão!

Deſque aqui com meu cuidado
me eſtive fazendo guerra,
ſendo o dia já paſſado
vi-me levado da terra
contra as nuvẽs alçado.
Então, como ave voante,
de quem me alli trouxera
sonhei que levado era
contra onde a tarde ante
o ſol vi que se posera.

---

*T* vel-a. 3 *F* quiſera. *DT* quizera. 3 *B* lho eu. *S* lheu. 4 *F* treſpos. *DT* trespoz. 5 *BC* pelo. *SA* polo. 6 *S* Deſpois. 6 *BD* ella. *S* vela. 8 *F* lhe. *DT* me. 9 *F* antre. *D* entre. 9 *BD* mim. *S* my. 10 *T* outro tempo.

L 1 *BD* Deſque aqui com. *T* Desde aqui com. *S* Deſque yſto. 2 *S* eſteve. 3 *FD* o [*S* ho] dia. *T* dia. 4 *S* de. 5 *B* nuueis. *SA* nuuẽs. *C* nuves. 6 *B* como que voante. *D* com força pujante. 9 *B* contra onde a tarde, anto. *T* contra ondo á tarde ante. *D* contra donde a tarde ante. *S* por meu caminho auante. 10 *BD* puzera.

5. Preferimos a lição do *S* por offerecer um equivoco inteiramente no gosto do poeta. *Depois de ver-me ſem vel-la*=depois de ver que não a via; cf. est. 75, v. 9.

8. *lhe* (=lhes) refere-se a «olhos»; quanto á personificação cf. est. 55, v. 1.

8-10. O dr. Th. Braga não põe sinal do pontuação depois de *choraram* e põe ponto final depois de *passaram*.

XLI-XLIX. O dr. Th. Braga admitte que a pastora Elena seja D. Maria Manool, dama da rainha D. Catharina, e o seu esposo o duque D. Jorge de Lencastro. Effectivamonto D. Jorgo (1481—1550), quando já se avizinhava dos setonta annos pretendeu casar com D. Maria Manoel que então contava apenas dezaseis annos (Sousa, *Historia Genealogica*, liv. XI, pag. 24). Mas se tal matrimonio não chegou a realizar-se (obra citada, pag. 29), segundo o proprio dr. Th. Braga affirma, não comprehendemos como possa admittir aquellas identificações.

51. Indo nam com menos dor,
em que já com mais ſoſſego,
os ventos me forão por
depois de paſſar Mondego
sobre as ſerras de Lor.
Vão alli grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de ſoutos cubertas,
aos naturais eſtranhas
mas á ſaudade certas.

52. Junto de hũa fonte era
o lugar onde fui poſto,
onde ſe-lo não quiſera,
ſendo bem lugar de goſto
pera quem goſto tivera;
mas a mim nem o paſſado
nem o que me era preſente
nada me não fez contente,

---

LI 1 *B* Hindo. *S* Jndo. *T* Indo. *D* Inda. 1 *BD* nam com. *S* com nam. 1 *B* door. 2 *B* em que jaa. *S* inda que. *D* com que ja. 2 *F* com mais ſoſeguo (*S* ſoſego. *T* socego). *C* ſoſſego. 3 *B* poor. 4 *BA* depois de. *C* deſpois de. *S* ate. 4 *BA* Mondeguo (*A* Mondego). *SCT* o Mondego. 5-10 *S* andando de mal em pior. | Ali vi grandes montanhas | de grandes valles cubertas | aos naturaes eſtranhas | onde vi muy deſcubertas | minhas magoas ſer tamanhas. 5 *B* Loor. *DT* Lor. 7 *B* vales. 8 *B* ſoutos. *D* ſoures. 8 *T* cobertas. 9 *BD* naturais. *T* naturaes. 9 *BD* eſtranhas. *T* extranhas. 10 *D* mas as ſaudades certas.

LII 2 *F* fui. *D* foy. *BA* ſelo. *C* ſéſo. (Tambem em *A* o *l* parece um *ſ*). *S* certo. 3 *B* quizera. 4 *BD* ſendo. *S* e om. 4 *F* bem. *D* hum. 5 *F* pera. *DT* para. 7 *B* me era. *SD* era. 8 *F* nam fez. *D*

LI 4. *Mondego*, sem artigo como em «e Guadiana | Atrás tornou as ondas de medroſo», *Lusiadas* IV 28.

5-6. O artificio da divisão de uma palavra (aqui *Lorvão*) entre dois versos occorre por vezes na litteratura d'aquelles tempos; v. D. Carolina Michaelis a pag. 872 da sua odição de Sá de Miranda.

9-10. O sentido parece ser que são aquellas montanhas mal conhecidas dos naturaes d'aquelles sitios, mas conversadas e por isso bem conhecidas d'aquelles a quem as saudades pungom. Sobre a significação de «estranho» cf. a est. 85, v. 6-8.

LII 8. cf. «Nada me fez contente» Camões, ecloga 2.ª No portuguêz archaico antepunhão-se ao verbo duas negativas, como neste lugar.

*

que niſto o magoado
he como o muito doente.

53. Cuberta era a fonte
de tão freſco arvoredo,
que não ſei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ſer antre monte e monte;
a noite de ventos muda,
como ſaudade eſcolha,
e, porque mais prazer colha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha.

54. Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
ſonhava que acordava,
e do que atrás paſſei
de ſer ſonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo ſó por verdadeiro,
ao pé de hum caſtanheiro

---

fez ſer. 9-10 *S* mas folguey de ſer achado | muy cheo de deſcontente. 9 *B* maguoado. *T* magoado.

LIII 2 *S* freſquo. 4 *SD* eſtar junto de huũ (*D* hum) penodo. 5 *F* por ſer antre. *A* por antre. *C* por entre. 7 *BD* eſcolha. *S* ſo colha. 8 *FA* tolha. *CT* colha. *B* aguoa. *T* agoa. 9 *F* mouda. *DT* miuda.

LIV 1 *S* Deſpois. 2 *BD* ou depois. *S* onde deſpois. 4 *FD* atras. *T* atraz. 6 *S* O. 7 *BD* ſoo (*D* ſo). *S* ho. 8 *B* pee. 8 *F* caſta-

LIII 7. O conjunctivo *eſcolha* parece estar empregado em sentido potencial, equivalendo a «escolheria».

8 *porque*=para que. Como a troca entre o *c* e o *t* é frequente na escritura antiga, não duvidámos escrever, com *D*, *colha*, por isso que o verbo «tolher» nos parece aqui inteiramento descabido, a não ser que Christóvão Falcão empregasse «tolher» no sentido, que em italiano tem ás vezes o verbo *togliere*, do latim *capere*. O emprego do presente em vez do imperfeito é uma inexactidão syntactica de que não raro so veem exemplos nos escritoros antigos.

LIV 1-2. Sobre a especie do tautologia quo ha nestes dois versos cf. «Com quem nos consolaremos, | ou quem nos consolará», *Cancioneiro* de Rèsende I 462, 16-17.

me puſ triſte aſſentado
ouvindo o tõo de hum ribeiro.

55. Meus olhos e eu paſſámos
alli a noute em clamores
até que ao tempo chegámos
a que nós outros paſtores
o dilúculo chamamos.
Naqueſte tempo corrompe
a ave que chamão real
o ſilencio de ſeu mal,
que he quando a alva rompe
e ó dia faz ſinal.

---

nheiro. *D* loureiro. 9 *F* pus. *DT* puz. 9 *S* aſentado. 10 *BD* ouuindo. *S* ouuir. 10 *B* toom. *S* tõ. *D* tom (em *C* o *t* está apagado). *T* som.

LV 2 *SD* noyto. 2 *BD* clamores. *S* amores. 3 *B* atee. *SD* te (*C* com accento). 3 *BD* ao. *S* ho. 5 *BD* diluculo. *S* dipendio. 6 *F* Naqueſte. *D* Naquelle. 6 *C* corrumpe. 7 *FD* a aue que chamam leal. *S* aquello quo ama real. 8 *BD* de. *ST* do. 9 *F* a alua. *A* a Lũa. *CT* a lua. 10 *BD* o. *S* ho. 10 *FD* ſinal. *T* final.

10. *tõo* e tambem *bõo* e *sõo* são as fórmas originarias de que resultárão por apocope *tom*, *bom*, *som*.

LV 2. *clamores* = brados de dor; cf. «ho causa de meus cramores», *Cancioneiro* de Rèsende I 369, 24.

6-8. A expressão «corromper o silencio», como synonyma da frase perfeitamente classica «romper o siloncio», é insolita. Deve porêm notar-se quo tambem João Franco Barreto disse «Não ha— | muro que não derrubo e não corrompa» (*Eneida* II 122). *A ave que chamão real* ó o rouxinol, ave em que, segundo uma versão da lenda grega, foi metamorfoseada uma das filhas de Pandion, roi de Athenas, Philomela, a quem, depois de a violar aleivosamente, seu cunhado Tereo havia cortado a lingoa. (v. Ovidio, *Metam.* VI 424-676). Na 3.ª elogia tambem Camões diz «Quando a roxa manhãa doura-da e bella | Abro as portas ao Sol, o cae o orvalho | E torna a ſeus queixumes Filomela», e Angelo Policiano «E l'Usignol sotto l'amate fronde | Cantando repetea l'antico pianto» *Stanze* (ed. de 1753).

9-10. *ó* (=ao) *dia faz ſinal* corresponde a «abre as portas ao Sol» no passo de Camões acima citado. Na traducção de Arato feita por Cicero a aurora é chamada *praenuncia solis*. O dr. Th. Braga, que adopta no verso 9 a lição inacceitavel «a lua» (lição que provêm de ter-se tomado erradamente o *u* de *a alua* por vogal e não por consoante), substituindo depois arbitrariamente no verso 10 *ſinal* por *final*, pôs a segunda parte da estancia em contradicção com a primeira, na qual se designa expressamente o alvorecer.

56. Então por que tudo fale
contando as mais paixões,
que rezão he que não cale,
ouvi gritar huns pavões
lá no mais baixo do valle;
tras iſto, pouco tardando,
hum doce cantar ouvia,
que na minha alma cahia,
o qual eu bem eſcutando
entendi que aſſi dezia.

CANTIGA

57. Não ſei pera que vos quero,
—pois me d'olhos não ſervis—,
olhos, a quem eu tanto quis!

VOLTAS

58. Pera ver me foſtes dados;
vós ſó a chorar vos déſtes,
e, ſe eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizeſtes;
deſque nelles me puſeſtes,

---

LVI *BD* Entam. *S* E então. 1 *BD* fale. *S* o falle. 2 *B* as mais. *SD* minhas. 3 *F* he. *D* ha. 3 *SC* calle. 4 *S* huũs. 5 *FD* laa (*S* la. *D* lá). *T* jaa. 5 *F* baixo do valle (*B* vale). *D* alto do monte. 6 *B* Tras yſto. *S* Tras diſto. *DT* Traz isto. 8 *S* caya. 9 *B* o qual. *S* ho que. *D* a qual. 9 *S* eſcuitando. 10 *C* aſſim. 10 *F* dezia. *T'D* dizia.

LVII *B* e *S* não trazem a rubríca «Cantiga». (Vem em *T*, com a devida advertencia).

1 *BD* para. 2 *D* e pois olhos me não ſeruis. 3 *BD* quem (*B* quim. *T* quem). *S* que. 3 *B* eu tanto. *SD* tanto. 3 *FA* quis. *CT* quiz.

LVIII *B* e *S* não trazem a rubríca «Voltas». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *B* vos ſoo. *SD* e vos. 5 *BD* puzeſtes. *S* puſeſtes. 6 *B* de.

LVI 1. *porque tudo fale*=para que (eu) diga tudo.

8=que me abalava a alma.

9. No seculo XVI já existia a par de «escuitar» a fórma «escutar».

LVIII 1-2. Note-se o equivoco entre *foſtes dados* e *a chorar vos déſtes* (em latim *lacrimis vos tradidistis*).

5. *nelles*, *sc.* cuidados.

do deſcanſo me fogis,
olhos, a quem eu tanto quis!

59. Meus olhos, por muitas vias
uſais comigo cruezas;
tomais as minhas triſtezas
pera voſſas alegrias;
entrão noites, entrão dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos, a quem eu tanto quis!

60. Quando vós primeiro viſtes,
que não me era bõo ſabieis;
mas, por gozar do que vieis,
em meu dano conſentiſtes;
o que então me encobriſtes
agora m'o descobris,
olhos, a quem eu tanto quis!

61. Ando-vos a vós buſcando
couſas que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
triſtezas me andais tornando;
agora vou-vos cantando,

---

*SD* do. 6 *F* deſcanço. *A* doſcanſo. 6 *B* fugis. *S* fogis. 7 *BD* quem. *S* que. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LIX 2 *B* vſais. *T* uzais. *S* huzais. 2 *FD* comigo (*B* comiguo). *T* commigo. 5 *B* Entam noites entam dias. *S* om tam noytos em tam dias. *D* entrão noites paſſão dias. *T* Entram noites, entram dias. 6 *B* nunqua. 6 *D* o vos nunca me dormis. 7 *BD* quem. *S* quo. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LX 2 *BD* me era. *S* mera. *T* era. 2 *B* boom. *SDT* bom. 2 *C* ſabeis. 3 *FD* gozar. *T* gosar. 5 falta em *T*. 6 *BD* mo. *S* me. 6 *BA* deſcubris. *SCT* deſcobris. 7 *BD* quem. *S* que. 7 *B* eu tanto. *SD* tanto (*C* tantos). 7 *FA* quis. *CT* quiz.

LXI 1 *F* a. *D* ou a. 3 *F* quanto. *D* quando. 3 *FD* podois. *T* podieis. 4 *B* triſtezas. *SD* triſteza. 4 *B* me andais. *S* mandais. *D* mo

LX 1. *Quando – primeiro* = a primeira vez que (em latim *cum primum*). *viſtes* = exercitastes a faculdade de ver.

LXI 4. *tornando* = dando em paga.

vós a mim chorando me is,
olhos, a quem eu tanto quis!

FIM

62. Quem o que digo cantava,
deſque o cantado teve,
não ſei o que o cauſava,
mas eſpaço ſe deteve,
aſſi como que cuidava;
depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou
e eſte cantar começou,
o qual devia de ſer
aquillo em que cuidou.

CANTIGA

63. Como dormirão meus olhos!
Não ſei como dormirão,
pois que vela o coração.

---

eſtais. 6 *S* mi. 6 *BD* his. *S* ys. 7 *TD* quom. *BS* que. 7 *BA* eu tanto. *SC* tanto. 7 *FA* quis. *CT* quiz.

*B* e *S* não trazem a rubríca «Fim».

LXII 1. *B* diguo. 2 *B* deſque o. *S* deſpois que o. *D* depois que. 3 *B* quo. *DT* o que. *S* porque. 4 *F* mas. *D* mais. 5 *FA* aſſi (*S* aſſy). *CT* aſſim. 5 *FA* como quo cuidaua. *C* como o quo andava. 6 *S* Deſpois. 7 *S* de nouo ho que falou. *D* do nouo a voz alçou, 8 *F* eſte. *D* o eſte. *F* de ſer. *D* nacer (*C* naſcer). 10 *F* aquilo. *T* aquillo. *D* daquillo.

LXIII *B* e *S* não trazem a rubríca «Cantiga». (Vom em *T* com a devida advertencia).

2 *D* meus olhos como dormirão. 3 *SD* vella.

LXII 2. No portuguôs antigo usava-se, em orações temporaes, o preterito composto com «tive» no mesmo sentido quo o chamado «preterito anterior» francês.

5. V. a nota á estancia 41, verso 8.

VOLTAS

64. Toda eſta noite paſſada,
que eu paſſei em ſentir,
nunca a pude dormir,
de ſer muito acordada;
dos meus olhos foi velada;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?

65. As horas d'ella cuidei
dormi-las; forão veladas;
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noutes paſſadas
neſte penſamento vão,
pois que vela o coração.

66. Paſſaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós ſereis deſamados.
Em meus olhos agravados

---

LXIV *B* e *S* não trazem a rubríca «Voltas». (Vem em *T* com a devida advertencia).

2 *S* paſey. 2 *FD* em. *T* em o. 3 *B* nunca a. *S* nunca ha eu. *D* nunca eu. 5 *F* dos. *D* de. 5 *S* fuy. 6 *F* mas. *A* mais. *C* pois. 7 *S* vella.

LXV 1 *SD* oras. 1 *B* della cuidei. *S* dellas chorey. *D* que eu cuydei. 2 *BD* dormilas. *S* dormillas. 2 *B* veladas. *SD* choradas. 3 *B* tambem. *T* tão bem. 3 *D* mas pois niſſo as empreguei. 4 *B* douhas. *T* dou-as. 5 *SD* noites. 7 *F* pois que vela (*S* vella). *D* nelle vela.

LXVI 1 *B* Paſaros. *T* Passaros. 2 *F* no que. *D* e que. 3 *FA* que ſe. *C* ſe. 4 *C* defamados. 7 *S* vella.

*B* e *S* não trazem a rubríca «Fim».

LXIV 2. *em ſentir*, *sc.* que (a noite) ia passando (o que não aconteceria, so dormisse).

4. *de* está em sentido causal.

6-7. O dr. Th. Braga põe no fim da frase ponto final.

LXV *paſſadas* liga-se a *vão* como nome predicativo.

LXVI 5. Cf. «meus olhos sam agrauados», *Cancioneiro* de Rèsendé II 599, 20.

vereis ſe tenho rezão,
pois que vela o coração.

FIM

67. Como a cantiga moſtrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava;
porque, de quem ſer podia,
então ſoſpeita me deu,
que todo o cantar ſeu
era o da minha Maria
ou a do deſſejo meu.

68. Com hum temeroso prazer,
que ſoe ter quem deſſeja,
deſſejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.
Neſte deſſejo, de cima
eſtando-a eu ouvindo,
a Deos ſer ella pedindo,
vi-a vir o vale acima
em ſeu cantar proſiguindo.

---

LXVII 1 *F* Como a. *D* Como. 2 *B* femenil (*T* feminil) a meu cuidar. *S* fuyme eu logo julgar. 4 *B* quem. *SDT* quo. 4 *BD* do. *S* que. 5 *B* eu ouuir me. *SCT* em ouuir me. *A* em ouuirmo. 7 *FD* ſoſpeita (*S* ſoſpeyta). *T* suspeita. 7 *FA* me. *C* do. 8 *F* que. *D* porque. 8 *F* ho. *T* o. 9 *FA* era o (*S* ho). *C* era. 10 *FD* a (om *A* a letra está apagada). *T* o.

LXVIII 1 *F* Com hum tomeroso. *D* Como o incerto. 2 *F* ſoe. *D* pode. 2 *B* teer. 2 *B* recea. *SD* deſeja. 3 *B* deſſejaua. *S* eſperando. *D* eſperau. 6 *BC* de ſima. *S* deſtima. *A* de cima. 7 *B* eſtando ha. *T* estando-a. 8 *BD* Deos (*B* Deus,) ſer. *S* deos por. 9 *B* via (*T* vi-a) vir o vale. *S* vir a vy pollo vallo. *D* via vir pelo valle. 10 *BD* em. *S* e. 10 *SDT* proſeguindo.

LXVII 2. *a meu cuidar* (=segundo me parecia) vem tambem, por oxemplo, no *Cancioneiro* da Vaticana, n.º 647.

4. *mais de bem*=optimamente.

5. «ou contentava-mo ouvir» (=sentia prazer em ouvir) é syntaxe antiga.

10. *a, sc.* Maria. *do deſſejo meu*=minha desejada.

LXVIII 10. *prosiguir* é fórma archaica, parallela a *proseguir;*

69. Muito a vi eu mudada,
mas com tudo conheci
ſer a minha deſſejada
a quem, aſſi vendo, vi,
a viſta no chão pregada,
com o ſeu cantar penſoſo
e paſſadas eſquecidas
ao tõo d'elle medidas,
veſtida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

70. Hũa coiſa não lavrada,
antes ſem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
hũa talhinha pedrada
ou hum pedrado atanor.
Quiſera-a ir receber
vendo-a ante mim preſente,
mas não pude de contente,
que indo pera me erguer,
de prazer me achei doente.

---

LXIX 1 *D* demudada. 2 *F* conheci. *D* a conheci. 4 *B* a quem aſſi vendo. *S* a que aſſi vendo. *D* a que aſſi (*C* aſſim) vindo. *T* a quem assi vindo. 6 *F* Com. *D* Como (em *A* o segundo *o* está apagado). 6 *F* penſoſo (*B* penſozo). *DT* penoſo. 8 *B* toom. *SD* tom. *T* soom. 8 *BD* delle. *S* dellas. 9 *F* vir. *DT* a vi. 9 *SD* darenoſo.

LXX 1 *A* coufa. 3 *F* ençima (*S* encima). *T* em çima. 3 *B* door. 4 *BA* talhinha. *S* talinha. *D* toalhinha. 5 *B* a tenor. *S* tanor. *D* tenor. 6 *B* Quiſera a. *S* Quiſera. *DT* Quizera-a. 6 *F* ir (*B* hir. *S* yr. *T* ir). *D* vir. 7 *B* vendoha. *T* vendo-a. 7 *S* my. 9 *FA* que yndo. *C* quando. 9 *F* pera. *DT* para. 9 *BD* me erguer. *S* ho fazer. 10 *S* machey.

cf. *Cancioneiro* de Rèsende II 249 rubríca, 280 rubríca.

LXIX 1. A lição *demudada* é possivel que seja a original; cf. «tam triſte, tam demudada | que casi a nam conheçy», *Cancioneiro* de Rèsende I 310, 33-34.

4. De *vi* depende o infinito *vir* do verso 9.º

7. *eſquecidas*=muito lentas.

9. *arenoso* (=côr de areia) vem tambem, por exemplo, na *Miscellanea* de Leitão do Andrade: «calções de raxa arenosa» (pag. 196 da ed. de 1629).

LXX 1. «atanor, tanor, tenor» (que todas as tres fórmas occorrem, e tambem «atenor», se a lição de *B* é certa) era uma especie de vasilha; cf. *Cancioneiro* de Rèsende III 158, 16; II 482, 29; I 216, 17.

71. Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais paſſava
e vi que aquella hora
comigo emparelhava;
dando huns mui doces brados
ſaidos do coração,
á cantiga vinha então
«Em meus olhos agravados
vereis ſe tenho rezão».

72. Ao que eu reſponder
me lembra: «São agravados?
Podem logo os meus dizer
que ſão bemaventurados,
pois que vos podérão ver.»
Como ella em me ouvir
grão ſobreſalto ſentiſſe,
quis fogir; mas, quem lhe diſſe
que ſe poſeſſe em fogir,
lhe fez com que não fogiſſe.

73. Nas molheres o temor
tanto o poder empede,

---

LXXI 2 *F* o prazer. *D* o goſto a. 4 *B* via. *SD* vi. 5 *FD* comigo (*B* comiguo). *T* commigo. 7 *BD* ſaidos. *S* caydos. 8 *D* vinha a cantiga entam. 10 *BD* vereis. *S* vede.

LXXII 1 *B* Ao. *S* A ho. 5 *B* puderam. *ST* poderam. 6 *FA* ella. *C* em ella. 8 *F* quis. *DT* quiz. 8 *BD* fugir. *S* fogir. 9 *BD* puzeſſe. *S* poſeſſe. 9 *B* em fugir. *SD* a fogir (*D* fugir). 10 *BD* fugiſſe. *S* fogiſſe.

LXXIII 1 *FD* molheres. *T* mulheres. 2 *FA* o poder. *C* po-

LXXI 1-2. «forçar» (e «obrigar», como tambem «começar» na est. 78, v. 5, est. 95, v. 10) com infinito sem preposição é syntaxo archaica.

4. So a lição de *B via* [=vi-a] *que emparelhaua* é certa, ha aqui a mesma construcção que no francês *Je la vois qui chancelle.*

6-8. O dr. Th. Braga oscreve «a cantiga»; mas assim não se ligão convenientemento as partes da frase; por isso nós escrevemos «á cantiga» interpretando: neste ponto da cantiga.

LXXII. 2. O dr. Th. Braga põe dois pontos depois do *agravados.*

LXXIII 2-3. Em *tanto—quanto maior* por «tanto mais—quanto maior» ha a mesma irregularidade que frequentemente se encontra em Tacito, v. g. *quanto inopina tanto majora* (*Ann.* I 68).

quanto o medo maior for,
e contra donde procede,
os olhos cuſtumão pôr.
Ella, fazendo aſſim,
vendo-me ficou mudada;
depois, já em ſi tornada,
ſe chegou mais pera mim
a ſer bem certificada.

74. Depois de me viſto ter,
e já que me conhecia,
lagrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, ſem nada dizer.
Eu lhe diſſe: «Meu deſſejo»
—vendo-a tal com aſſaz dor—
«deſſejo do meu amor,
crerei eu ao que vejo
ou crerei ao meu temor?»

75. A iſto, bem ſem prazer,
me tornou então aſſim
com voz de pouco poder:
«Chrisfal, que ves tu em mim,
que não ſeja pera crer?»

---

der. 2 *F* empede. *DT* impede. 3 *F* quanto. *D* quando. 5 *F* cuſtumam (*S* euſtumão). *DT* coſtumam. 6 *FD* Ella. *T* E ella. 6 *FA* aſſi. *CT* aſſim. 9 *F* pera. *DT* para. 9 *BC* mim. *SA* mi. 10 *S* ſertificada.

LXXIV 1 *S* Deſpois. 1 *D* de viſto me ter. 5 *BC* mim. *SA* mi. 6 *D* Diſſe eu ao meu deſejo. 7 *D* vendo o. 7 *B* aſaz. *T* assaz. 8 *F* do. *D* de. 10 *F* ao. *D* a.

LXXV 1 *F* A yſto. *D* E iſto. 2 *F* aſſi. *T* assim. *D* a ſi. 4 *BA* que ves tu em mim (*A* mi). *S* tu que ves em mi. *C* que vez em

2. O substantivo «poder» no português antigo emprega-se muitas vezes por: as faculdades, as forças (físicas ou moraes); cf. est. 75, v. 3. *empedir*, bem como *emperador*, *enveja*, etc., é pronuncia antiga usual.

4. *contra donde procede* (*sc.* o temor); cf. est. 92, v. 7.

8. *já em ſi tornada*. Cf. est. 93, v. 10.

LXXIV 2. *já que* é conjunção temporal (=agora que).

6-8. Cf. «Assy eu de vós partindo, | desejo do minha vida» *Cancioneiro* de Rèsende I 321, 15-16.

6-10. O dr. Th. Braga não põe nenhum sinal de pontuação no fim do 6.º verso nem no fim do 7.º e põe ponto final no fim do 10.º

Eu lhe respondi: «Perder-vos
de vos ver por tanto anno
faz-me aſſim temer meu dano,
que vejo meus olhos ver-vos
e temo que me engano.»

76. «Pois crê certo que eſta ſão»
—deu a iſto por repoſta,
ainda que alegre não—
«e quem em tal dor he poſta,
o que d'ella não crerão?
Bem he de crer o meu choro
a que tu cauſa me déſte;
não t'eſpante o que fizeſte,
que quem me pôs neſte foro
tu es o que me poſeſte.

77. Por ti vim eu deſterrada
a eſtas eſtranhas terras
de donde eu fui criada,
e por ti antre eſtas ſerras
em vida ſão ſepultada,

---

mim. 6 *BD* perderuos. *S* perdiuos. 7 *S* ano. 8 *BD* fazme. *S* fazem. 8 *SA* aſſi. 9 *BD* meus olhos veruos. *S* aſi meus olhos viuos.

LXXVI 1 *B* cree. *T* crê. 1 *BD* çerto que. *S* quo certo. 2 *F* deu a yſto. *A* deum [com espaço para um *e*] iſto. *C* deu iſto. 2 *B* reſpoſta. 3 *B* aynda. *TD* ainda. *S* inda. 5 *F* della. *D* de mim. 6 *FA* de crer. *C* crer. 6 *FD* o meu. *T* meu. 7 *F* cauſa. *D* a cauſa. 9 *F* me. *D* mo. 9 *F* pos. *DT* poz. 10 *FD* me. *T* o. 10 *B* puſeſte. *S* poſoſte. *DT* puzeſte.

LXXVII 1 *BD* vim eu. *S* me vi. 1 *D* deſterrado. 2 *BD* a. *S* em. 2 *FD* eſtranhas. *T* extranhas. 4 *F* antre. *D* entre. 5 *FA* ſam.

LXXV 6-7. *perder-vos* | *de vos ver*=deixar infelizmente de ver-vos.

LXXVI 1. «este, esta» como nome predicativo em lugar de «o» occorre bem vezes no português antigo.

2. *reposta* é, conformemente á etymologia (de *reposita*, participio neutro de *repono*), ainda hoje a pronuncia popular e é d'este modo que a palavra so acha quasi sempre oscrita até os fins do seculo passado. A fórma *resposta* provêm nos tempos modernos de suppor-se orradamente que se liga, quanto á etymologia, ao verbo *responder*, o nos tempos antigos é devida, a nosso juizo, á influencia do castelhano *respuesta* e do italiano *risposta* (assim como é devida á influencia do italiano a graphia *Affrica* nos *Lusiadas* I 2, etc.).

LXXVII 1. *Por ti*, em latim: *propter te*.

onde a ſe me perderem
a frol dos annos ſe vão;
ora julga ſe he rezão
das minhas lagrimas ſerem
menos d'aqueſtas que ſão».

78. Deſpois que iſto falou,
como quem em ſi reſpeita,
as mãos ambas ajuntou
e poſtas na face direita
dizer aſſi começou:
«Sobre o muito que perdi,
nenhũa couſa duvido
em ter o ſaber perdido,
pois tão mal me defendi
do que me era defendido.»

79. Eu lhe perguntei a-hora
mui triſte de aſſi a ver:
«Quem teve tanto poder,
que tenha poder, ſenhora,
de nada vos defender?»
Reſpondeo por antre dentes,
como fala quem ſe peja:

---

*C* ſou. 6 *BD* a ſe. *S* aſſi. 7 *F* frol. *D* flor. 9 *F* das. *D* do. 10 *F* daqueſtas quo ſam. *D* deſtas que ora ſão.

LXXVIII 1 *F* Deſpois. *D* E depois. 1 *F* yſto. 2 *BD* em ſi reſpeita. *S* aſſi reſpeita. *T* em ſi espreita. *BD* e poſtas. *S* poſtas. 5 *FA* dizer. *C* dizendo. 5 *B* aſsi. *C* aſſim. 5 *BD* começou. *S* mo tornou. 7 *C* nenhuma. 10 *BD* me era. *S* mera.

LXXIX 1 *B* a hora. *T* á hora. *SD* a ora. 2 *C* aſſim. 4 *F* tenha. *D* tinha. 6 *F* Reſpondeo. *DT* Reſpondeu. 6 *C* entre. 7 *FA* ſe

LXXVIII 2. *reſpeita*=considera, modita; cf. Carta, v. 39. *em si reſpeita*, em latim: *secum reputat.*

3. Cf. «ajuntando as mãos (a manoira de medo de molher) hum pouco como que vira couſa deſacoſtumada ficou», Bernardim Ribeiro, f. 11 v. da edição Eborense.

4. *direita*=d'reita. Nos escritores mais antigos as vogaes syncopadas na metrica deixavão-se muitas vezes ficar na escrita.

7. Em *nenhũa couſa duvido* emprega-se *nenhũa cousa* do mesmo modo que «nada». Este mesmo verso vem em Bernardim Ribeiro (f. 72) e no *Cancioneiro* de Rèsende (II 408, 9).

8. *ſaber*=bom senso, juizo.

9-10. *me defendi*=me guardei; *defendido*=prohibido.

LXXIX 1. *a-hora*=então; cf. o francês *alors.*

«Dir-t'o-ei, em que erro seja:
defendem-me meus parentes
que te não fale nem veja.

80. E, Chrisfal, he-me forçado
fazer a vontade ſua,
porque lh'o tenho jurado
e tambem porque da tua
o certo me tem moſtrado;
que me dão certa certeza
porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que moſtras ter-me
ſer ſó por minha riqueza.»

81. Ouvir-lhe eu iſto me era
paſſar o trago mortal,
que não ha couſa tão fera
como he achar-ſe o mal
onde o bem achar ſe eſpera.
Vendo já que eſtava poſta
em o que eu não eſperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar eſta repoſta
que me lembra que lhe dei.

---

peja. *C* peja. 8 *F* dirtoey. *T* dito ey. *D* direi. 8 *B* em que erro ſeja. *S* poſto que ſeja. *D* eu que caro ſeja. 9 *B* defendenmo. *AT* defendemme. *S* defendemmo. *C* defendeme. 9 *F* parentes. *D* prazeres. 10 *ST* falle.

LXXX 1 *B* E Crisfal. *SD* Chrisfal. 1 *F* ho me. *A* ho me ja. *C* ho jà. 3 *BD* lho. *T* lhe. *S* ho. 6 *D* E elles mo dão certeza. 8 *F* eu ey. *D* ey. 8 *BD* crueza. *S* emueja. 9 *D* que o amor que. 10 *F* ſer. *D* he. 10 *F* ſoo.

LXXXI Em *S* está a estancia 91 entre a 80 e a 81.

1 Em *A* o *r* do *ouuir* está inteiramente apagado. 1 *F* yſto. 1 *S* mera. 4 *F* como ho. *T* que he. *D* como. 7 *F* que eu. *D* que. 9 *T* resposta. 10 *BD* lombra. *S* allembra.

9-10. Nas orações substantivas dependentes dos verbos de «prohibir» o português antigo empregava uma negativa (como acontece em francês); cf. «seus pays d'ele e d'ela lhe defenderam quo so nam falassem», *Cancioneiro* do Rèsendo II 62, rubrica.

LXXXI «fero»=custoso encontra-se tambem, por exemplo, no *Cancioneiro* de Rèsendo II 22, 23; 54, 13.

82. «O' Maria, ó Maria,
brando achára meu mal,
ſe, pera minha alegria,
vos víra a vontade tal
como me ella ſer devia.
Mas não he nova uſança,
quem grande bem eſperou
não ver o que deſſejou.
Muito pode a mudança,
pois que vos tanto mudou!

83. Quem podera ſoſpeitar
que no amor e na fé
me avieis de faltar!
Mas pois iſto aſſi he,
tudo he pera cuidar.
Pois, por mais mal que ſe guarde,
ſempre ſerá meu amor
como a ſombra, emquanto eu for:
quanto vai ſendo mais tarde,
tanto vai ſendo maior.

84. Quando vos dei a vontade,

---

LXXXII. *B* O Maria, O Maria. *S* O maria o maria. *T* Oh Maria, oh Maria. *C* O' Maria, Maria. 2 *BD* achara. *S* acharia. 3 *SA* pera minha. *BC* para minha. *T* para a minha. 4 *BA* vira a. *S* vira. *C* virà a. 5 *BD* me olla. *S* ella. 6 *F* vſança. *T* usança. 9 *F* mudança. *D* bonança. 10 *BD* vos tanto. *S* tanto vos.

LXXXIII 1 *BD* pudera. *ST* podera. 2 *F* fee. 3 *F* auieis. *T* havieis. 4 *B* ja (*T* jaa) iſto. *SD* yſto (*D* iſto). 4 *C* aſſim. 6 *B* Pois por mal quo ſe guarde. *S* Pois por mais mal quo ſe guarde. *D* Por mais mal quo ſe mo guarde. 7 *F* ſempre ſera. *D* ſera ſempre. 8 *BD* a ſombra em (*B* en. *T* em) quanto eu. *S* ſombra de quem. 9 *F* quanto vay. *D* quando for. 10 *F* vai. *D* irá.

LXXXII 9-10. Cf. «Que tudo muda hũa aſpera mudança», Camões, soneto 45.

LXXXIII 3. O dr. Th. Braga põe ponto o virgula no fim do 3.º verso.

4-5. Cf. *Omnia jam fient fieri quae posse negabam.*

6. *Pois* é aqui particula adversativa.

7-10. Cf. «a magoa deſtas lembranças he como ſombra, que cao do alto monte, que quanto vae ſondo mais tarde, tanto vae ſendo maior», Heitor Pinto, *Dialogo da verdadeira amizade*, cap. XVII.

LXXXIV 1. *vontade*=coração, alma; cf. «as vontados namoradas», *Cancioneiro* de Rèsende I 291, 27.

inda vós ereis menina
e eu de pouca idade;
mas cahio minha moſina
ſobre a minha verdade.
Muito vos quis bem primeiro
que de riquezas ſoubeſſe;
pois meu amor verdadeiro,
de quem ſó ſois interesse,
quem me faz intereſſeiro.

85. Sobre a terra anda o gado,
e ſobre ella ouro e riqueza;
mas pera que he deſſejado?
que em fim não tira triſteza
e acrecenta cuidado.
Não ſei em que ſe encerra
ſer eſquecida e eſtranha
eſta verdade tamanha,
cá fica o aver na terra,
o amor a alma acompanha.

86. Nuus neſte mundo nacemos
e nuus ſairemos d'elle;
neſte meio que vivemos

---

LXXXIV 2 *B* erais. *T* ereis. 3 *F* ydade. 3 *BD* cahie. *S* caye. 6 *F* ves quis (*T* quiz) bem. *D* bem ves quis (*C* quiz). 7 *SD* riqueza. 7 *B* ſoubeſe. *T* soubesse. 9 *F* ſe (*B* ſeo). *D* vós (*A* sem accente). 9 *B* yntereſe. *T* interesse. 10 *F* faz. *D* fey. 10 *B* yntereſeire. *T* interesseire.

LXXXV 1 *S* o. 2 *BD* e ſobre. *S* ſebre. 4 *S* tora. 5 *B* acreſcenta cuidade. *SD* acrecenta he (*D* e) cuidado. 6 *B* emçerra. *T*ençerra. 7 *SD* e oſtranha (*T* extranha). *S* eſtranha. 9 *BD* ca. *S* qua. 9 *F* auer. *T* haver.

LXXXVI 1 *B* Nuns. *T* Nús. *S* nuus. *D* Nos. 1 *BD* naſcemes. *S* nacſemos. 2 *B* nuns. *T* nús. *S* nuus. *D* nes. 2 *F* sayrèmes. 3 *F*

6. Parece-nos que *muito* pertence para *primeiro*.

8-10. O sentido é clare (cem respeito ae verso 9.º cf. os versos 9 e 10 da est. 87); mas ha uma ellipse inselita de verbo «ó» antes de *quem me faz intereſſeiro*, se é que a lição primitiva não era: *é quem me faz int'reſſeiro*.

LXXXV 6-7. «encerrar-se em» =provir de, ser effeito de; analogamente em latim *aliqua re contineri* quer ás vezes dizer «assentar em, depender essencialmente de».

LXXXVI 1-2. E' reminiscencia do Livre de Job (I 21). O mesmo pensamento se lê no epigramma grego X 58 da Anthologia Palatina.

3. *neſte meio*=neste intervalle entre o berçe e a sepultura, nes-

ſó o rico he aquelle
que ſer contente ſabemos.
E que grandes bẽes vos deſſem
aquelles que vo-los derão,
eu ſei bem que nuus nacerão,
e antes que os tiveſſem
he certo que não tiverão.

87. Pois ſe iſto he aſſim
e o eu tambem conheço,
como ſe crerá de mim
que ſoffrer o que padeço
pode ſer a eſte fim?
Cuidar que cuidado tinha
das voſſas riquezas groſſas!
Nas couſas paſſadas noſſas
vereis ſer riqueza minha
vós, que não riquezas voſſas.

88. Mas que foſſe aſſi e mais,
que remedio vos dão,

---

meyo que. *D* mundo em quo. 4 *B* ſoo. *S* ſeo ho. *D* ſomento. 6 *D* bẽs. 6 *BD* vos. *S* nos. 8 *F* eu ſei bem. *D* certo he. 8 *B* nuns. *T* nús. *D* nos. 8 *B* naſceram. *S* nacſeram. 10 *F* he çerto. *D* eu ſei bem. 10 *F* que. *D* que os.

LXXXVII 1 *B* ſſe. *T* se. 1 *F* yſto. 1 *FA* aſſi (*S* aſſy). *CT* aſſim. 3 *FA* ſo crora (*T* com o *a* accentuado. Em *A* o segundo *r* está apagado). *C* ſecreta. 3 *S* my. 4 *F* que ſoffrer. *D* ſocorrer. 5 *BD* eſto. *S* eſſa. 6 *BD* Cuidar. *S* Cuyday. 7 *BD* voſſas. *S* noſſas. 7 *B* groſas. *T* grossas. 8 *BD* nas. *S* das. *T* mas. 9 *B* riqueza minha. *S* riqueza a minha. *D* riquezas minhas. 10 *BD* nam. *S* erã.

LXXXVIII. Em *B* falta esta estancia. *T*, tomando-a do *C*, insere-a no texto (bem como a 102) «com o signal *, para serem conhecidas e poderom ser regeitadas peles escrupulosos».

1 *C* foſſẽ. 1 *FA* aſſi. *CT* aſſim. 2 *S* remedeo. 2 *DT* he (*T* é) o

ta vida mundana; cf. «Neste meo quem mal cai | Mal jaz» Sá de Miranda pag. 195.

LXXXVII 7. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

9-10. A collocação da palavra *vós* no principio do verso, terminando nella a oração, lembra a collocação de Ἕκτορα na falla de Priamo a Achillos no canto 24 da Iliada. (Veja-se a analyso d'osta falla no *Genio do Christianismo* de Chateaubriand).

9-10. Cf. «o minh'alma e coraçam | que tuas riquezas sam», *Cancioneiro* de Rèsende II 384, 7-8.

LXXXVIII Sem esta ostancia (quo falta em *B*) a ostancia

*

com quem conſelho tomais,
á grande obrigação
em que a Deos me eſtais?
que não ſão caſos pequenos
pera que a alma não doa.»
Reſpondeo: «Eſſa he boa!
Dizem que iſſo he o menos,
que Deos que tudo perdoa.

89. E dizem que eu moça era
ao tempo que iſſo foi ſer;
como tempo de crecer
tinha, que aſſi juſto me era
te-lo de me arrepender.
Iſto e mais ſe me diz,
—crê que te falo verdade,—
que não tinha liberdade,
pera fazer o que fiz,
por minha pouca idade.

---

que vos dão. *S* vos dam. *SD* quem. *T* que. 3 *C* concolho. *T* conſelho. 4 *S* ha. *DT* á (*D* sem accento). 5 *S* a deos me eſtais. *DT* quando a Deos moſtrais. 7 *S* pera. (Em *A* a primeira vogal está empastada). *CT* para. 7 *SAT* a alma. *C* alma. 7 *S* não. *DT* vos não. 7 *SAT* doa. *C* dou. 8 *S* reſpondeo. *DT* Reſpondeo (*T* Respondeu) ella. 8 *S* eſſa. *DT* eſta. 9 *S* yſſo he ho. *DT* iſſo he (*T* é).

LXXXIX 1 *B* E dizem que eu. *S* E dizem que. *D* Dizeme que. 2 *BD* ao. *S* no. 2 *F* yſſo. *D* iſto. 2 *FA* foi ſer. *C* ſer. 3 *B* e como. *S* cõ ho. *A* e com o. *C* e como o. 3 *B* creſçer. *SD* crecer. 4 *B* tinha: que aſsi juſto me era. *S* tinha cauſa juſto mera. *A* que tinha bem juſto me era. *C* que tinha juſto me era. 5 *B* telo: de (*T* tel-o de). *S* tello de. *D* tella de (em *A* o *a* está apagado). 5 *S* marepender. 6 *B* yſto. *S* Jſto. *T* Isto. 7 *B* cree. *T* crê. 7 *SD* fallo. 10 *F* ydade.

89 não se liga, quanto ao sentido, á 87.

3=aquelles com quem vos aconselhaes.

4-5. Estes versos alludem ao casamento clandestino.

5. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

10. A repetição da conjuncção «que» é vulgar no estilo familiar; cf. «não aueria eu por inconueniente que ſe a plantaſſem que naſçeſſe», Orta, *Colloquio* 19. (O editor moderno supprimiu indevidamente o segundo «que»). Prática semelhante se dava tambem em latim com a conjuncção *ut*; v. Madvig, *Grammatica Latina* § 480 *obs.* 2.ª

LXXXIX 2. *foi ſer*=aconteceu; cf. «e começandoſe a ordenar tudo, foy aſſi ſer acaſo que ha (=a) hirmãa—detreminara de vir ahi», *Menina e Moça* f. 29.

5 *te-lo*=ter tempo.

90. Então me mândão que meça
amor com quão longe eſtamos,
pera que mais não me empeça,
e, ſe prazeres paſſamos,
os deſſemule e eſqueça;
e que então me buſcarão
hum mui grande caſamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão,
e que o mais crea que he vento.

91. E eu de mui eſquecida
vou-lhe fazer o contrairo!
A ſer tal culpa ſabida
ſei certo que eſte deſvairo
pagarei com minha vida.
E em iſto ſer aſſi
aſſaz de rezão ſeria,
pois tão mal naqueſte dia
o ſeu mandado compri
como o que me a mim compria.

---

XC 1 *B* Entam. *S* Em tã. 1 *F* mo mandam. *D* mandame. 2 *A* amor, com quam. *C* amor, quam. 3 *SA* mempeça. 4 *F* paſſamos (*T* passámos). *D* tomamos. 5 *F* os. *D* quo os. 4 *B* deſemulo. *T* dessemule. *S* deſſimule. *D* diſſimule. 9 *F* quanto. *D* como. 9 *BD* meus. *S* os meus. 10 *B* quo he. *S* queé.

XCI *B* mui. *S* mi. *D* mim. 2 *BD* fazer o. *S* ſayr ao. 2 *D* contrario. 3 *F* a. *D* o a. 4 *D* deſuario. 6 *BD* yſto. *S* todo. 6 *C* aſſim. 7 *B* aſaz. *T* assaz. 7 *BC* razam. *ST* rezam. 9 *F* o (*S* ho). *D* a. 9 *F* compri. *T* cumpri. *D* cumprir. 10 *B* comó o que me amim (*T* a

XC 1-2. O que as palavras *que meça amor com quão longe eſtamos* querem dizer, não é assaz claro. Parece-nos haver aqui allusão ao proverbio «Longe da vista, longe do coração», vindo a ser o sentido: que avalie Maria a intensidade do amor pela distancia a que Maria e Chrisfal se achavão um do outro.

10. *vento*=cousa sem entidade; cf. «tudee vento aa derradeira» *Cancioneiro* do Rèsendo III 283, 21.

XCI 1. Em *de mui eſquecida* ha a mesma syntaxe que em «E niſto de mimoſa | o roſto banha em lagrimas ardentes», *Lusiadas* V 41.

O que se lê na estancia posta por *S* entre a 90 e a 92 não concorda com o que se lô nos versos 6 e 7 da estancia 90, sendo que segundo aquella estancia os parentes de Maria já lhe buscárão um casamento; segundo a estancia 90 hão-de buscar-lh'o quando ella houver esquecido Chrisfal.

92. Não te veja aqui ninguem;
vai-te, Chrisfal, d'eſta terra;
não quero teu querer-bem,
porque me não dê mais guerra
da que já dado me tem».
Em lhe iſto eu ouvindo
fui pera lhe reſponder,
mas, depois de o dizer,
contra d'onde tinha vindo
ſe me tornou a volver.

93. Dei hũa voz mui dorida:
«Porque me negais conforto,
alma deſagradecida?»
Então cahi como morto;
oxalá perdêra a vida!
Não ſei eu o que paſſou
em quanto iſto paſſei,
mas junto comigo achei
quem me eſte mal cauſou,
depois já que em mim tornei.

---

mim) cumpria. *S* como quem a my comprya. *D* com o que a mim cumpria.

*S* põe, como já foi dito, a estancia 91 entro a 80 e a 81. No lugar da 91 tem est'outra:

Muytos paſtores buſcaram
mas hum paſtor por ſerte amigo
e outro por ſerte enemigo
hum e outro ſe eſcuſaram
e damlho logo comigo:
Bado que faram mil queyjos
mas ho com que ſe deſpediram
he ja moſtrar quo temiam
que ho ſabor dos teus beyjos
na minha boca achariam.

XCII 3 *F* teu. *D* eu. 4 *B* me nam dee (*T* dê). *S* nam me dem. *D* não me de (*C* dè). 6 *B* yſto eu. *SD* eu yſto. 8 *SD* deſpois. 8 *F* de o. *D* diſto.

XCIII 1 *B* dei. *SD* Doylhe. 1 *B* mui dorida. *SA* ſentida. *C* tam ſentida. 2 *SD* negas. 2 *F* conforto. *D* conforme. 3 *B* deſagradeſçida. *T* desagradoçida. 4 *BD* cahi. *S* caſi. 7 *F* ysto. 8 *FD* comigo. *T* commigo. 9 *FD* quem me. *T* quom. 9 *B* cauzou (*T* causou). 10 *S* deſpois. 10 *SD* mi (*S* my).

XCIII 1. Cf. «Com voz de pranto dorida», *Cancioneiro* de Rèsende I 311, 28.

94. E dizendo: «O' mezquinha!
como pude ſer tão crua!»
bem abraçado me tinha,
a minha boca na ſua
e a ſua face na minha.
Lagrimas tinha choradas,
que com a boca goſtei,
mas, com quanto certo sei
que as lagrimas ſão ſalgadas,
aquellas doces achei.

95. Soltei as minhas então
com muitas palavras triſtes,
e tomei por concruſão:
«Alma, porque não partiſtes?
que bem tinheis de rezão.»
Então ella aſſi choroſa
de tão choroſo me ver,
já pera me ſocorrer
com hũa voz piadoſa
começou-me aſſi dizer:

96. «Amor de minha vontade,
ora nom-mais, Chriſtal manſo,
bem ſei tua lealdade;
Jeſu, que grande deſcanſo

---

XCIV. Em *A* e *C* faltão os cinco primeiros versos. 1 *B* O. *S* ho. 1 *ST* meſquinha. 4 *B* a. *S* e a. 4,7 *F* boca. *T* bocca. 5 *B* e a. *S* a. 8 *B* mas. *SD* e.

XCV *F* entam. *D* tambem. 3 *A* tornei. 3 *FA* concruſam. (*B* concruzam). *C* conclusam. 5 *D* pois tinheis tanta rezam (*C* razam). 6 *F* aſſi (*S* aſſy). *D* aſſim. 8 *D* hia pera (*C* para) reſponder. 9 *F* piadoſa. *D* amoroſa. 10 *T* começou-me assi a dizer. *D* começou a me dizer.

XCVI 1 *FD* de. *T* da. 2 *F* ora. *D* era (em *A* o e está apagado). 2 *B* nõ mais. *S* nomais. *D* no mais. 2 *B* manço. 3 *FA* tua. *C*

XCIV 8. *mas* está por anticipação oquivalendo a: e (comquanto—) comtudo (—achei).

XCV 1. *as minhas*, *sc.* lagrimas.

3-5. Cf. «y tomo por concluſion | para mas ſatisfacion, | de lo que en ſeruiros ſiento | que no quiero galardon», Jorgo de Montemor, *Cancionero* f. 58 da edição do Salamanca de 1579. O dr. Th. Braga põe só virgula no fim do segundo verso e dois pontos no fim do quinto. Em *bem—de rezão* ha a mesma syntaxo que em *aſſaz de rezão* na estancia 91, v. 7.

XCVI 4. Para que *ay* pudesse

he falar com a verdade!
Eu ſei bem que não me mentes,
—que o mentir he diferente;
não fala d'alma quem mente;—
Chriſfal, não te deſcontentes,
ſe me queres ver contente.

97. Quando contigo falei
aquella ultima vez,
o choro que então chorei,
que o teu chorar me fez,
nunca o eu eſquecerei.
Foi eſta a vez derradeira,
mas começo da paixão
paſſando-me eu então
para o Casal da Figueira
do Val de Pantalião.

98. Minha fé te he verdadeira;
no mal que te fiz o vi,
porque em fim á derradeira
não quero mal contra ti
que o meu coração queira.
Por me ver livre de dor
deixára eu de te querer,

---

que tua. 4 *B* ay. *SD* Jeſu. 4 *B* deſcanço. 6 *D* Eu bem ſei quo mo não mentes. 7 *BD* mentir. *S* ſentir. 7 *F* diferente. *T* differento.

XCVII *S* tem esta estancia no lugar da 98 e vice-versa. 1 *B* contigo. *T* comtigo. 5 *F* nunca o (*S* ho) eu. *D* nunca o. 6 *B* a vez. *SD* vez. 6 *S* deradeyra. 7 *B* da. *SD* de. 9 *BC* para. 9 *FA* casal. *CT* Cazal. 9 *FC* da. *A* de.

XCVIII 1 *D* Tua fè me he verdadeira. 1 *F* fee. 3 *BD* a (*T* com accento). *S* ha. 3 *C* verdadeira. 5 *FA* que. *CT* quer. 6 *B* veer. *T* ver. 6 *B* libre. *T* livro. 6 *F* de. *D* da. 6 *B* door. 7 *BD* deixara. *S*

considerar-se a verdadeira lição, seria necessario admittir que o poeta empregasse *ái* como disyllabo, o que não parece provavel. Christóvão Falcão faz ás vezes de *ao* duas syllabas, mas em *ao* ha rigorosamente duas palavras.

XCVII. A esta estancia correspondem na Carta os versos 53-58.

10. Não achámos noticia do aqui chamado *Val de Pantalião*.

XCVIII 1. Este verso é reposta ao que diz Chrisfal na estancia 83, v. 1-3.

3. *á derradeira* = por ultimo;

ſe o podera fazer;
mas poder e mais amor
não podem eſtar num poder.»

99. Neſte paſſo acordei eu;
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento,
qual nunca couſa me deu.
Não ſei eu que a Deos cuſtava,
porque não me outorgára
que neſta gloria ficára,
ou, pois já que acordava,
que d'isto não me acordára.

100. Aſſi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os ſinos dóbrão a pares,
morreo meu contentamento,
dobrárão-ſe meus peſares.
Por quão grão dita tivera,
ſe por dar fim á triſtura

---

leixara. 7 *F* te querer. *D* querer. 8 *D* o o pudera fazer. 9 *F* mas. *D* mais. 9 *FD* amor. *T* o amor. 10 *BD* num. *S* nhum. 10 *F* poder. *D* ſer.

IC *A* o *C* não tem os cinco ultimos versos. 1 *SDT* paſſo. *B* paço. 1 *BD* acordoi eu. *S* acordey. 3 *F* que eu. *D* que. 4 *S* deſpois. 6 *B* ſei eu que q̃ a dita. *T* ſei eu que a dita. *S* ſei que a Deos. 7 *S* outrogara. 10 *B* me acordara. *S* macordara. *T* acordara.

C 3 *D* dobrão os ſinais a partes. 4 *F* morreo. *T* morrou. 5 *F* dobraramſe. *D* o dobrarão. 5 *T* pozares. 6 *F* quam gram. *D* grande. 7 *F* fim a (*B* com *a* maiusculo). *D* huma. 9 *B* Deus que eu

cf. *Cancioneiro* de Rèsende III 434, 4; 283, 21.

IC 6. *dita* por *Deos* devo ser alteração devida a escrupulo religioso, alteração inhabil que deixou o verso com uma syllaba a mais. Outro tanto acontece no verso 27 da Carta, onde foi substituido *Deos* por *fortuna* ficando o verso com uma syllaba do mais.

6-7. Ha aqui fusão de duas construcções: «não sei porquo não me outorgaria» e «não sei que custava a Deos».

8. *ficára*=ficasse; igualmente no verso 10 *acordára*=acordasse.

9-10. *me acordára*=me recordára equivocando com *acordava* =desportava.

C 3. Cf. «vem as doenças a pares» *Cancioneiro* de Rèsende III 592, 14.

eu n'eſte tempo morrêra!
Sabe Deos que eu bem quiſera,
mas não quis minha ventura.

101. Não vos poſſo mais contar,
agoas minhas, minhas agoas,
que não me deixa o peſar.
Ora chorai minhas magoas,
que bem ſão pera chorar;
que em que cem olhos tivera,
como teve Argos paſtor,
da vaca Io guardador,
mais olhos miſter ouvera
pera chorar minha dor.

102. Por me iſto alembrar,
não vos pareça eſtoria,
que as couſas de muita gloria,
como as de muito peſar,
recebe bem a memoria.
Por ſonho ante vós ponho
o que eu velando vi;
por meu mal foi todo aſſi;
mas ſeja pera vos ſonho,
pois ſonho foi pera mi.»

---

bem. *SD* deos que bem. 9 *F* quiſera. *CT* quizera. 10 *F* quis. *CT* quiz.

CI 1 *F* poſſo. *D* quero. 2 *B* aguoas. *T* agoas. 3 *F* me nam. *D* não. 3 *B* peſar. *SD* o peſar (*C* pezar). 4 *B* maguoas. *T* magoas. *D* agoas. 6 *BD* Que em. *S* Quem. 8 *B* yo. *T* y o. *S* juno. *D* foy. 9 *F* ouuera. *T* houvera. 10 *BD* para. 10 *B* minha. *SD* tanta. 10 *B* door. *T* dor.

CII Em *B* não vem esta estancia.

1 *S* yſto. 2 *D* hiſtoria. 4 *SDT* com (*D* cõ) as. 4 *S* de grande peſar. *DT* do muyto pezar (*A* peſar). 6 *S* ãtes. *D* anto. 7 *S* ſem dormir os. *DT* eu velando. 8 *S* por. *DT* que. 8 *S* aſim. *CT* aſſim. *A* aſſi. 9,10 *DT* para. 10 *SA* mi. *CT* mim.

8. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

CI 1-2. Veja-se a estancia 24, v. 1-7.

CII. Esta estancia, se é de Christóvão Falcão, foi provavelmente omittida em redacção posterior; em todo o caso parece que a nenhum respeito faria falta na ecloga.

7. Veja-se a estancia 28, v. 1-3.

9. *por meu mal*=por desgraça minha. *foi todo aſſim*=não passou tudo de sonho. *todo* por *tudo* é a fórma archaica do pronome.

103. Iſto que Criſfal dezia,
aſſi como o contava,
hũa ninfa o eſcrevia
num alemo que alli estava,
que ainda então crecia.
Dizem que foi ſeu intento
de eſcrevê-lo em tal lugar
pera por tempo ſe alçar
onde baixo penſamento
lhe não podeſſe chegar.

104. Eu o treladei d'alli,
donde mais estava eſcrito
que aqui não eſcrevi,
porque mal tão infinito
não ſe lhe pode dar fim.
O que ſe fez de Criſfal
não ſabe certo ninguem:
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem.

---

CIII 1 *B* Yſto. *T* Isto. *S* Jſto. *D* iſſo. 2 *FA* aſſi (*S* aſſy). *CT* aſſim. 3 *F* ninfa. *T* nimfa. 3 *FD* o (*S* ho) eſcreuia. *T* escrevia. 4 *B* num. *SD* om hum. 5 *BD* aynda. *S* inda. 5 *B* creſçia. *SD* crecia. 6 *B* yntento. 7 *B* de eſcreuelo. *S* deſcreuelo. 7 *FD* lugar. *T* logar. 8 *D* para. 9 *F* baixo penſamento. *D* o baixo entendimento. 10 *BD* pudeſſo. *S* podeſſe.

CIV 1 *F* Eu o. *D* Eu (*A* tem espaço para o *o*). 1 *DT* treſladei. 1 *B* dali. *S* dally. 2 *F* eſcrito. *T* escripto. 3 *F* que aqui nam. *A* quo ou aqui nam. *C* que eu não. 4 *BD* mal. *S* em mal. 5 *B* ſe lhe pode dar. *S* ſe pode dar a. *D* pode nunca auer. 7 *BD* çerto. *S* em certo. 10 *F* nunca ve (*S* vee). *D* tarde vè.

CIII 2. *affim como*=ao mesmo passo que.

CIV 1. «troladar» ó fórma antiga em que o *s* é absorvido pelo *l* como em «Tra-los-Montos».

2. *donde*=onde. (O povo ainda diz *adonde*).

9-10. A folhas 55 verso das suas obras, Antonio Gomes de Oliveira traz glosado o mote castelhano «Nunca para los tristes huvo muerte».

# CARTA

Os preſos contão os dias
mil annos por cada dia;
mas os meus ſem alegria
como os contarei eu,
verdadeiro amor meu,
a quem por meu bem conheço?
pois como preſo padeço,
e como a quem vos não vê,
mal, cuja dor ſe não crê,
de priſão e de auſencia;
pois, ſem pecar, penitencia
faço de tras de hũa grade.
Meus olhos de eſcuridade
já não vẽe, estão mortais;

---

Na edição de Birckman a carta tem a rubríca já transcripta a paginas 9 (na nota). O dr. Th. Braga tambem a transcreve, pondo porêm *parece* em lugar de *pareſçe* e *Ecloga* em lugar de *Egloga*. *S* não traz a carta.

6 *A* do que outro amor mereço. *C* que outro amor merecia. 7 *B* prezo. *T* proso. 8 *D* como quom. 8 *B* vee. *T* vê. 9 *A* qual, cuja dor ſe nam cro. *C* qual crua dor ſe não cre. 10 *B* de priſam e. *D* de poſar ou. 12 *B* de tras. *T* de traz. 12 *A* duma. 14 *B* jaa nam veem jaa eſtã mortais. *T* nam veem, jaa sam mortais. *D* ja não

1. Cf. «a my, que verte deseo, | mill anhos se me faz hum dia», *Cancioneiro* de Rèsende I 489, 19-20; «Ogni giorno mi par più di mill'anni», Petrarca, Soneto 79 da edição da *Nuova Biblioteca Popolare*.

8. *como a* em voz de *como* por analogia com «somelhante a» é do fallar popular. No português archaico encontra-se frequentemente «coma», que, em nosso entender, está por «com'a».

9. *mal* é regido de *padeço*.

3-10. A pontuação quo o dr. Th. Braga põe n'estes versos é: virgula no fim do 5.º e do 6.º verso, ponto final no fim do 8.º o ponto do admiração no fim do 10.º

mas pera que era ver mais,
deſque vos elles não vírão,
deſque de vós ſe eſpedirão?
Bem ſe enxerga nos damnos
que eſtou preſo ha cinqu'annos
afora os que ei de eſtar
paſſando em deſſejar
o tempo que vos não vejo.
Vede que fé de deſſejo
em que lugar m'acompanha!
Nunqua ſe vio fé tamanha
nem tão mal agradecida!
Não quis Deos que a minha vida
foſſe pera mais que iſto;
ainda que em vos ter viſto
não naci em vão, ſenhora;
que a vida he de hũa ora,
eſte bem ſendo terreno;
..... .....
.....
que, quer eſtê em mim meſmo
quer eſtê fóra de siso,

---

vem já ſão mortais. 15 *D* para. 17 *B* deſque. *D* que. 17 *D* deſpedirão. 20 *BA* os. *C* o. 20 *BC* de eſtar. *A* deitar. 23 *B* que fee de deſſejo. *DT* que ſó o deſejo (*T* deſſejo). 24 *D* neſte lugar acompanha. 25 *BD* vio. *T* viu. 26 *B* nem. *D* e. 27 *B* quis. *T* quiz. 27 *B* fortuna que a minha vida. *D* Deos que minha vida. *T* fortuna que a vida. 28 *D* para. 29 *B* aynda. *D* inda. 30 *BD* naſçi. 31 *B* de hũa ora (*T* huma hora). *D* hũa (*C* huma) hora. 32 *B* ſendo terreno. *D* ſerà eterno. 33 *B* eſtee em mym. *T* estê em mim. *D* eſté em mi. 34 *B* que

21-22. *o tempo* é regido do *paſſando*.

23-24. O autor juntou em uma só oração duas palavras interrogativas (*que fé, em que lugar*). E' imitação do latim, onde se diz, v. g. *Considera quis quem fraudasse dicatur;* veja-se Madvig, *Grammatica Latina* § 492, *a*. O desconhecimento d'esta prática foi o que originou em *D* a mudança de *fé do* para *ſó o* e de *em que* para *neſte*. O dr. Th. Braga que tambem escreve *só o*, mas conserva *em que*, põe virgula depois de *acompanha*.

27. Sobre a lição d'este verso já fallamos na nota ao verso 6.º da estancia 99 da Ecloga.

29. *ainda que* está no sentido rectificativo que tem *em que* na estancia 35 da Ecloga; de igual modo *inda que* adianto no verso 40.

32-33. A rima e (a não ser que a lição «eſte bem ſerá eterno» seja a verdadeira) o sentido mostrão que entre o verso 31 e o 32 ha uma lacuna do um ou mais versos.

nunca me verão deviso
d'aqueſte tamanho bem.
E não vos diga ninguem,
que o mal que me tendes feito
me faz ter outro reſpeito;
inda que fora rezão,
mas não quer o coração
pelo muito que vos quer;
e ſempre iſto ha-de ſer
emquanto eu vivo for.
Que verdade e que amor
pera ſe não ter em muito!
e quão pouco he o fruito
que d'elle tenho tirado!
Quem lançaſſe o meu cuidado
onde o não viſſe mais!
pois lembranças tão mortais
traz á minha fanteſia,
que baſta hũa de hum dia
para me os meus tirar.
Nelle vos vi eu chorar,
e nelle chorei tambem,
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal.
Nada, ſenhora, me val,
não ſei em que me ſoſtenho.
Pois que vos eſcrito tenho,

---

quer eſtee ſem juizo. *D* quer eſtè fora de sizo. 35 *D* diuiſo. 36 *A* daqueſſe. 39 *B* teer. *DT* ter. 41 *B* ho. *T* o. 42 *BC* pelo. *A* polo. 42 *B* quero. *DT* quer. 43 *B* yſto. *D* iſſo. 47 *B* pouco boõ. *D* pouco. 47 *C* fruto. 49 *B* quem. *D* que. 49 *B* lançaſe. 50 *B* onde o nam viſe (*T* visse). *A* dondo o noſſo viſſe. *C* donde o voſſo viſſe. 51 *B* lembranças tam mortais. *D* as lembranças mortais. 52-57 inclusive faltão em *A* e *C*. 52 *T* fantezia. 58 *B* e primeiro do (*T* de) meu mal. *D* mo fazem tam grande mal. Em *A* e *C* esta o verso 61 antes do 60. 60

35. *deviſo*=apartado, separado; cf. «cumpre que estê | o entendimento do corpo diviso» Sá de Miranda, pag. 343.

51-52. Sem duvida o sujeito de *traz* é «o meu cuidado» que se subentende; assim que escrevemos: *á minha fanteſia*—, e não, como o dr. Th. Braga: *a minha fantezia*.

53-54. *que baſta hũa* (*sc.* lembrança) *de hum dia* (o dia da separação) *pera me os meus* (*sc.* dias, os dias da minha vida) *tirar*.

55. *Nelle* (*sc.* dia),

por que não vejo repoſta?
Quem vos pôs no que eſtais poſta?
Que palavras vos diſſerão,
que mais que a rezão podérão
que já entre nós poſemos?
Cuidai quanto nos quiſemos,
e não vos poſſa mudar
dizer que vos podem dar
outrem que tenha mais que eu.
Pode ſer; não nego eu;
mas bem vos poſſo afirmar
que não podereis achar
outrem que vos tanto queira.
Olhai que á derradeira
riqueza não tira dor;
pois antre ella e o amor
qual he mais pera eſtimar,
deve ſer bem de julgar.
Mas comquanto eu iſto digo
mal acabarei comigo,
ſenhora, que poſſa crer
mudar-ſe voſſo querer
por nenhuns outros quereres,
eſquecendo os prazeres
do noſſo tempo paſſado,
que me faz tão eſforçado,
que, em quanto—a meu cuidar—

---

*B* nam. *D* nem. 62 *C* veyo. 62 *BA* repoſta. *CT* reſpoſta. 63 *T* poz. 63 *D* queſtais. 65 *C* que razão. 65 *B* puderam. *T* poderam. 66 *BD* puſemos. *T* puzemos. 69 *B* daar. 70 *A* queu. 71 *B* pode. *DT* poder. 72 *B* bem vos. *D* bem. 72 *B* afirmar. *T* affirmar. 74 *D* outro. 74 *B* vos tanto. *D* tanto vos. 75 *B* olhai. *T* Olhae. 76 *B* door. 77 *B* antre ella. *D* entrella. 79 *B* deue ſer. *D* deueſe. 80 *B* com quanto eu yſto diguo (*T* digo). *A* com quanto iſto digo. *C* em quanto iſto vos digo. 81 *B* comiguo. *T* commigo. 82 *BA* que. *C* ſo. 82 *D* poſſo. 83 *B* voſo. *T* vosso. 86 *B* do. *C* do. Em *A* a vogal ostá inteiramente apagada. 87 *D* o que mo tem eſforçado. 88 *B* om quanto (a meu

62. O dr. Th. Braga não põe nenhuma pontuação no fim do verso.

75. O dr. Th. Braga escreve: *a derradeira.*

78-79. O dr. Th. Braga põe ponto de interrogação no fim do v. 78 e virgula no fim do v. 79.

81-82. «acabar comsigo que—» equivalendo a «docidir-se a fazer uma cousa» (em latim *sibi in animum inducere ut*—), é expressão classica.

a terra me não gozar,
ninguem gozará de vós
ſenão meus cuidados sós,
e quem voſſa contemplação
os tempos gaſtando vão,
como ſe foſſeis preſente,
com hũa fé tão contente
como no tempo milhor.
E ſe iſto ante vós for
que me pus a eſcrever,
querei, ſenhora, entender
que tinha que dizer mais;
mas lembrárão-me os ſinais
voſſos, e olhos fermoſos,
e os meus, de ſaudoſos,
lembrando-ſe que vos virão,
com lagrimas me impedirão
poder pôr mais por eſcrito.
Baſte o que tenho dito
pera aver por galardão
tres regras de voſſa mão;
pera repoſta das quais,
ſenhora, fique o mais
que aqui eſcrever divêra
ſe o eſcrever podera

cuidar). *D* em quanto eu cuidar. 90 *T* gosará. 91 *B* ſoos. *DT* ſós. 92 *B* voſa. *T* vossa. 95 *B* feo. 96 *B* milhor. *DT* melhor. 98 *B* pus. *DT* puz. 99 *B* querei. *D* querer. 101 *B* lembrarãme os ſinais. *D* lembrãome os ſinais. *T* lembra-me os ſinais. 102 *B* voſos. *T* vossos. 102 *B* e. *D* e os. 104 *B* vos. *D* os. 105 *B* me ympediram (*T* impediram). *D* impedião. 106 *B* poder poor mais por. *D* pudera mais por. 108 *B* a veer. *D* auer. 110 *C* pela. 110 *D* repoſta. 110 *B* quais. *T* quaes. 111 *B* ho. *T* o. 112 *B* diuera. *DT* deuera. 113 ſe o. *D* ſe ſe. 113 *BD* pudera.

92. Em *voſſa contemplação* o pronome possessivo está em sentido objectivo, como ás vezes acontece em latim, vg. *fiducia tua* por *fiducia tui*.

# EXCURSO I

## SOBRE A METRIFICAÇÃO PORTUGUESA

---

A differença entre as syllabas metricas e as syllabas graphicas contadas pela grammatica está em que:

a) So os sons vocalicos que se ouvem quando as palavras se pronuncião separadamente (v. g. *agoa*, *ardente*) se contraem em um só som quando se pronuncião seguidamente (v. g. *agoa ardente* que soa *agoàrdente)*, as syllabas contão-se na metrificação conformemente á pronuncia que resulta da crase, e não segundo a escrita.

b) Na concorrencia, em palavras seguidas, de vogaes não sujeitas a crase (v. g. *de outro*, *que ama*), se ha na pronuncia elisão da primeira vogal, as syllabas contão-se segundo a pronuncia; se não ha elisão, as vogaes concorrentes têm-se, em certos casos, por uma syllaba metrica.

c) A's vezes entrão as palavras no verso com a pronuncia abreviada propria do fallar descuidado familiar (v. g. *p'ra mim*).

As regras observadas pelos melhores metrificadores no contar das syllabas quando concorrem vogaes que não fórmão ditongo e quando concorre ditongo com vogal ou com outro ditongo são as seguintes [1]

### I Vogaes simples oraes

#### A. A'tonas [2]

A'tonas iguaes na mesma dicção contão-se separadamente.

A'tonas iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Eis esgotada *a* amargura (P 55)
*E* estende no monte (P 26)

---

(1) Na citação de versos designamos com *O* o *Outono* de A. F. de Castilho (cita-se a pagina), com *P* as *Poesias* de Soares de Passos (cita-se a pagina).

(2) O *u* audivel depois de *q* o o *u* (ou *o*) audivel entre *g* e vogal (v. g. em *quatro*, *ensanguentar)* é em rigor uma semivogal

*

Como *o* orvalho na cruz d'um cemiterio (P 189)
Vou *co'o* publico admirar-te (O 86).

A'tonas desiguaes na mesma dicção ou em diversas dicções constituem uma syllaba:

Mil aur*eos* sonhos da vida (P 10)
No amor e no infortun*io* exemplos sobr*ehu*manos (O 115)
Somos na terra qual *via*jante exhausto (P 128)
Ora agu*ia* altiva desprezando o solo (P 45)
Revoa na planic*ie e o* caminhante (P 26)
Densa nev*oa* cobriu tua luz (P)
Sonhaste amor e p*oe*sia (P 116)
O real n*o i*deal se funde; o ten*ue* veu (O 129)
Em seu contín*uo* gyrar (P 70)
D'Aquelle que pov*oa a i*nmensidade (P 86)
Reso*a o e*strondo d'armas e d'envolta (P 226)
O fum*o e o* fogo do voraz canhão (P 44)
Podesse eu ganhá-los *e i*ria seu nada (P 20)
Portugal resurgiu, vingand*o a a*ffronta (P 7)
Eis o refug*io, a ha*bitação amiga (P 129)
Theatro, capitol*io, e*scola, asylo, mundo (O 131)
Cada um se entrevê no quadro *hu*manidade (O 129).

### B. Tonicas

Tonicas contão-se separadamente:

Onde est*á e*sse vasto Capitolio (P 30)
*E'* este o Eden que nos prendo os olhos (P 123)
Cantae *ó* aves módulas (P 99)
E t*u, ó* gruta de Macau, sombria (P 3).

### C. A'tona e tonica

A'tona e tonica iguaes na mesma dicção contão-se soparadamente:

Do presagios felizes rod*ee*mos (P 51)
Em densas c*oh*ortes (P 196).

---

labial; não tem pois de ser considerado quando se trata do concurso de vogaes átonas.

Dos monosyllabos hão-de considerar-se átonos:

o pronome e o artigo *o a (lo la, no na);*
os pronomes *me, te, lhe, se;*
as preposições *de, a* e *co* (por *com);*
o pronome proclitico o conjuncção *que;*
as conjuncções *e* e *se.*

A'tona e tonica iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Mas tambem da aurora á noite (P 115)
*A* alma sem viço lho pendeu mirrada (Thomas Ribeiro, *D. Jayme)*
Se é deserto ingrato e rude (P).

Todavia o artigo *o a (do da, no na)* apparece ás vezes contado separadamente:

*O homem* vive e sente (P 175)
Neophyta da arte, agora o teu dever (O 131)
Quem não sente quo na alma (João de Lemos).

A'tona e tonica dosiguaes na mesma dicção é melhor contarem-se separadamente:

Cahiam-lhe soltos os longos cabellos (P)
Silencio d'ataúde (P 176)
Creadas por nossa mãe (P 10)
Meteoro fugaz quo baixa ao solo (P 124)
Hoje o sepulchro nos reune em fim (P)
O amor, o amor, celestial perfumo (P 46)
Ver um circo de hyenas o pantheras (P 191)
No regaço bemdito esmolas preciosas (O 132)
Voaste calcando a morte (P 108)
Inflammados recordam as proezas (P 225)
Voa cada vez mais em alvo remoinho (O 147)
Recuavam do susto murmurando (P 223)
Sob o peso dos annos se arruinam (P 215)
Do suor e das lagrimas que verte (P 125).

A'tona o tonica desiguaes em diversas dicções é melhor constituirem uma syllaba:

Inda ergues arrogante (P 179)
Vi-a uma vez, ao descahir da tarde (P 36)
Infeliz de quom nasce! a ave que gyra (P 169)
E perdemos-te, ó flor do occidente (P 22)
Desço á terra d'onde vim (P 55)
Tudo é triste! os verdes montes (P 9)
No fundo de um abysmo ia afogar-me... Então (O 130).

E' porêm melhor contarem-so separadamente quando é o artigo *o* quo está antes de *i* tonico ou o artigo *a* quo está antes de *o* tonico e quando varias átonas desiguaes estão antes da tonica:

*E o hymno* que entoa (P 27)
Soa *a hora*, o momento fadado (P 94)
E offertando-lhe *a urna* com respeito (P 192).

### D. Tonica e átona

Tonica e átona iguaes na mesma dicção contão-se separadamente:

Desata o v*oo* por espaços novos (P 33).

Tonica e átona iguaes em diversas dicções constituem uma syllaba:

Quando o orvalho est*á* *a* cair (O 165).

Tonica e átona desiguaes é melhor contarom-se separadamente (1):

Não mereci*a* tal premio (P 57)
E ao som dos p*i*os do cantor funereo (P 17)
Terra, ento*a* de novo o teu canto (P 207)
A's aras das d*ua*s incensos levae (P 186)
L*á* *i*rei resgatar-me da affronta (P 23)
Ao avaro bradou: S*é* *hu*mano (P 205)
V*i* *o*s filhos do deserto (P 58).

## II Ditongos oraes consecutivos e ditongo oral com vogal oral

### A. Ditongos oraes consecutivos

Ditongos oraes consecutivos contão-se separadamente:

*Ai!* *ou*sáram teu verbo ultrajar (P 205)
C*ae* *ao* sopro da rajada (P 9)
Senhor, Senhor, porque vim *eu* *ao* mundo? (P 169)
Eu co'as flores vir*ei* *ou*tra vez (P 95).

### B. Ditongo oral e vogal oral

Ditongo oral e vogal oral contão-se separadamente:

Espero chorando do dia o r*aia*r (P 220)
Nas pr*aia*s do mar bravio (P 81)
Mas ah! longe esta id*eia* sombria (P 95)
No s*eio* da fria terra (P 113)
Tudo revive *ao* h*á*lito (P 97)
Dobr*ou* *á* morte de alguem (P 48)
*Eu* amo a rosa branca das campinas (P 39)
Meus tristes dias findar*ei* aqui (P 136)

---

(1) *io* ou *iu* finaes de preteritos fórmão ditongo e por isso constituem uma syllaba.

*Eu a* vi cahir no chão (P 81)
Que asylo recolh*eu a* naufraga feliz (O 130)
Alc*ei o* pendão da cruz (P 57).

### C. Vogal oral e ditongo oral

Vogal oral e ditongo oral na mesma dicção contão-se separadamente:

E fugiu o v*oou*. No mesmo sítio (P 38)
Baqu*eou* nossa altiva nação (P 22)
Cr*uc*is lavaredas (P 198)
Gu*iae* os meus passos ao sítio distante (P 218)
Mas eu, ó meu Sálgar, jamais te od*ici* (P 218).

Em diversas dicções vogal oral tonica e ditongo oral contão-se separadamente, vogal oral átona e ditongo oral constituem uma syllaba:

T*é ao* momento final (P 71)
Fizeram noite horrond*a a au*rora do mou dia (O 130)
Ind*a eu* era tenro infante (P 81)
Fazendo estremecer o Nilo *e Eu*phrates (P 31)
Disse *o Auc*tor á mulher: Agora a vossa vez (O 133)
*E ao* som da rajada soltando lamentos (P 220).

## III. Nasaes consecutivas e (ditongo ou vogal) nasal com (ditongo ou vogal) oral

### A. Nasaes consecutivas

Nasaes consecutivas contão-se separadamente:

Candida rosa que o tuf*ão in*clina (P)
Foi al*em on*de eu nasci (P 80)
Quo faz*em um* do dois seios (P 113)
Eis *um an*jo quo desce os espaços (P 157).

### B. Nasal e oral

Nasal e oral contão-se soparadamente:

Catã*o á* patria sorriu (P 102)
E no meio de tudo *em* alto monte (P 191)
Qu*em er*guo virtudes, o o crime fulmina? (P 184)
Que impõ*e ao*s orbes o ás nações a lei (P 240)
*Um ho*mem chora: é Catão (P 105)
E a teus pés *com a* fronto curvada (P 206)
Como as areias que o tufã*o a*gita (P 195)
Al*em, os* vermes da feral jazida (P 170).

### C. Oral e nasal

Oral tonica e nasal contão-se separadamente:

Cah*iam*-lhe soltos os longos cabellos (P 208)
Cant*ae em* côro ledo (P 99)
Murmur*ou em* accento funorario (P 7)
Este mundo fallaz de t*i in*digno (P 38)
Tarda-me j*á um* sorriso (P 47).

Oral átona e nasal na mesma dicção é melhor contarem-se separadamente:

Busco *ain*da seu facho luzente (P 132)
E o corsel andaluz volte*an*do (P 21)
Annunci*an*do ao mundo novos dias (P 90)
Qual a sci*en*cia devassando ousado (P 126)
Baixou dos céus v*oan*do (P 194).

Oral átona o nasal em diversas dicções constituem uma syllaba:

Desde o romper do di*a a an*ciada fonte (P 134)
Avo canor*a em* solidão gemondo (P 3)
O amor da patr*ia, a in*gratidão dos homens (P 6)
E depois assom*a o in*verno (P 11)
E tu, que és tu, ó glor*ia? um* som que passa (P 168)
*E um* suor frio me escorreu na fronte (P 189)
E ompunhando *a an*tiga lança (P 62)
Semelha *no em*bato (P 199)
Ced*o o in*verno com gelidos mantos (P 94)
Com*o um* cirio funeral (P 11)

A's vezes porem até os melhores metrificadores contão separadamente a vogal do artigo definido antes de nasal e a vogal final de *cada* antes da palavra *um*.

*A on*da que bate (P 199)
*Do an*jo do mal (P 197)
Cad*a um* so entrevê no quadro humanidado (O 129)

---

As syncopes (de vogaes átonas) permittidas são:

a) a do *e* pretonico entre consoante explosiva ou *f* ou *v* o *r* ou (raramente) *l* pertencentes para a syllaba seguinte, v. g. *sob'rana* (P 89), *off'rece* (P 45), *fev'reiro* (O 190).
b) a do primeiro *a* de *para:*

Sorri-te ledo p'ra mim (P. 47)

(Esta syncope, como assenta propriamente na fórma antiga proclitica *pera*, pertence em rigor ao caso antecedente.)

c) a do *o* pretonico entre oxplosiva e *r* pertencente para a syllaba seguinte, v. g. *c'roa* (P. 57, O 8).

E' permittida a aphérese (mas é pouco frequente) do *e* átono antes de *s* impuro:

'Stava o pobrezinho a ver (O 184)

E' permittida a apócope (mas é rara) de *e* átono depois de *r* ou *l*:

Arvor' do Santo Natal (O 181).

---

Foi Camões o primeiro poeta nosso que submetteu o contar das syllabas dos versos ás leis que hoje se observão. No periodo dos trovadores as vogaes concorrentes que (no interior das palavras) não formavão ditongo, contavão-se separadamente (1); as elisões só em casos restrictos tinhão lugar. No periodo seguinte os poetas não duvidavão:

a) fazer synéreses violentissimas reunindo em uma só syllaba, por exemplo:

1) a vogal (ou ditongo) nasal do fim de uma dicção e a vogal (ou ditongo) inicial seguinte:

E pois moster me *nam aveis* (*Canc.* de Rèsende III 530, 8)
Quando eu ont*em aqui* cheguei (B. Ribeiro, ecl. 2.ª)

2) nasal e vogal diversas pertencentes á mesma dicção, v. g. *bóa*.

3) duas tonicas:

E se agora *lá á* [=lha] donzela (*Canc.* de Rèsende I 464, 14)

b) admittir da pronuncia descurada familiar:

---

(1) Ainda em Camões é vulgar *ie* o *ia* átonos, formarem, na mesma dicção, duas syllabas metricas:

As molheres com choro *pia*doſo (*Lus.* IV 89)

Outrosim, quando a concorrencia do *ai* e *au* átonos provinha da queda de consoante latina intermedia (v. g. em «vaidade» de *vanitatem*), antigamente aquellas vogaes pronunciavão-se separadamente (assim no *Espelho de Casados*, a folhas 29 da 2.ª edição, está escrito «validade») o formavão duas syllabas metricas:

Ja que neſta goſtosa *vai*dado (*Lus.* IV 99).

1) a absorpção em uma só syllaba de duas consoantes iguaes separadas por um *e* ou *o* surdos:

Namora*do dos* namorados *(Canc.* de Rèsende I 319, 4)
Por iſſo faze por *te ter* (B. Ribeiro, ecl. 4.ª)

2) a syncope do *e* surdo (ou *i*) pretonico entro quaesquer consoantes portencendo a segunda á syllaba seguinte:

Fizeram-ſe aſſi tam *s*enhores (B. Ribeiro, ecl. 4.ª)
E *r*emedio dos triſtes he (Id., ecl. 5.ª)
Qu*e* da cabeça fazem pees *(Canc.* de Rèsende II 524, 27)
De Flori*ſ*endos me lembrando (B. Ribeiro, ecl. 5.ª)

3) a syncope do *a, o, u* pretonicos entre consoantes compativeis:

E descanse teu co*r*açam (*Canc.* de Rèsende I 81, 25)

Esta prática abrange, alêm da combinação *polo* da preposição *por* com o artigo, tambem a particula *como* quando proclitica:

De ser perdido p*o*lo seu *(Canc.* de Rèsendo III 6, 10)
Ho vencedor c*o*m'o vencido (Ibd. II 152, 20)

4) a syncope, em palavras esdruxulas, da vogal da penultima syllaba:

E tod*a*las eruas sabidas (*Canc.* de Rèsende II 569, 7)
Ataa tres cou*a*dos de seda (Ibd. III 298, 1)

5) a suppressão do *o* (depois de enfraquecido em *e*) dos finaes dos verbos quando seguido de pronome enclitico:

Devemo*l*o bem de louuar (*Canc.* de Rèsende III 40, 13)
E moiro-me aſſi de cuidados (B. Ribeiro, ecl. 2.ª)

6) a apocope do *o* átono precedido de *r*, de um nome, quando seguido da preposição *de:*

A for [o] de mouro Foçem (*Canc.* de Rèsende III 108, 16)

7) a apocope da vogal final (depois de enfraquecida em *e*) dos pronomes *nosso nossa, vosso vossa* quando antepostos procliticamente a um nome:

Porque voss*a* mercê não chora (*Canc.* de Rèsende I 85, 18)
E toda voss*a* descriçam (Ibd. III 141, 20)

c) empregar certas crases que depois forão consideradas vulgarismos de pronuncia, v. g. *ó* de *ao*.

Por outro lado era corrente, como na metrica dos trovadores:

a) fazer syllabas motricas á parte de duas vogaes átonas da mesma dicção:

D'auer prem*yo*s mundanos (*Canc.* de Rèsende I 231, 15)

b) fazer, em todas as circunstancias, syllaba metrica da vogal final átona seguida de vogal ou ditongo. São a flux os oxemplos no *Cancioneiro* de Rèsende. O uso d'esta liberdado é o que principalmento differença a metrificação de Christovão Falcão da de Camões. Assim occorrem na Ecloga versos como:

E como em a baixeza (est. 6)
Em lhe iſto eu ouvindo (ost. 92)

Em segundo lugar na metrica anterior a Camões contavão-se ás vezes os ditongos por duas syllabas. Tambem algumas vezes se considerava vogal propriamente dita a semivogal *o* ou *u* depois de guttural e d'ella se fazia syllaba á parte:

Na fragoa do cunhado (*Canc.* de Rèsende II 290, 6)

# EXCURSO II

## SOBRE PONTOS DE ORTHOGRAPHIA ANTIGA

---

### I Da duplicação das vogaes

A duplicação graphica das vogaes tinha duas origens.

Em primeiro lugar servia meramente do indicar que a vogal era tonica (quer o som fosse aberto, quer fechado). Esta pratica tinha por fim originariamente evitar confusões de palavras e de fórmas, distinguindo-se assim, por exemplo, *estaa* (*Canc.* de Rèsende I 34, 25; II 504, 6) de *esta*, *daa* (ibd. I 34, 27; II 536, 36) do *da*, *tomaraa* (ibd. II 511, 31) de *tomara*, *perderaão* (ibd. II 506, 27) de *perderão*, *estee* (Chr. Falcão, carta, 33, da edição do Birckman [1]), graphia que o dr. Th. Braga substitue por *estê*) de *este*, *dee* (Chr. Falcão, ecloga, est. 47, v. 6 e est. 92, v. 4, graphia que o dr. Th. Braga substitue por *dê*) de *de*, *jaa* do *ja* (=ia). D'ahi applicou-se, desnecessariamente, esta notação a outras palavras, incluindo as monosyllabicas, v. g. *foaão* (*Canc.* de Rèsende II 512, 15), *maãos* (ibd. I 31, 5), assim como ainda hojo se accentuão, sem necessidade, monosyllabos abertos, como *lá*, *pá*, etc.

A's vezes a duplicação servia simultaneamente de indicar que, em virtude de uma contracção, a vogal era aberta, v. g. *eeste=êste*, de *a este* (*Canc.* de Rèsende III 560, 9). D'ahi, havendo contracção, empregava-se esta notação ainda quando a vogal não era tonica, v. g. *neestalagem* de *na estalagem* (*Canc.* do Rèsendo, III 222, 5).

Em segundo lugar corresponde á oxistencia de dois sons vocalicos consecutivos devidos á queda da consoanto intermedia, v. g. *máu*, *seêlo*, *pées*, *Poombeiro*, *doôr*, *perígoo*. A metrica das poesias do *Cancioneiro* da Vaticana prova que primitivamente soavão duas vogaes. Pouco a pouco forão os dois sons reduzidos a um só, ou por crase ou (quando átonos em syllabas finaes, v. g. em *perigoo*) por apocope. E' porêm difficil, em geral, determinar com respeito a cada categoria de palavras, quando foi que se consummou esta reducção de sons. Com effeito de serem as duas vogaes empregadas no verso com o valor de uma só syllaba não se pode concluir quo houvesse a tal reducção de sons, por isso que podia haver synérese; por ou-

---

(1) A esta edição é que nos referiremos, quando outra cousa não dissermos.

tro lado podia já dar-se a reducção dos sons e todavia conservar-se a duplicação na escrita como pura tradição orthographica ou passar a duplicação a indicar quo a vogal resultante da contracção era aberta (1); e vice-versa pode uma ou outra vez dar-se o caso de se emittirem ainda dois sons, e, por descuido, ter-so representado o som unicamento uma vez. Só quando se torna geral a representação da vogal aberta por uma letra accentuada, e (attendendo a que as liberdades de rima não são muito vulgares na poesia antiga) quando se encôntrão frequentemente palavras taes (v. g. *fee*) rimando com palavras em que de certeza o som vocalico era só um (v. g. *é*) é que se pode concluir quo a reducção dos sons já estava realizada. Assim cremos que já nas primeiras decadas do seculo XVI estava dada a reducção, entre outras, nas palavras *crer*, *ser*, *ter*, etc.; *mercê*, *fé*; *dor*, *côr*; *dó*, *só*, etc., *até*.

## II Da representação das vogaes e ditongos nasaes

1) A nasalação do *u* seguido de vogal era representada pelo til, v. g. *hũa*.

A nasalação do *o* seguido de outro *o* era representada por til ou por *m* ou (quando não é final) *n;* mas neste caso o *m* ou *n* ia depois do segundo *o*, v. g. *toom*, por isso que escrevendo-se *tomo* ler-se-hia naturalmente não *tom-o* (isto é, *tõo*), mas *to-mo*.

A do *o* seguido de *a* era representada por til, v. g. *bõa*.

A do *i* seguido de vogal era normalmente representada pelo til, v. g. *vizio*. Sendo *i* a segunda vogal, representava-se ou pelo *til* (posto indifferentemente sobre a primeira ou sobre a segunda vogal) ou por *n* posto depois do segundo *i*, como o *m* em *toom*, v. g. *fiins*.

A do *a* seguido de outro *a* era representada pelo til, v. g. *lãa*, ou, menos frequentemente, pelo *n* posto depois do segundo *a*, como o *m* om *toom*.

2) O ditongo *ão*, final do dicção, era representado indifferentemente, tanto em syllabas átonas como om tonicas, tanto em polysyllabos como em monosyllabos, por *ão* ou *am* (só por equivoco *an* [2]) ou, menos frequentemente, por *aom* (com o *m* depois do *o* como em *toom*), v. g. *vaom* (o adjectivo *vão*) rimando com *condiçam* no *Canc.* de Rèsende II 404, 12-15.

No interior das dicções (em deminutivos o augmentativos) era normalmente representado por *ão*. Nos pluraes *(ãos)* reprosentava-se por *ão* ou por *aon*, v. g. *mãos* ou *maons*.

---

(1) Em particular, antes de se generalizar o emprego dos accentos costumava escrever-se *soo*=só, para distinguir do *sô* (do latim *sub*), e *doo*=dó para distinguir de *do*.

(2) A fórma apocopada e proclitica do adjectivo *grande* escrevia-se, conformemente ao que vae dito, *grão* ou *gram*, representando a segunda graphia absolutamente o mesmo som que a primeira. Servia tanto para os nomes masculinos como para os femininos. A assorção do quo no feminino se dizia *gran* é de todo o ponto erronea.

No ditongo *ãe* ou *ãi*, final de dicção, era normalmente representada pelo til. No interior das dicções, incluindo os pluraes em *ães*, era representada pelo til ou por *m* ou *n* postos depois da segunda vogal, como em *toom*, v. g. *cães* ou *caens*. (O emprego do *m* e *n* ainda hoje permanece nas palavras *caimba*=cãiba e *cainçada*=cãiçada).

O ditongo *ẽi* era, como ainda hojo, imperfeitamento representado, quando fechando dicção, por *em* (*en* só por descuido), quando seguido de *s*, por *ens* ou *ẽs*. Uma ou outra vez porêm apparece a graphia que representa a vogal subjunctiva do ditongo, isto é, *ẽe*, *ẽi*, ou (com o *m* posto como em *toom*) *eem*, o *ẽes*, *ẽis* ou *eens*, *eins*, v. g. *bẽes* (Orta, colloquio 16), *teins* (*Canc.* de Rèsende II 560, 20), *beens* (Vida de S. Aleixo, *Revista Lusitana* I pag. 340). (1)

No ditongo *õe* ou *ôi* era representada pelo til, v. g. *doĩs* (antigo plural de *dom* no *Canc.* de Rèsende II 561, 7) ou por *n*, posto depois da segunda vogal como o *m* em *toom*, v. g. *perdoens;* quando porêm o ditongo fecha dicção (em *põe*) escrevia-se regularmente *m* e não *n*, v. g. *põe* ou *poem*.

No ditongo *ui* era representada pelo til ou por *m*, posto, como em *loom*, depois da segunda vogal, v. g. *mũi* ou *muim* (Goes, *Calão Maior*, pag. 45 da 2.ª edição).

Na representação da nasalação de vogal seguida do outra vogal escrevia-se ás vezes, por descuido, o *n* ou *m* dopois da primeira vogal, o que pode levar e tem levado a suppor-se a existencia de uma pronuncia que de facto não oxistia. Assim encontra-se, por exemplo: *lunar* por *lũar* no *Canc.* do Rèsendo II 568, 23; *bona* por *bõa*, *cabruna* por *cabrũa*, *donas* por *dõas*, *componer* por *compôer* no *Elucidario* de Vitorbo; *venir* por *vẽir* no mesmo *Elucidario* (na palavra *Babilom*).

3) A nasalação de vogal seguida de consoante no interior das dicções é representada por *m* ou *n* (ou, geralmente só para poupar espaço, por til). Mas o português archaico deixava a cada passo do

---

(1) Segundo já advertimos em outro escrito, é muito moderna (só do seculo actual, cremos) a prática do pronunciar e escrover com dois *ee* a terceira pessoa do plural dos verbos *dar*, *crer*, *ler*, *ter*, *ver* (e ainda pessoas cultas não a seguem com respeito ao verbo *ter;* no verbo *vir* é recentissima tal graphia e considerada barbarismo) em lugar de *dem* (como ainda se lê no *Oulono* de Castilho a paginas 189 e 243) *crem*, *lem*, *lem*, *vem*, segundo comprovão as graphias e as rimas nos escritos anteriores ao seculo actual. Assim que as graphias, pouco frequentes, *leem* (Orta, fol. 2 verso da 1.ª edição), *leem* (*Espelho de casados*, fol. 9 verso da 2.ª edição e 14 da 1.ª, onde está no numero singular), etc., hão-de ser explicadas como as explicamos no texto. Tambem na terceira pessoa do presento indicativo do verbo *pôr* o português antigo não distinguia o singular do plural; em ambos os numeros se dizia *põe*, por outro modo escrito, *poem;* assim acha-se *poem* como singular no colloquio 19 de Orta (o editor moderno escreveu, a paginas 290, *põe);* no *Espelho de casados* a fol. 18 v. da 1.ª edição; *poẽ* como singular ibd. a fol. 13, como plural, ibd. a fol. 13 e (escrito *põe*) 49.

observar a distincção entre o *m* e o *n;* assim encontra-se por exemplo *canpo* o *camto.*

A nasalação de vogal final de dicção é representada por *m* ou, para poupar espaço, por til. Neste caso o *n* só apparece por descuido ou quando a vogal nasal só é final por haver apocope de vogal, v. g. em *perdon* (de *perdõe*), *Cancioneiro* da Vaticana, 2.

## III Do ç, s, z, ch, x

1) Até os fins do seculo XVI conservou-se tambem no sul do reino a distincção entre o *ç* e o *s* forte, e entre o *z* e o *s* brando; assim encontra-se constantemente (salvo, é bem de ver, o caso de erro typographico ou de cópia), por exemplo, *açucar, çafar, Çalema, Çaragoça, Çamora, çumagre, çapato, çurrar, çurrão, çujo, çumo, Monção, ruço, Buçaco, Beça, Suiça; pessego, sossego, Sea, Sintra, farsa; asa, Avis, brasa, Bras, cos, Dinis, entremês, Inês, lis, marquês, Mós, princesa, pus* (de *posui*), *relrós, mês, português, arnês; azo, durazio, vizinho, prazo, arráiz, rezar, autorizar, fertilizar.* Se em obras modernamente publicadas por editores que não declarão ter alterado a orthographia, as palavras deixão muitas vezes de achar-se escritas com exactidão a este respeito, é que taes editores nem sempre transcrevem o que está no original. Assim na nova edição dos *Colloquios* de Orta vê-so, por exemplo, *pobresa* (pag. 62), *disei* (p. 306), *rasão* (p. 47), *cosinha* (p. 79), *porluguez* (p. 25, 36, 364), *montez* (p. 194), *francez* (p. 214), *polverisada* (p. 211), *trasem* (p. 258), quando na edição original está *pobreza, dizei, razão, cozinha, Porlugues, montes, Franços, polverizada, trazem.* Quando, porêm, no interior das palavras a sibilante é seguida de outra consoante, já pelo meado do seculo XVI se encontra o *z* substituido pelo *s.* Assim ao passo que primitivamente so escrevia: *Bizcaia, mezquinho* (ainda nos *Lusiadas* III 118), *mazmorra (Canc.* do Rèsende III 122, 5), já occorre, por exemplo, *mesquinho* na estancia 47 da ecloga de Christóvão Falcão.

Nas averiguações etymologicas é, pois, necessario verificar primeiro qual era a orthographia mais antiga; por não ter havido sempre esta cautela, tem-se dado e dão-se ainda varias etymologias inexactas. Ponhamos exemplos. O adverbio *assaz* não pode representar o latim *ad satis,* mas sim ropresenta, como pela primeira vez foi demonstrado pelo sr. Leito de Vasconcellos, *ad satiem.* O verbo *azar* não pode derivar do nome *asa* mas representa um verbo **apliare* derivado de *aptus* (analogo a *alçar*=**altiare* de *altus*). O nome *azo* é um derivado regressivo (*Rückbildung*) de *azar.* O nome *almoço* não pode representar *admorsus;* tem conseguintomente de considerar-so derivado regressivo de *almoçar* representante do **admorsitiare.*

2) De igual modo conservou-se tambem a distincção entre o *ch* (que certamente era pronunciado como ainda hoje é em Tras-os-Montes) e o *x.* Assim nos escritores antigos só occorrem as graphias *xeque* (Orta, Colloquio 10), *xa* (titulo do rei da Persia), palavras que barbaramente agora escrevem *cheick, schah.*

## IV Do i e j, u e v

Na orthographia antiga a letra *i* não servia, em regra, de representar o som do *i* inicial. Empregava-so para este fim o *j;*

mas quem queria representar aquelle som com maior precisão e evitar a vista do *j* seguido do consoante (v. g. *jr*, *jsto*) recorria á graphia *hi* (v. g. *hir*), por isso que o *h* por si só não corresponde a nenhum som português, ou ao *y* (v. g. *yr*). E' assim que nas duas mais antigas edições da Ecloga *Chrisfal* occorre por exemplo, segundo vae notado no commentario respectivo, por um lado *ydade*, *ygual*, *yſſo*, *ynda*, *yndo*, *ys*, por outro *his*, *hiremos*, e no *Cancioneiro* de Rèsende *ylha* (I 157, 22), *ynteira* (I 247, 29), *Ydanha* (II 504, 34) o *hinchando* (I 216, 20). A's vezes juntavão-se, irregularmente, ambos estes modos de evitar o *j* inicial seguido de consoante e escrevia-se, por exemplo, *hyr*.

Semelhantemente a letra *u* (que tinha lugar só no interior das dicções para representar indifferentemente o som do *u* ou de *v*) não servia nunca de representar o som do *u* inicial. Empregava-se neste caso o *v* (v. g. *vuas*=uvas, *Cancionciro* de Rèsende I 23, 24); mas quem queria representar aquelle som som ambiguidado e evitar a vista de *v* seguido de consoante (v. g. *vſar*=usar, na edição *B* da Ecloga *Chrisfal*, e tambem *v*=u=lat. *ubi* no *Cancionciro* de Rèsende I 19, 24), recorria á graphia *hu*. E' assim que o artigo indefinido se escrevia normalmente *hum* e so encontra *husar* no *Cancioneiro* de Rèsende II 535, 18; 545, 9, e *huuas* (=uvas) na mesma obra III 588, 23.

## V Da incerteza na orthographia

A falta de rogra fixa na representação de certos sons, e, como consequencia d'este facto, o emprego errado, por descuido, de umas graphias por outras tem dado lugar já á supposição da existencia de palavras que de facto nunca existírão, já a enganos dos proprios philologos modernos no quo toca á nossa antiga phonetica, já a erros na leitura das edições e manuscritos antigos. Aqui resenharemos o que ha mais geral concernente a este assumpto.

1) O som de *k* era normalmente representado antes de *e* e *i* por *qu*, antes de *a*, *o*, *u* por *c* (isto ainda quando correspondia a *qu* latino [1]); mas escrevia-se tambem, não raras vezes, *qu* no segundo caso, e, por equivoco, *c* no primeiro, por exemplo, no *Elucidario* de Vitorbo: *quaer*, *vosquo*, *provinquo* (no vocabulo *lia*), *quomo*, *aquaecer*, *quasa*, *quasal;* no *Cancioneiro* de Rèsende: *quantos da casa* (I 470, 27), *quam* (=cão, III 232), *quante* (III 476, 2); no *Catão Maior* de Damião de Goes: *pratiqua* (pag. 45 da edição Rollandiana); o vice-versa no *Elucidario: peceno.* [2]

Semelhantemente a guttural branda era, como hoje, normal-

---

(1) Consoante já notámos a paginas 276 do volumo II da *Revista Lusitana*, a somivogal latina *u* depois do *q* desappareceu invariavelmente no português primitivo, dando-se esta suppressão até nas dicções de origem erudita ou semierudita.

(2) *acecceu* em um documento do *Elucidario* está erradamente ou por *acaeceu* ou por *aqueceeu*=aquèceu. Não ha o verbo *acecer*, mas sim *acaecer* ou (com condensação do *ae* em *e* como em *quente* =lat. *calentem*) *aquècer*, fórma que vem, por exemplo, em B. Ribeiro.

mente ropresentada por *g* antes de *a*, *o*, *u*, por *gu* antes de *e*, *i*; mas bastas vezes se escrevia tambem *gu* no primeiro caso, o, por equivoco, *g* no segundo, por exemplo, no *Elucidario*: *cyviguar*, *leguamento*; no *Cancioneiro* do Rèsende: *carreguar* (I 13, 26), *foguo* (III 423, 25); na edição *B* da Ecloga *Chrisfal*: *aguoa*, *aguora*, *diguo*, *longuo*, *loguo*, *guado*, *fadigua*, e vice-versa nas *Leges et consuetudines* (*Port. mon. hist.*): *pagem-lhe* (pag. 248). Varios dos vocabulos registados no *Elucidario* são meras graphias inoxactas d'esta especie, v. g. *agisado*, *gisado*, *eivegedes* (por *eiveguedes*=lat. *aedificetis*).

2) A palatal branda era representada antes de *a*, *o*, *u* por *j*, antes de *e*, *i* por *g* ou *j* arbitrariamente; mas ás vezes, por equivoco, tambem no primeiro caso era representada por *g*, por oxemplo, nas *Leges et consuetudines*: *elegudos* (pag. 272; mas mais adiante *elejudos*). Tambem algumas palavras e fórmas registadas no *Elucidario* não passão do graphias inexactas d'esta especio, v. g. *aga* (por *aja*, isto é, *haja*), *gouver* (por *jouvér*, futuro conjunctivo de *jazer*), *prigom*, *cagom*, *gur*, *aguso*, *gajuno*, *rigo*, *algofar*, *ensegas* (=lat. *insidias*), *goveneo*.

3) Antes de se tomar do provençal o *lh* para representar o chamado *l* molhado, era oste som ropresentado por *ll*, *li* ou simplesmento por *l*; assim occorre no *Elucidario* (2.ª edição): *coller*, *fillada*; *alios*, *concelio*; *coleita*, *esbulado*, *conselar*. De modo semelhante o simples *n* servia de representar o *n* molhado, por exemplo, no *Elucidario*: *companon*, *conocença*.

## VI Do sç

Os vorbos portugueses representantes de verbos latinos em *—scere* (ou que passárão popularmente, como *padecer*, a seguir o typo dos vorbos em *—scere*) conjugavão-se no periodo mais antigo com obsorvancia das leis phoneticas, sendo representado o *se* latino antes de *a*, *o* por *sc* (=sk), e antes de *e*, *i* o (nos participios passivos) *u* por *ç*. Assim dizia-se, por exemplo, no presente indicativo: *creseo*, *ereces*, *crece*, etc., e no conjunctivo: *cresca*, *crescas*, etc. Exemplos de fórmas como *cresco*, *cresca*, etc., encontrão-se colligidos pelo sr. Adolpho Coelho nas *Questões da lingoa portuguesa*.

Posteriormonto as fórmas em que o *sc* latino era seguido de *e*, *i*, influírão, por muito superiores em numero, naquellas em quo o mesmo *se* era seguido de *a*, *o*, o passárão estes verbos a regular-se na primeira pessoa do presente indicativo e no presente conjunctivo pelas outras fórmas verbaes, vindo pois a dizer-se: *creço*, *creces*, *erece*, etc., e: *creça*, *creças*, etc. (1)

(1) Enganárão-se portanto os que suppuserão que ao presente *aconhosco* corresponde por infinitivo *aconhoscer*, quando o infinitivo é realmente *aconhoecer*. O desconhecimento de factos da grammatica antiga tem introduzido d'este modo nos diccionarios fórmas nominaes e verbaes que nunca existírão. Assim das fórmas archaicas *arço* (primoira pessoa do presente indicativo), *arça*, *arças*, etc., (presento conjunctivo) do verbo *arder* deduziu Viterbo um verbo *arcer*; do *eivegedes* (conjunctivo de *eivegar* ou *eivigar*=lat. *aedificare*) um verbo *eiveger*; de *traae* (em que o *a* dobrado representa o *a* aberto)

A pronuncia representada pela graphia *crcccr*, *creço*, otc. conservou-se (tanto nos verbos como nas partes da oração que etymologicamente so lhes ligão, v. g. *crecimcnto*) pelo menos até os principios do seculo XVIII e é ainda a pronuncia popular e muitas vezes a das proprias pessoas cultas (1). De então para cá o pedantismo etymologico, alterando a tradição tem introduzido no português mais um manancial de incoherencias com a prática de pronunciar *sç*, mas só nas dicções em que a origem latina é transparente, sendo que se se pronuncía e sobretudo se escreve *crescer*, *descer*, *convalcscer*, etc., ninguem ainda pronuncía nom escrevo *padcscer*, *agradescer*, *aquescer*.

No que toca á orthographia, não era raro, ainda nos tempos antigos, o escrover-se, por influencia da etymologia, *sç* em vez de *ç;* mas, que era unicamente uma graphia etymologica, prova-o não só a rima nas obras poeticas (por exemplo Christovão Falcão rima *pascc* com *face* na Ecloga, estancia 36; Franco Barreto na *Eneida* XI 44 e Christovão Falcão na citada estancia da Ecloga rimão *nascc* com *face*), senão tambem o encontrar-se por vezes tal graphia em dicções em que ainda hoje a pronuncia de todos é *ç* e não *sç*, por exemplo, na edição *B* da Ecloga *Chrisfal: defagradefcida* (est. 93), *padefcendo* (est. 36), e na rubríca da Carta: *parefcc;* em Orta no Colloquio 17: *carefcemos* (*carccemos* na edição do sr. conde de Ficalho).

## VII Do h

O *h* como sinal etymologico, em regra, não se empregava na orthographia antiga. Por exemplo na primeira estancia da Ecloga *Chrisfal* as duas edições mais antigas escrevem *ouue* (=houve).

Como letra auxiliar,

1) entrava nas graphias *hi* e *hu* representativas, segundo já foi dito, dos sons de *i* e de *u* quando iniciaes.

2) indicava, anteposto a vogal, que tal vogal era tónica, mormente quando podia haver ambiguidade, v. g. *ahi* (como ainda hoje se escreve ordinariamente; para distinguir da interjeição *ai*), *rrohy* (*Cancioncíro* de Rèsende III 177, 28; para distinguir do presente *rói*), *ha* (verbo, para distinguir da preposição átona *a*), *he* (vorbo, para distinguir da conjuncção *e*). (Á's vezes concorria superabundantemente com a duplicação da vogal, v. g. *hee* no *Cancioncíro* do Rèsende I 283, 20).

3) representava, no português mais antigo, posto entre consoante e vogal, o som do *i* átono reduzido que não fórma syllaba sobre si, v. g. *limpho* (=lat. *limpidus*), *termho* (=lat. *terminus*), *mha* (fórma do pronome possessivo feminino empregada só proclíticamente, v. g. *mha madre;* fóra d'ahi dizia-se *mĩa*).

---

um verbo *traacr*. Por ignorarem que, sendo *diáboo* (quadrisyllabo, do latim *diabolus*) a fórma antiga de *diabo*, lhe havia de corresponder por feminino *diáboa*, os compiladores do *Diccionario* attribuido a fr. Domingos Vieira accentuárão *diabôa*.

(1) Soares de Passos, tão esmerado na metrificação, rima *rejuvcnesce* com *aquece* (pag. 97).

Uma vez ou outra tambem occorre, como sinal soparativo:

1) indicando, depois de *n* que o *n* não é consoante, mas sim sinal de nasalação da vogal antecedente, v. g. no *Elucidario: engenho* (isto é *engẽo*=lat. *ingenuus*), *avenhir* (isto é *avẽir*=actual *avir*), *Antanho* (isto é *Antão*).

2) indicando, entre *i* e vogal, que o *i* vale de vogal e não de consoante, v. g. no *Elucidario: Juihão* (na palavra «palame»), *meihos*.

Demais encontra-se avulsamente, como inicial de dicção, já em consequencia de falsas analogias (sobre o que vamos fallar em seguida), já, ao que parece, como pura letra de luxo, v. g. *henton* (*Leges et consuetudines*), *horaçoões* (*Vida de Santa Eufrosina*).

## VIII Do pedantismo orthographico

No português antigo, somelhantemente ao que ainda hoje acontece, occorrem graphias totalmente inexactas, que sem representarem a pronuncia viva provinhão da pretensão exaggerada de escrever em conformidade com a etymologia, conformidade não raro meramente imaginaria, e tem dado lugar a ideias falsas acerca da nossa antiga phonetica. Este que podemos chamar pedantismo orthographico, manifesta-se,

1) em substituir a letra que verdadeiramente se devêra empregar, por aquella que representa o som latino de que o nosso é transformação, v. g. escrevendo *c* ou *g* em lugar da vogal portuguosa que resultou da dissolução da guttural latina, como se vê, por exemplo, nas graphias *Hector* (como escreve o seu nome o autor da *Imagem da vida Christã*) em vez de *Heitor* (como vem no *Cancioneiro* de Rèsonde II 549, 16), *docto* (como escreve J. Osorio no *Catão Maior*) em vez de *douto*, *doctra* (no *Elucidario*) por *d'outra* (por supposta analogia), *regno* em vez de *reino;* ou escrevendo *gn* por *nh*, como se vê nas graphias *cognoscam*, *cognoçudo* (no *Elucidario*).

2) em deixar de pôr a letra que representa um som que não existia no latim litterario, como se vê na graphia *screver* em vez de *escrever*.

3) em accrescentar letras em virtude de suppostas analogias ou de ideias erradas acerca da correspondencia entre os sons latinos e os portugueses, como se vê nas graphias *scripvam* (nas *Ordenações* de D. Duarte, pag. 292) por supposta analogia com *scriptor*, *reygno* (no *Elucidario*) por se não saber que o *i* de *reino* representa o *g* do latim *regnum*. (E' o mesmo erro que ha na graphia *fleugma* por *fleuma*).

---

*

# EXCURSO III

Vendo os erros numerosos que desfigurão as edições das obras de Christóvão Falcão pareceu-nos que fariamos serviço a futuros editores, se, norteando-nos pelo proemio dos *Adversaria critica* de Madvig, aprosentassemos aqui uma classificação, acompanhada de exemplos, dos erros commettidos por aquelles que dos nossos livros e documentos, manuscritos ou impressos, tem tirado novas cópias.

## I

Uma parte dos erros de que fallamos é dovida a confundirom-se letras semelhantes ou palavras que na escrita pouco differem. Tem-se, por exemplo, confundido entre si:

*c* e *t* [1]. No *Elucidario* vem: *coleiça* por *coleita*=colheita, *colheiceiro* por *colheiteiro*, *peccavi* (em «peccar») por *pectavi*, e, como acertadamente conjecturou João Pedro Ribeiro, *finco* por *finto*, *marnocciro* por *marnoteiro*. No *Espelho de casados: ſem me eſtudar com eſte Broquel* por *ſem me eſcudar* etc. (erro conservado na 2.ª edição, f. 1); no *Elucidario*, como conjecturou J. P. Ribeiro: *estanho* por *escanho*, *estoupero* por *escoupero*.

*c* e *e*. No *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda*, cap. 48 (f. 236 v. da 1.ª edição) vem: *As Orcadas choram em cabelo* por *As Oréadas choram em cabelo*. (Este erro conservou-o na sua edição o sr. Manoel Bernardes Branco sem attentar om qûe fica o verso com uma syllaba de menos e sem um dos accentos obrigatorios). No *Elucidario: jazeo* por *jazco*.

*i* e *t*. Na 2.ª edição do *Espelho de casados*, f. 23 v., lê-se: *ho que lança deſta boa molher: lança todo bem* por *ho que lança de ſi a boa molher* etc., como está na 1.ª edição (f. 31).

*i* o *r* (em uma das suas fórmas gothicas). No *Elucidario: eigo*

---

[1] «Les paléographes savent combien est facile la confusion du *c* et du *t* dans les textes du moyen âge» (Romania).

por *ergo*. No Cancioneiro da Vaticana, etc.: *moirer* (fórma que não existe) por *morrer*.

*i* e *e*. Em uma das poesias anonymas attribuidas pelo dr. Th. Braga a Christovão Falcão: *esperança atee que tinha* por *esperança atee qui* (=até aqui) tinha.

*e* e *a*. No *Elucidario: bragel* por *bragal*. No *Espelho de casados: fazera* e *fazer* por *fezera* e *fezer* (erros conservados na 2.ª edição, f. 2 e 5 v.).

*o* e *a*. No *Elucidario: breviorio* por *breviario*, *fronça* por *França*.

*o* o *e*. No *Elucidario: compoondor* por *compoendor*=compõedor, *consolar* por *conselar*=conselhar.

*u* e *n*. No *Elucidario: afruitenegar* por *afruiteuegar* (=afruitevegar), *bandounas* por *bandouuas* (=bandouvas), *cstornar* por *cstoruar* (=estorvar).

*ui* e *in*. No *Elucidario*: *antreluiado* por *antrelinado*=antrelïado (*antrclïar* significava «pôr entrelinhas»).

*ui* e *m*. No *Elucidario: auidas* (escrito, como de costume, *avidas)* por *amdas*=andas.

*m* o *rn*. Na *Historia Tragico-Maritima* (I 258): *Comaca* por *Cornáca*.

*r* e *z*. No *Elucidario: tortozes* por *tortores* (=latim *turtures)*.

*d* e *h*. Na *Historia Tragico-Maritima: de uma fermozissima quadra* por *he huma* etc.

*d* e *l*. Nos *Colloquios* de Orta: *a proua mais certa hc queimado com hũa candea* por *a proua mais ccrta é queimá-lo* etc. (erro conservado na 2.ª edição). No *Espelho de casados: toadhas* por *todalas*. (Na 2.ª odição escreveu-se *todahas* emendado-so unicamente o erro da transposição do *a)*.

Agora oxemplos de confusão de palavras que se escrevem com pouca differença, confusão que se dá facilmente com palavras menos vulgares.

Na estancia 23 da ecloga *Chrisfal* traz a edição sem data *ainda* por *ajudã*. (E' que certamente no orignal a palavra estava escrita com menos exactidão e clareza, havendo *i* por *j*, estando pouco visivel o til e confundindo-se o *u* com um *n*).

Na *Historia Tragico-Maritima* (I pag. 255) lê-se: *vi, oh Padre, a primeira vez* om lugar de *vio hũ padre a primeira vez;* e (I 454): *arrayadas* por *azagayadas*.

Em um trecho do *Memorial das proezas* (cap. 27), que é imitação e, em parte, traducção do IV livro da *Eneida*, correspondendo ao latim *solus hic inflexit sensus, animumque labantem | impulit; agnosco veteris vestigia flammae*, está: *Eſte ſoo me dobrou em parte os ſentidos, e como veyo a vontade a algũa affeyçam. Conheço e ſinto em mim hũ reſto da antigua chama que me abrasa* em vez de—*e comoveo* (=commoveu) *a vontade* etc. (Tambem por este erro não deu o sr. M. B. Branco).

No *Elucidario: a sua geira* por *á sogeira* (na palavra *apeiro*).

O *Espelho de casados* traz (f. 44 v.) *o que diſimula ha* (=a) *jnjuria calidiſſio* (isto é, *calidiſſimo*=lat. *callidissimus* «muito esperto») *he*. Na 2.ª edição (f. 43 v.) escreveu-se:—*caladissimo he*.

Na mesma obra lê-se: *c em final o fez* [Deus ao homem] *alevantado pera o Ceo c todalas outras creaturas prontas pera a terra* em lugar de—*pronas pera a terra*. (Este erro conservou-se na 2.ª edição). João de Barros tinha na mente o conhecido lugar de Ovidio: *Pronaque cum spectent animalia cetera terram | os homini su-*

49195

*blime dedit, caelumque tueri | jussit et erectos ad sidera tollere vultus.* (1)

## II

Outros erros provêm de se separarem ou juntarem inexactamente as letras.

No *Espelho de casados* imprimiu-se tanto na primeira edição (f. 10 v.) como na segunda (f. 7): *Por ellas* [mulheres] *ſe diſſe. Armado diabo* em vez de *Por ellas ſe diſſe. Arma do diabo. (Por ellas* equivale a «com referencia a ellas». Em lugar do ponto que está depois de «diſſe», a orthographia moderna empregaria dois pontos). Na mesma obra estando escrito (f. 19): *ſendo de hydade de. L. anos* (=de cincoenta annos), os modernos editores lêrão *ſendo de hydade de Lanos.*

Em um compendio escolar, transcrevendo-se uma carta de Affonso de Albuquerque (a XV 17, 33 da Torre do Tombo), imprimiu-se: *pera ſcgurar de la India* em vez de *pera segurarde-la India* (=para segurardes a India).

Na sua edição das *Obras de Christóvão Falcão*, em uma das poesias que attribue a este escritor, o dr. Th. Braga escreveu (pag. 19, columna 2.ª): *A vida vós a matais | pois a nam deixais viver, | assi que nam peço mais | que deixar de lá morrer* em lugar de—*deixarde-la morrer* (2).

Na edição de Birckman da ecloga de Christóvão Falcão, na estancia 42 está *canto de ledino* por *canto dele* (=d'elle) *dino*. E' certamente o exemplo mais notavel, por isso que tal erro deu lugar a que o dr. Th. Braga, não suspeitando inexactidão na escritura do texto, acreditasse que a nossa litteratura possuia uns *cantos de ledino*, que nunca existírão senão na fantasia d'este professor.

Certas particularidades orthographicas, taes como deixar do estar indicada a elisão e a crase das vogaes, tem sido causa de erros d'esta especie. Aqui vão alguns exemplos.

Estando na primeira edição dos *Colloquios* de Orta: *e não ha de ſiquar com area* (=*com' arêa*=como arêa) *ſenão com* (=com') *hũa farinha muito delgada*, o sr. conde de Ficalho oscreveu na sua edição (pag. 86) *e não ha de ſiquar com arêa ſe não com huma farinha muito delgada*. Na primeira odição está: *que fruta he aquella que*

---

(1) E' bem de ver que taes alterações podem ás vezes ser intencionaes, pertencendo então a uma categoria de que adiante trataremos.

(2) O que originou o erro do dr. Th. Braga foi trazer o volumo de Birckman na primeira parte da cantiga: *Senhora pois nam deixais | a minha vida viuer | jaa agora nam peço mais | que deixar de laa morrer*, onde está erradamente *laa* (com o *a* repetido) em vez de *la*, sendo que a lição correcta é—*deixarde-la morrer.*

*eſta parando* (=estàparando=está aparando) *aquetta moça*, o sr. conde escrevou—*eſtá parando aquetta moça*, como se o verbo fosse «parar» (1).

Estando na primeira edição dos *Autos* de Chiado: *oulhar eaſi* (=c'asi=qu'assi=que assim) *enfeitiça*, o sr. A. Pimentel imprimiu na sua odição (pag. 35) *Olhar quasi enfeitiça*.

Viterbo suppôs haver a palavra *lementação* (=alimentação) lendo em um documento do seculo XV *pera sua tementação*, quando deveria ler *pera suàlementação* (=sua alementação).

## III

E' froquentissimo porem-se uma só vez letras ou syllabas que deverião ostar duas vezes (em particular *r* por *rr*, *s* por *ss*, *m* por *mm*, *u* por *uu*=*uv*), e, ao revés, repetir-se o que uma só vez se deveria pôr.

São oxemplos: *eſtranha* por *e eſtranha* no 7.º verso da estancia 85 da ecloga de Christóvão Falcão na edição sem data; *quente sequa no ſegundo grao* por *quente e ſequa*—no colloquio XIII de Orta (erro conservado na nova edição, pag. 148); *meamente* por *meãmente* no colloquio XII (erro conservado na nova edição, pag. 155); *que mo sóo pode ter dado* por *quem m'o*—em uma poesia do volume de Birckman (erro conservado pelo dr. Th. Braga a pag. 29 da sua edição das *Obras de Christóvão Falcão*).

Na *Pratica dos Compadres* de Chiado está o verso *que eſta pera pera pendurar*, onde, segundo a metrica evidenceia, foi repotida a preposição *pera*, devendo pois ler-se *que eſtá pera pendurar* (2). No *Espetho de casados* está *ſer door ſobre toadhas* (erro que já notamos, por *todatas*) *as doores* por *ſer door ſobre todalas doores* (erro conservado na segunda edição, f. 9 v.).

---

(1) Outrosim *que a leuauão a Ormuz e a Arabia vender* equivale a—*e á Arabià vender* (=e á Arabia a vender) e não a—*e á Arabia vender*, como escreveu o sr. conde (pag. 202).

De igual modo no *Espetho de casados* estando na primeira edição: na f. 1 v. *indo Crato ſtudar Athenas*, na f. 4 v. *veo adoecer*, na f. 9 *he obrigada tornar*, na segunda edição devia ter-se escrito respectivamente *indo Crato ſtudar Athenas* (=a Athenas), *veo àdoecer* (=veo a adoecer; logo adiante encontra-se: *veo a deſcobrir*), *he obrigadà* (=obrigada a) *tornar*, e não *indo Crato ſtudar Athenas*, *veo adoecer* (f. 3), *he obrigada tornar* (f. 5 v). Mas, estando na primeira edição *contra Grecia* (=contrà Grecia=contra a Grecia), na segunda escreveu-se *contra a Grecia*.

(2) O sr. A. Pimentel escreveu na sua edição das obras d'este poeta (pag. 111) *que está pêra para pendurar*.

## IV

Outros erros consistem em omittirem-se, por desattenção: a) palavras avulsas, linhas, estancias; b) letras ou syllabas; c) diacriticos (a cedilha, o til, etc.).

Do primeiro caso offerece oxemplos a ecloga de Christóvão Falcão, em que falta um verso na edição do dr. Th. Braga na estancia 60, e uma estancia (a 88) na edição do Birckman.

No colloquio XV de Orta está *curam* por *curauam*, erro que não foi omendado na nova edição.

Muitos dos vocabulos inscridos no *Elucidario* não passão do graphias inexactas devidas á omissão de diacriticos; taes são *Agostio* por *Agostĩo* (1), *Martio* por *Martĩo*, *vizio* por *vizĩo*, *vio* por *vĩo* (=vinho), *via* por *vĩa* (=vinha), *Eidaya* por *Eidãya* (=*Aegitania*), *estraya* por *estrãya*, *soffragaya* por *soffragãya* (=suffraganea), *viites* por *vĩites* (=*venientes*), *luairo* por *l̃uairo*, *boas* por *bõas* (isto é, beus), *demoes* por *demões* (=*daemones*), *dulcidoe* por *dulcidõe* (=*dulcitudo*), *bravidoe* por *bravidõe*, *chaamente* por *chãamente*, *cabrua* por *cabrũa*, *avidor* por *avĩndor*, *dieiro* por *dĩeiro* (=*denarius*), *escusaça* por *escusãça*, *siples* por *sĩples; copegar* por *çopegar* (isto é, coxear), *encarar* por *ençarrar*.

Na *Historia Tragico-Maritima* I 289 o 299 está *Lingao* por *Lingão*, nos *Colloquios* de Orta *queixaſe* por *queixã-ſe* (erro não emendado na nova odição, pag. 262) (2).

## V

Tambem acontece repetir-se em uma linha uma palavra ou serie de palavras que está em outra parte symmetrica, e isto ou progressiva ou regressivamente, vindo ás vezes a palavra repotida occupar o lugar da que ahi devoria estar.

Na ecloga de Christóvão Falcão a edição sem data repetiu na estancia 75 a palavra *affim* do verso 8.º no verso 9.º Na carta do mesmo poeta a edição de Birckman repetiu no verso 34 a primeira

---

(1) As fórmas om—*inho* são posteriores ás em *ĩo* e provêm d'estas. Algumas palavras perdêrão o *o* final, vindo assim a acabar em—*im*, por exemplo *Castro-Marim*, *uva espim* (como *tom*, *som*, de *tõo*, *sõo*).

(2) No lugar do Sá de Miranda *eu sou que devera ir* (pag. 463) paroce-me que a escritura original era *quẽ*. Os antigos dizião *eu sou o que* ou *eu sou quem* e não *eu sou que*.

palavra *(que)* do verso precedente, e no meio do verso 14 a palavra *jaa* do principio do mesme verso. Em uma das poesias attribuidas a Christóvão Falcão pelo dr. Th. Braga lê-se (pag. 25) *e pois em minha alma estais | nam deis quc falar á gente; | ynda que nam estejais ausente | sempre vos vejo em mim*, devendo sem a menor duvida escrever-se no terceiro verso *ynda que estejais ausente*. Em outra das mesmas poesias lê-se (pag. 24): *Estillo da naturcza | he prazer vir dc passada, | e o prazcr e a tristcza | fazer comnosco morada*, devendo indubitavelmente escrever-se no terceiro verso *e o pesar e a tristeza*.

No verso errado da ecloga 7.ª de Bernardes: *Não posso já mais cantar e estou já rouco*, vemos nós um caso de repetição regressiva, havendo, pois, de ler-se *Não posso mais cantar e cstou já rouco*. (A corrocção proposta pela sr.ª D. Carolina Michaelis na sua edição de Sá de Miranda: *Não já mais cantar posso e cstou já rouco* parece-nos—salvo o respeito devido a tão erudita e talentosa romanista—que dá á frase uma construcção que nada tem de corrente).

## VI

A's vezes apparecem as syllabas escritas conformemente a uma pronuncia errada devida á influencia de um som proximo ou por transposição mutua dos sons.

Quando se pronuncía erradamente por influencia de um som proximo, podom dar-se dois casos: ou haver dissimilação, quer dizor, fugir-se á repetição do mesmo som, modificando-o ou supprimindo-o uma das vezes, por exemplo, *guardades* por *guardardes* no *Cancioneiro* de Rèsende I 69, 15; ou haver repetição (ou por prolepse phonetica ou por influencia progressiva), nasalando, por exemplo, uma vogal por haver perto outra vogal nasal, v. g. *provincando* por *provicando* (=publicando) no mesmo Cancioneiro.

Exemplo de transposição mutua de sons é no *Elucidario*: *çcenso* por *seenço (=silcntium)*. Exemplo notavel de transposição mutua de sons acompanhada de transposição mutua de grão é a quo se oncontra no *Elucidario* em *chagon* por *cajon* (=occasião), sendo quo houvo troca mutua de lugar entre a palatal e a guttural, passando ao mesmo tempo a guttural surda (*c*) para sonora (*g*) e a palatal sonora (*j*) para surda (*ch*).

## VII

Tambem acontece haver transposição, simples ou mutua, de letras ou palavras, por exemplo, no *Elucidario*: *jugal* por *jgual*, no *Cancioneiro* de Rèsende (I 147, 3): *nom seor* por *monseor*, como Kausler acertadamente conjecturou.

## VIII

Outras alterações consistem em inserir no texto notas marginaes, interlineares ou encerradas no texto entre parentheses, ou rubricas, ou, vice-versa em não dar pela existencia de lacunas.

Estando em um auto de Prestes:

> onde oy de ir, cõ as quartas feiras
> tendes—,

isto é:

> ondo oy de ir?

Con[fiado] ás quartas feiras

> tendes—,

o sr. T. de Noronha escreveu a pag. 246 da sua edição dos *Autos*:

> ondo hei de ir com as quartas feiras?

Confiado Tendes—.

Na edição das *Obras* de Chiado feita pelo sr. A. Pimentel vem a pag. 193 umas trovas extrahidas do um volume manuscrito da Bibliotheca de Evora. A ultima estancia é:

> Quem a si mesmo engana,
> se sois acabado feito
> ficais um perfeito macho;
> vós que sois o principal,
> usareis do natural.

Não se pode atinar com a ligação das ideias d'esta estancia. E' que o verso *Quem a si mesmo engana* é a ultima linha da folha 409, e *se sois acabado feito* é a primeira linha da folha 411, sendo que falta no volume a folha 410.

## IX

Até aqui fallámos dos erros commettidos inconscientemente; não é raro porêm o alterar-se o texto scientemente, o isto:

a) por insufficiente conhecimonto: 1) das siglas o abreviaturas, 2) da grammatica antiga (phonologia, morphologia e syntaxe), 3) do vocabulario antigo, 4) da metrica antiga, 5) da Geographia, Mythologia etc.;

b) por mera inintelligencia do texto;
c) para accommodar a uma lição errada ou mal interpretada a sequencia do texto;
d) por escrupulos religiosos, etc.;
e) para corrigir inexactidões, reaes ou suppostas.

Daremos exemplos de todas estas especies.

a. Estando em um auto de Chiado, na edição original: *molher d*(cortado) *p*(cortado)*oraz* (isto é: molher de Pero Vaz) o sr. A. Pimentel escreveu na sua edição (p. 81): *mulher do povo.*

Na primeira edição do *Espelho de casados* está: *hum proverbio que começa femina nihil peſtilenti* (=*peslilentius*); na segunda edição escrovêrão (f. 12 v.)—*peſtilentia.*

Na sua edição dos *Colloquios* de Orta o sr. conde de Ficalho, sem fazer a respectiva advertencia, substituiu:

*propyo, propia, apropiada* (pronuncia corrente ainda entre o povo, na qual ha a dissimilação que se vê em *proa*=*prora*) por *propryo* (pag. 211), *propria* (p. 76, 104, 106), *apropriada* (p. 146); *no mais* (=nô-mais) por *não mais* (p. 80); *confiês* por *confines* (p. 153), *diamãis* (=diamantes) por *diamans* (p. 216); *eſtamaguo* por *eſtomaguo* (p. 213); *Gironimo* por *Geronimo* (p. 261, 263), *aljabeira* (no *Cancioneiro* de Rèsende III 279, 23 *aljaveira*) por *aljibeira* (p. 344); *treladou* por *traladou* (p. 213); *velume* por *volume* (p. 237); *vãas* por *vans* (p. 125), *lãa* (no livro, por erro typographico, sem til) por *là* (p. 237), *bõos* por *bons* (p. 242, 290, 365);

*introduze* (no português antigo os verbos em—*uzir* erão regulares) por *introduz* (p. 19); *eſte* (isto é, *eslê*=*stel*) por *esteja* (p. 278), *eſtẽ* (=*slenl*) por *esteem; pon-lhe* (como já notámos *pon* é fórma antiga apocopada) por *põe-lhe* (p. 35); *ſinte* por *ſente* (p. 153); *vem* por *veem* (p. 260, 307); *rim* (é a fórma do verbo *rir* usual até, pelo menos, os fins do seculo XVII) por *riem* (p. 295 ; *prouocatto* (=provocal-lo) *menſtruo* por *provocar o m.* (p. 196), *tomata canafiſtola* por *tomar a c.* (p. 197), *colhelo crauo* por *colher o c.* (p. 363); *vintaquatro* (cf. *vintatres, Cancioneiro* de Rèsende III 175, 1) por *vinte e quatro* (p. 295); *a sperma* (cf. *a planeta, Cancioneiro* de Rèsende III 252, 4; *a diadema*, ibd. 124, 9) por *o sperma;*

*ho* (=o) *hum* (como em francês *l'un*) por *tum* (p. 48); *ſoe a dizer* por *soe dizer* (p. 354); *cheirã as* (=ás) *cebolas podres* (é como ainda se diz em parte do Portugal) por *cheiram a*—(p. 298); *ate* (=até) *o preſente* (no português classico diz-se *alé* e não *até a*) por *até ao presente* (p. 202), *ate o anno* por *ate ao anno* (p. 205); *lhe puſemos nome coguo* por *lhe pusemos o nome coquo* (p. 234). A frase portuguesa é como vem em Orta, cf. o proverbio «Quem o seu cão quer matar, raiva lhe põe nome» e «Ja que á bruta crueza e feridade | Poſeſte nome eſforço e valentia» *Lus.* IV, 99; igualmente em italiano «Colui cho pose nome piccol mondo | All'huomo, hebbe d'ingegno un ricco dono» Orl. inn. II 18).

Estando, na edição Eborense, na ecloga III de B. Ribeiro: *Era parece-me* (=p'rece-mo) *ordenado*, os srs. Xavier da Cunha e A. de Carvalho, seguindo edições posteriores ao seculo XVI, escrevêrão (pag. 65 dos «Versos de B. Ribeiro»): *Era, parece, ordenado.*

A folhas 21 v. dos *Colloquios* escreve Orta: *vſão* (=usão) *della per ſi ſoo acerca dos Indios* (isto é, entre os Indios, *apud Indos*), *e he boa pera o eſtomago, e pera quẽ não ſae bem* (isto é: para

quem tem prisão de ventre; nesta accepção de «ovacuar» occorre o verbo *sair* no colloquio XVI e XVII e no *Cancioneiro* de Rèsendo II 121, 4) *e pera gaſtar a vẽtoſidade*. O sr. conde de Ficalho corrompe um texto clarissimo pondo na boca do nosso medico estes desconcertos: *usão della per si só. A'cerca dos Indios he boa pera o estomago, e pera que não sae bem he pera gastar a ventosidade.* (p. 81), e diz em nota: Parece que acima onde diz «pera quo não sae bem» se deve ler «pera que sae bem».

No *Espelho de casados* está: (o homem) *pello caſamento ſe ẽlheou* (enlhear-se=alienar-se) *e se fez da molher;* os editores modernos escrevêrão (f. 5): *pello caſamento ſe entregou e—*

Nos *Colloquios* de Orta o sr. conde de Ficalho substituiu por *natural da Apulia* a lição original *natural da Pulha* (*Puglia* ó ainda hoje o nome italiano d'aquella provincia do antigo reino de Napoles).

b. Na edição original do *Espelho de casados* lê-se: *muitas couſas yrão dentro ynſertas* (=inseridas); na segunda edição escrevêrão (f. 4):—*dentro e yncertas*. Tambem naquella edição está: *os que nauegam deſde que ſaẽ a Porto* (isto é, desde que aportão) *contam—o que lhes aconteceo no mar;* na segunda edição escrevêrão (f. 2)—*saem o Porto—*.

c. No verso: *e pois ajudã meu choro* da estancia 23 da ecloga de Christóvão Falcão, a edição sem data lendo *ainda* em vez de *ajudam* substituiu para haver coherencia syntactica *meu chôro* por *que chóro*.

Nos versos: *Vendo então que me forçava | o prazer fazer demora* da estancia 71 da mesma ecloga, a edição de 1619, inserindo a preposição *a* antes de *fazer*, por desconhecer a syntaxe antiga, substituiu, para o verso ficar certo, *prazer* por *gosto*.

d. A edição de Birckman substituiu na ecloga de Christóvão Falcão *Deos* por *dita* na estancia 99, e por *fortuna* no verso 27 da carta.

e. Na sua edição do *Espelho de casados* escrevêrão os srs. T. de Noronha e visconde de Azevedo: *e querendo-o trazer a tume: temia eu os detratores* (f. 2), quando na edição original está:—*temia os detratores*.

Estando na edição original: *outro nã foy ou* (erro, por *o*) *ſeu fim* (f. 17 v.), os mesmos senhores escreverão: *outro nam foy outro ſeu fim* (f. 12 v.)

Tambem, achando-se na primeira edição (f. 5 v.): *Trax Rey dos Biſateos*, imprimírão (como de costume, sem dizerem qual a lição da edição original). *Trar* (sic) *Rey dos Biſanleos*. Certamente *Biſateos* é devido a má leitura; mas a correcção *Biſanteos* ó inacceitavel pela simples razão de não existir tal palavra. João de Barros conta um facto que vem em Herodoto VIII 116 (1); assim que ha-de ler-se *Biſallas*. (2)

---

(1) João de Barros, que sem duvida se serviu de uma versão latina do historiador Grego, tomou, por equivoco, o adjectivo patrio *Thrax* (=Thracio) por o nome proprio do rei.

(2) Muitos outros exemplos de erros de todas as categorias

Fecharemos este excurso com uma observação.

O conhecimento das graphias originaes é util, e quando um texto é duvidoso, indispensavel. Assim, no *Cancioneiro* de Rèsende II 381, 7 Kausler escreveu *meo·ssepultados*. Na edição original está *meosſepultados*, conseguintemente Kausler devia escrever *meos·sepultados* (o que é mais um exemplo de uma construcção cuja legitimidade foi, ha pouco, nesciamente impugnada). Na sua edição dos *Autos* de Prestos escreveu o sr. T. de Noronha *ido traz* (o que não faz sentido algum); na edição original está *ido tras*, o que leva immediatamente á correcção *idolatras*. Na segunda edição dos *Colloquios* de Orta lê·so a pag. 104 *he o milhor que todos*. Sabendo·se que na edição original está: *he o melhor q̃ todos*, reconher·se·ha que houve troca da abreviatura de *de* pela de *que*, e ler·se·ha: *he o milhor de todos*, como exige a grammatica.

---

de que temos fallado, vão notados nos artigos que publicámos na *Zeitschrift* do Gröber (em allemão) sobre a edição do *Cancioneiro* da Vaticana pelo dr. Th. Braga, das *Obras* de Chiado pelo sr. A. Pimentel, e sobre o *Cancioneiro* de Rèsende, e na *Revista Lusitana* sobre a edição dos *Autos* de Prestes pelo sr. Tito de Neronha, o dos *Versos* de B. Ribeiro pelos srs. Xavier da Cunha e A. de Carvalho.

# ERRATAS

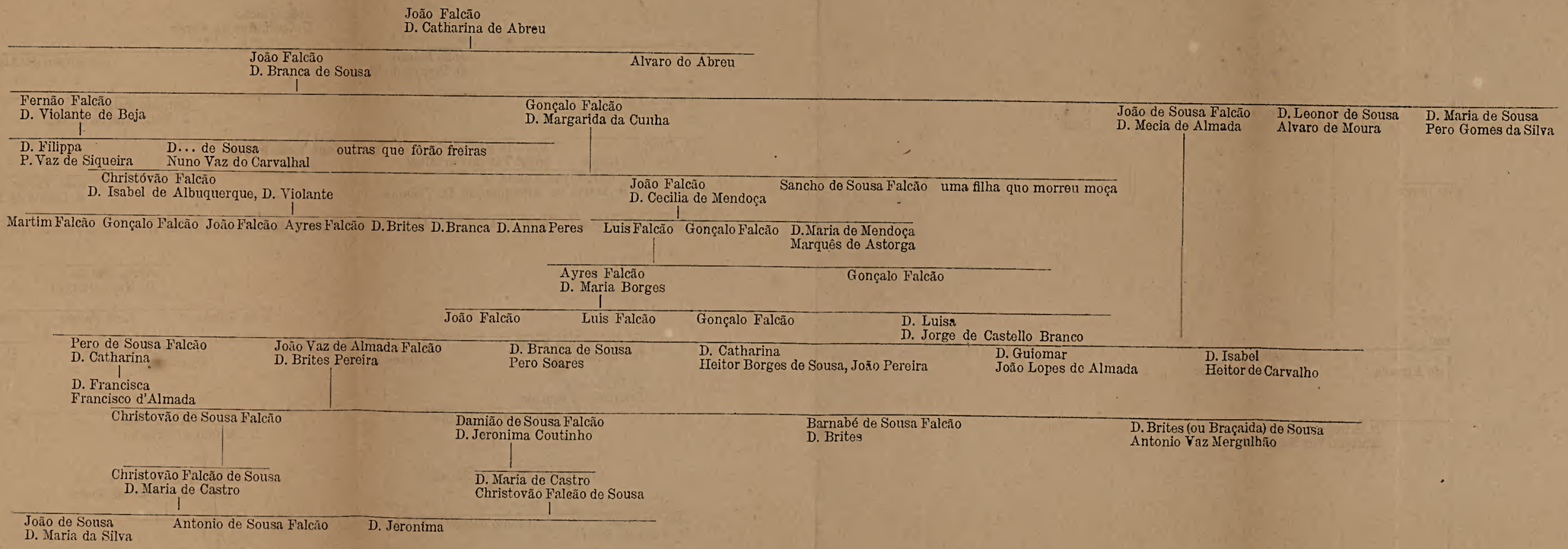
Na Introducção: pag. 8, linha 30 das notas, está: de Couto, por: do Couto.

No toxto: pag. 32, l. 9, está: Deixou-me, por: deixou-me; p. 43, l. 10, falta um ponto final no fim do verso; p. 74, l. 1, está: n'eſte, por: neſte; ibd., l. 6: não me, por: me não; p. 81, l. 4: e quem, por: que em. Demais em varios lugares está escrito «s» em vez de «ſ» (o primeiro é na pag. 23, l. 7; saudade, por: ſaudade).

Nas variantes: pag. 32, l. 5, está: leyxon, por: leyxou; p. 44, l. 3: aſſuruiaua, por: aſſuuiaua; p. 46, l. 4, depois de: *S* o., falta: *D* no.; p. 47, l. 1, depois de: door., falta: 6 *F* deſimulada.; p. 50, l. 6, depois de: nuueis., falta: *T* nuvens.; p. 53, l. 5, está: *FD*, por: *BD;* p. 67, l. ultima: *FA*, por: *SA;* p. 69, l. 8: *B*, por: *F;* p. 71, l. 6: *F*, por: *FA;* ibd.: *D* aſſim, por: *C* aſſim; p. 74, l. 9, depois de: as, falta: *E* como; p. 77, l. 7, depois de: não cre, falta: 9 *B* door. *T* dôr. 9 *B* cree. *T* crê.; p. 78, l. 4, depois de: *D* e., falta: *B* agradoſçida; p. 81, l. 7, depois de: auer., falta: *B* de. *T* da; ibd., depois do: repoſta, falta: *B* reſpoſta.

Nas notas: pag. 22, columna 2, l. 3 do fim, está: E, por: E'; p. 36, col. 2, l. 2 do fim: 5.º, por: 6.º; ibd., l. 1 do fim: 6.º, por: 7.º; p. 40, col. 2, l. 22: vejo, por: veo; p. 45, col. 2, l. 13: 4.º, por: 5.º; p. 50, col. 1, l. 1: 5, por: 6; p. 52, col. 1, l. 8: *D*, por: *C;* p. 61, col. 1, l. 9: 7, por: 9.

# QUADRO GENEALOGICO (segundo as melhores autoridades)



ESTA PUBLICAÇÃO DEVE SER
DEVOLVIDA NA ÚLTIMA DATA
MARCADA

| | | | |
|---|---|---|---|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

ILHPA-Mod. SBD/65

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE ASSIS
INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E PSICOLOGIA

– BIBLIOTECA – BCAP

Tombo 49.195 Classe 869.1
BCAP F178o

Autor FALCÃO, Cristovão

TOMBO: 49195

INSTITUTO DE LETRAS, HISTÓRIA E PSICOLOGIA DE ASSIS - UNESP

BIBLIOTECA

Se este livro não for devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para êste livro.

ILHPA - Mod. SBD/161